

DANILO STANK RIBEIRO

DA OFICINA, DO OFÍCIO, DO OFICINEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve

FLORIANÓPOLIS

2017

R484d Ribeiro, Danilo Stank

Da oficina, do ofício, do oficineiro / Danilo Stank
Ribeiro. - 2018. 237 p. il. ; 29 cm

Orientadora: Ana Maria Hoepers Preve

Bibliografia: p. 229-236

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Comunicação escrita. I. Preve, Ana Maria Hoepers. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 469.07 - 20.ed.

DANILO STANK RIBERO

DA OFICINA, DO OFÍCIO, DO OFICINEIRO

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Banca Examinadora:

Orientadora: Professora Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve
FAED/UDESC

Membros: Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa
CE/UFSM

Prof. Dra. Karen Christine Rechia
CA/CED/UFSC

Prof. Dra. Ademilde Silveira Sartori
FAED/UDESC

FLORIANÓPOLIS

2017

AGRADECIMENTOS

A Bruna Mansani por partilhar esse momento comigo, por estar ali, aguentar uma “rabugentisse” ocasional, por habitar e partilhar uma vida comigo.

A Cibele, minha filha, que atravessa esse trabalho, sem a qual nada disso existiria, que me ensina mais sobre mim e sobre a vida, do que eu a ela.

A minha família, por estar presente, por acolherem esse momento e, para um canceriano, sem a qual pouca coisa tem sentido.

Minha mãe e pai que pela parceria ajuda, auxílio, afeto.

A Vera, minha sogra, pela força, a capina, a ajuda, pelos calos nas mãos, a roçar terreno para não pensar em nada.

A Ana Preve pela amizade, teimosia e insistência, por abrir espaços e ver em mim algo que nem eu sei o que é.

A Ana Godoy pelas conversas de domingo, as leituras e por partilhar comigo esse ofício de fazer blocos.

Ao Guilherme Corrêa cuja presença atravessa todo esse trabalho.

A Karen pela parceria e as conversas do grupo e o cinema.

A Ademilde pela leitura, as matérias e os encontros no mestrado.

Ao Luiz pela grandeza e simplicidade na sua sofisticação. As trocas e parcerias desses dois anos.

Ao Cristiano cuja paixão pelo futebol move muitas coisas.

A Viviane por ter me mostrado um outro dialético, e o quanto a oficina reverbera em outros cantos

A Michele/Rata por intervir aqui como intervém na vida.

A Maria Oly por ter nos recebido em sua casa, aberto um espaço que se amplia com custo. Seu jeito diferenciado de ser, sua vida-oficina.

As todos aqueles que compõem essa estrutura e a fazem funcionar, apesar de tudo. Aquelas e aqueles que fazem parte da FAED, professores que eu tive oportunidade de conviver e ter aulas, forte abraço, todos habitamos esse espaço juntos.

Aos órgãos de fomento, a CAPES, e aos recursos que disponibilizou como bolsa e que me proporcionaram dedicação integral para esse trabalho.

Aos colegas de curso pelas conversas em sala e fora dela.

Aos membros e ex do Geografia de Experiência. As conversas, seus trabalhos, a presença de vocês se faz sentida aqui (Gi, Sandro, Camila, Carol, Karen, Ana, Michele, Rapha, Marina, Willian, Kathy, Maynine, Vanesca, Karina...)

A Rede Geografia, Imagens e Educação, e pelas pessoas e lugares incríveis que conheci por fazer parte.

A você que lê e me conhece um pouco, pois muito de mim está aqui presente.

*Quando penso que uma palavra
Pode mudar tudo
Não fico mudo
Mudo
Quando penso que um passo
Descobre o mundo
Não paro o passo
Passo
E assim que passo e mudo
Um novo mundo nasce
Na palavra que penso.*

Alice Ruiz

RESUMO

RIBEIRO, Danilo Stank. Da oficina, do ofício, do oficineiro. 185p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação – Linha de Investigação: Educação, Comunicação e Tecnologia) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

A oficina como eixo. Em volta dessa palavra, partimos de um texto (CORRÊA, 2000) das movimentações que ele faz na construção de uma ideia de oficina, para verificar alguns desdobramentos dessa ideia. Primeiro, reflexões e tentativas de graduando em início de sua docência buscando meios e modos para iniciar cartografia com uma turma de quinto ano, ao passo que, como oficineiro, tenta criar uma oficina experimental. A confluência entre esses dois momentos apresenta uma **oficina que se chega**. Segundo, voltamos ao texto, tentamos apresentar seus movimentos, os processos, suas reviravoltas até chegar em uma ideia de oficina. Nisso, vemos cruzar outro percurso, um modo de leitura, uma relação, algumas movimentações no e com o texto A confluência entre esses dois movimentos apresenta **um texto**. Em **encontros**, acompanhamos uma ideia: fazer de uma entrevista funcionar como oficina. Acompanhamos essa ideia e o que se passa com ela em entrevistas-oficina com oficineiros que tem em comum, o texto e a ideia que ele carrega. Atravessando isso tudo, três vontades: fazer funcionar uma dissertação como oficina (na forma, na escrita e a organização), apresentar um modo de realizar certo ofício (os processos que o constituem, as anotações e tentativas) e habitar o mundo como oficineiro (no modo, em sua realização, como a escrita e pesquisa é atravessada pela vida).

PALAVRAS-CHAVE: Oficina, ofício, oficineiro; educação como invenção;

ABSTRACT

The workshop as axis. Around this word, we start from a text (CORRÊA, 2000) of the movements that it makes in the construction of a workshop idea, to verify some unfolding of this idea. First, reflections and attempts to graduate at the beginning of his teaching by seeking ways and means to start cartography with a fifth-grade class, while, as an *oficineiro*, try to create an experimental workshop. The confluence between these two moments presents a workshop that arrives. Second, we return to the text, try to present its movements, processes, their twists and turns until arriving at a workshop idea. In this, we see cross another path, a way of reading, a relation, some movements in and with the text. The confluence between these two movements presents a text. In *encontros*, we follow an idea: make an interview work as a workshop. We follow this idea and what happens with it in interviews-workshop with *oficineiro* who have in common, the text and the idea that it carries. Through all this, three wishes: to make a dissertation work as a workshop (in the form, in writing and organization), to present a way of performing a certain *ofício* (the processes that constitute it, the annotations and attempts) and to inhabit the world as a *oficineiro* (in the way, in its accomplishment, as writing and research is crossed by life).

KEY WORDS: Workshop, Office, Clerk; Education as Invention

LISTA DE ABREVIATURAS

FAED	Centro de Ciências Humanas e Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
NAT	Núcleo de Alfabetização Técnica
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
HCTP	Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico

Sumário

UM OUTRO COMEÇO -----	13
OFICINA SE CHEGA -----	24
UM TEXTO -----	48
SABÃO -----	52
COMEÇOS POSSÍVEIS -----	53
PEQUENAS RELAÇÕES COTIDIANAS -----	56
UM NÚCLEO -----	58
PEQUENAS RELAÇÕES COTIDIANAS II-----	60
FOTOGRAFIA E SEXUALIDADE -----	62
DOS PEQUENOS EXERCÍCIOS DE LEITURA E AS MARCAS DE UMA RELAÇÃO I -----	63
TEATRO -----	65
DOS PEQUENOS EXERCÍCIOS DE LEITURA E AS MARCAS DE UMA RELAÇÃO II -----	66
ENCONTROS -----	70
ANA PREVE -----	82
CRISTIANO -----	98
MICHELE -----	114
ANA GODOY -----	130
VIVIANE -----	146
MARIA OLY -----	160
DA OFICINA, DO OFÍCIO, DO OFICINEIRO -----	186

DA OFICINA-----	186
DO OFÍCIO-----	202
DO OFICINEIRO-----	215
BIBLIOGRAFIA-----	231

UM OUTRO COMEÇO

Sigo.... Assim encerrei o término de uma fase¹ (ou quis lhe dar por encerrada) como quem chega a um ponto onde o que resta é simplesmente seguir, largar tudo, sei lá. Seguir a um impulso daquilo que move, daquilo que mexe, movimentar, atirar. Qualquer coisa, tanto faz. Seguir pois é isso que nos resta, seguir até quase exaurir as forças, até que algo nos faça parar, até perder o rumo, o trilho, a referência, até que sobre somente o resto do resto de um corpo, e uma vontade que lateja dentro dele, que não se sabe bem o que é, que não tem forma, que não se apaga, e que pede passagem, pede espaço para que outra coisa ocorra, para que outro começo se faça possível, outra vez.

1

Nunca mais fui o mesmo depois que minha filha nasceu. Toda vez que eu penso em começo, essa música me vem à cabeça. Meus começos nunca mais foram os mesmos.

*Quero começar mais não sei por onde, onde será que o
começo se esconde?*

*Quero começar mais não sei por onde, onde será que o começo
se esconde?*

*Quero começar mais não sei por onde, onde será que o começo
se esconde?*

¹ Me refiro aqui ao modo como terminei meu Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia chamado Geografia Experimental do Corpo, do qual trato processo de construção da oficina homônima, e que encerei com a palavra Sigo... antecedido ao poema “Páginas par Kafka” de autoria de Paul Auster, usado como inspiração nesse bloco.

*Quero começar mais não sei por onde, onde será que o começo se esconde?*²

O que se segue são as muitas tentativas de encontrar um começo, de começar alguma coisa, sem saber por onde, sem saber por onde...

2

O que se segue, é como se segue. Seguir, mesmo com vontade de parar, de fazer outra coisa, tomar outro rumo. Passei quatro anos de uma Graduação em Geografia fazendo e falando da mesma coisa: a oficina *Geografia Experimental do Corpo*³. Uma relação longa, e como toda relação, chegara a um ponto de estafa, de não querer pensar temas possíveis a partir disso, de repeti-la, de tentar explorar modos de dizer sobre ela e sobre aquilo que dela poderia se aproveitar, aquele ponto em que não parece haver mais nada o que dizer. Não consegui ao todo. Isso de fazer oficina, um modo de fazer, tanto grudou em mim que, aqui, nessa dissertação, não fiz outra coisa que repetir, explorar, pensar formas de dizer da **oficina como um modo de fazer**. Isso gruda mesmo, chega a ser uma forma de estar no mundo, de agir, de ser, tanto faz o tema (e não se sabe se quem vem primeiro foi o modo ou se ele provem de dentro da vida, se vem da cabeça ou das mãos, ou se tem a ver menos do que pensar, refletir, do que ariar, estender, esfregar) A partir da oficina (palavra, noção, ideia, conceito, método, maneira, prática etc.) é que se segue. Com ela no meio, eu giro envolta, e o que eu apresento aqui, nessa dissertação, é a forma que encontrei de compor com as

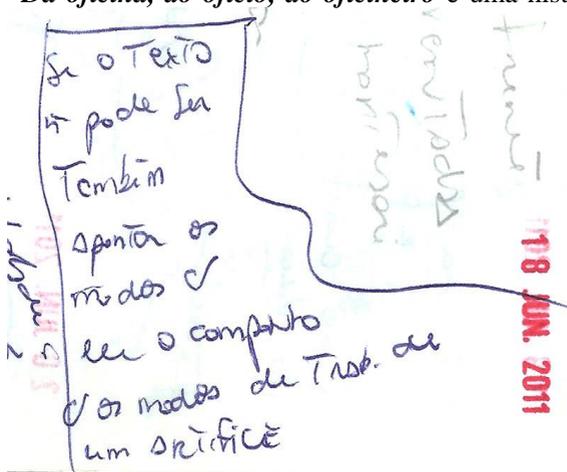
² Refrão da música “Quero começar” do grupo Tiquequê (http://www.tiqueque.com/quem_somos.html). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eYNBoL_g2t0

³ RIBEIRO, Danilo Stank. *Geografia experimental do corpo*. 2015. 95p. (Monografia de Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2015.

coisas que encontrei a perseguindo e a contornando, como modo mesmo de pesquisar e existir. Ela foi meu eixo, minha fixação, minha sina. Um ponto, daqueles que anunciam um sempre começo, daqueles que a gente orbita (às vezes perto o suficiente para achar que podia tocar ou suficiente até quase sumir seus efeitos, até vê-la desaparecer quase completamente, um tanto de coisas de uma relação). Nesse jogo que compus esse trabalho, traçando orbitas ao redor dela. Foi tanto o empuxo que não precisei fazer nada a não ser me deixar conduzir por sua força de atração e repulsão. O que se segue é o modo como transformei em escrita esses movimentos.

3

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma história forjada (fabricada, moldada, composta, inventada, fictícia).



Partindo de uma narrativa, um texto de um autor que trata de oficina, fui narrar outra coisa, descobrir um estilo. Não foi fácil. Um modo que foi ensajado no processo. Um modo que é construído na relação com aquilo que vem, com os

materiais que se tem a mão, com *observar* o que chega, com coisas que vêm de fora, com as circunstâncias, com o que se agrupa no entorno de si, com o que se seleciona para dizer. É um trabalho de composição mesmo. *Nada vinha antes*, ele foi ficando com essa cara à medida que eu avançava e ia encontrando coisas pelo caminho, qualquer coisa. Peguei tudo que eu conseguia carregar comigo nessa andança e fiz esse lugar. Tudo que segue é uma tentativa de trabalhar com as coisas que

encontrei, dispô-las, agrupá-las, torcê-las, fundi-las, espreme-las, martela-las.... Uma tentativa de fazer com que ele funcione, que dele se tire algo, ao passo de sabotá-lo, brigar com ele, praguejar, querer vê-lo ruir. Erguer e habitar um lugar. Essas coisas que uma pesquisa tem.... Portanto tem mais a ver com uma maneira de fazer, que se constitui e revela no processo, do que uma questão a ser respondida, algo a ser explorado do que algo a ser esclarecido.

4

O que se segue é algo muito simples: Como eu encontro um texto e a partir dele tomo uma ideia de oficina. Como vou fazendo, tentando e testando coisas, até chegar em uma que certa noção de oficina. ***Uma oficina que se chega.*** Depois volto, falo do texto, da relação com o texto, dos movimentos do texto, dos meus movimentos nele, que chamei de ***Um texto.*** Adiante, com texto e alguns objetos na mão, vou conversar com algumas pessoas que têm em comum comigo o tal texto e a tal oficina que ele opera. Chamo a conversa de entrevista-oficina. Tento fazer funcionar uma ideia, e vê-se, ao longo das conversas, ela virar outra coisa. Tento compor com as falas dessas conversas, mostrar os desdobramentos, as metamorfoses dão tal ideia de oficina. ***Encontros.*** Por fim, tento pensar nisso que atravessa essa dissertação inteira, que é o nome que dei a ela: ***Da oficina, do ofício, do oficineiro.***

5

Sobreaviso sobre o que se segue: esse trabalho é essencialmente dividido em quatro capítulos, que por sua vez é dividido em vários blocos (pequenos fragmentos textuais, que às vezes têm certa ordem, outras não) Do primeiro capítulo, ***Uma oficina que se chega,*** você encontrará o seguinte: uma tentativa constante de dar aulas de iniciação cartográfica à alunos do 5º ano de uma escola, algumas reflexões acerca disso; e um relato de uma oficina, a primeira vez em que ela foi realizada e os pensamentos que se engendram dali. A junção de ambos procura dar a ver uma ideia que se forma, como acontecimentos são

desencadeados, como chego em uma oficina. Esses dois movimentos se intercalam, parecendo se confundir, pois é isso mesmo, são decorrentes um do outro. No segundo, **um texto**, dou voltas e voltas em um texto, intercalo uma maneira que usei para adentrá-lo, para mostrar uma ideia de oficina construída no processo, com meus movimentos nele, minhas anotações, meus usos, uns exercícios que fiz com ele, enfim, as relações que criei nessa busca pelo que é oficina. Em **Encontros** tento fazer vingar uma proposta que chamei de entrevista-oficina. Nela, entrevisto seis oficineiros, seis pessoas que têm em comum, entre elas e comigo, um texto e fato de fazerem oficinas a partir do que este texto trabalha. A ideia inicialmente é simples, uma conversa a partir de objetos (cinco) que foram parte ou tem a ver com a oficina que cada um fazia. Ao longo das entrevistas, acompanhamos o que acontece com a tal ideia. Transcrevi cada conversa, editei algumas para formar blocos. Entre esses blocos de fala (em *itálico*), eu escrevo uma ou outra coisa relacionada ou não com o que foi falado. Por fim, tento pensar nisso que atravessa essa dissertação inteira, que é o nome que dei a ela: **Da oficina, do ofício, do oficineiro.**

6

Posso dizer que aqui há ao menos três intenções principais permeando esse trabalho, e que me surgiram quase no fim, quase depois de organizar o possível, se tenta captar os movimentos, aquilo que paira. São mais vontades que o perpassam, talvez um exercício, um modo de organizá-lo ou os “objetivos” (nem sempre realizados):

- Fazer uma dissertação funcionar como oficina.

Juntar falar de algo e fazer algo; trabalhar essa inseparabilidade; apresentar o funcionamento dela no modo como se estrutura e pensa o trabalho; escrita como oficina; realizar uma oficina na escrita; mostrar desdobramentos da ideia fazendo um desdobramento.

- Apresentar um modo de realizar certo ofício.

Criar estratégias de composição; expor os processos que lhe deram forma; experimentar e desenvolver modos, estratégias, práticas, técnicas, ferramentas e uma linguagem (um modo de dizer) pelo e no fazer; educação como prática artesanal; educação como criação; tentar pensar o que faz um educador; fabricar ou produzir processos artesanais de fazer.

- Habitar o mundo como oficinairo.

Trabalhar essa linha entre quem escreve e o que se escreve; se expor mediante a escrita; como há vida fora de um trabalho acadêmico; trabalho-vida, escrita-vida; onde escrever, pensar e viver se cruzam; pensar a formação; o que constitui um educador; alargar ideia de pesquisa; mostrar como essa dissertação atravessa minha vida e vice-versa.

7

Esse trabalho é dividido em capítulos e esses em diversos blocos, com pouco ou nenhum encadeamento entre eles. Alguns, em *itálico*, se referem às falas das pessoas que o atravessam ou citações de textos que eu usei. Minhas inserções são todas sem alterações, na fonte e em formato “normal” e corrente do texto: Times New Roman.

8

Cada bloco é um acontecimento. Cada um começa e encerra uma pequena coisa, é um pequeno mundo. Deles, poderia ficar tecendo mil outras coisas e nunca terminaria. Não foi uma opção escreve-los assim, foi uma necessidade dada pelo ritmo da escrita, das possibilidades de escrever, das relações que a pesquisa foi me dando, do seu metabolismo, uma maneira de exercitar certo ofício. Foi uma escrita em movimento, em grande parte (e que aqui, nesse trabalho, se apresentam como rascunhos, esboços, e por isso quase ilegíveis, pequenas ideias que surgiam enquanto eu fazia outra coisa, qualquer coisa, e escrevia às

pressas com o que tinha a mão). Com eles eu construí um lugar, dei um nome e cara, tipo uma casa mesmo.

9

A maioria dos blocos é numerada, exceto um ou outro pontual, mas que eu explico melhor no contexto em que eles aparecem. Há diversas imagens no texto, a maioria rascunhos que fiz para compô-lo. Eles atravessam o texto quase inteiro e tentam dar a ver uma forma de fazer, a maneira como ele nasceu, entre outras coisas. Às vezes eu os uso para compor blocos, outras vezes eles estão soltos, pois têm relação com algo que está sendo trabalhado onde eu os coloco. Além disso, há alguns “mapas” no interior desse trabalho, que são um modo de apresentar, de botar no espaço, de expor, dar a ver, um modo de dar visualidade a elas, um modo de entrar em cada parte, ou de me organizar em meio a tantos rascunhos e caminhos a seguir.

10

Os blocos são todos embaralhados. Não há uma “ordem” de tema abortados entre eles, em especial no 2º e 3º capítulo (do texto e das entrevistas), em que entremeio partes do texto e falas das pessoas com coisas minhas. Às vezes, nessa composição, elas são consonantes, outras vezes discordam, ou apenas seguem seus caminhos, e é uma maneira de mostrar como aquele trecho ou fala mexeu comigo, de como certas coisas funcionam ou não para mim, ou eu simplesmente os uso como escora e falo algo que eu queria ter falado independentemente da sua existência. Exceto no primeiro (em que falo da minha oficina), onde os blocos são uma mescla de acontecimentos distintos durante o ano de 2012, uma tentativa de aula e uma prática com oficina.

11

Os blocos parecem todos embaralhados, sem coerência lógica entre eles. Mas cada bloco tem sua função. Tem horas que cansa, outras que confunde, dá até vontade de jogar o texto fora. É tudo intencional para produzir alguns efeitos (confusão, cansaço, abandono ...) que são alguns dos efeitos que tive os escrevendo e pesquisando, e assim, fiz o possível

para que você nunca termine de lê-lo (se tivesse mais tempo tinha escrito até o infinito sobre isso). Um trabalho que nunca se termina.

12

Há um jogo ali, que instiga, que faz continuar lendo, mesmo com vontade de parar. Quando um termina, você pensa, “só mais um”, e quando vê, termina e não sabe como chegou até lá. É tudo intencional para produzir alguns efeitos: capturar, fazer perder, imergir. Fiz o possível para que você, ao terminá-lo, desejasse que eu tivesse tido mais tempo para escrever até o infinito sobre isso. Um trabalho que nunca se termina.

13

Esse trabalho é feito em blocos, portanto, você pode lê-lo quanto, onde, e como quiser, isso é critério seu. Podem ser lidos em qualquer ordem, ou em cadeia, ou pulando, ou em sequência. Alguns blocos são tão sólidos que dão bons alicerces Uns são de areia, se apertar, eles se desfazem, só estão juntos por aparência. Às vezes eles têm a ver, às vezes conversam, às vezes uns são continuação ou consequência do anterior, às vezes uns são nada a ver. Uns a gente alisa bem, joga água, taca fogo, raspa, nivela, para encaixar. Uns nascem prontos e só cabem naquele lugar. Todos têm meio cara de tijolo. Tem aqueles que parecem grandes conglomerados. Alguns parecem repetir-se, alguns efetivamente se repetem. Uns dão boas vigas, outros tem cara de parede, outros são mais chão, tem uns que dão bons muros, outros são só detalhes ou enfeites. Alguns funcionam bem, outros nem tanto. Alguns blocos não estão em ordem cronológica. Os assuntos tratados por eles podem ser de tempos distintos. São coisas que aconteceram a época em que se referem, ligados ao contexto e ao que eu pensava ou como aquilo me afetou. Alguns blocos são verdadeiras brincadeiras. Tem uns que parecem não dizer nada, ou contradizer-se, mas servem para produzir efeitos, vão além do que é dito. Queria poder ligá-los, fazer pontes entre eles, puxar um de uma parte para compor com o outro, mas não fiz, por impossibilidade, ou por não saber como fazê-lo.

14

Esboço uma palavra no meio: Oficina. No meio, intervalo, ponto entre extremidades, local do acontecer, do estar, um modo para, onde algo se move, do presente, mas também do equilíbrio, da sustentação, da parcimônia, da referência etc. Pego a palavra e a desdubro, puxo umas palavras da palavra que deu início. Rabisco uma relação. Colo uma na outra por uma seta, não um traço, não uma linha, uma seta que é indicativo de um movimento, de uma direção, aponta para certa intencionalidade. É por ali mais ou menos que eu vou, que segue, que eu sigo. Mas de uma palavra se tira outras tantas. E daí surge fazer com, invenção, artesanal, e daí surge partir de, utilizar o, dizer de, e daí surge processo, formação, ofício, oficineiro... As relações são muitas. Há muito “a ver” (de ter relação com, de ainda por olhar) se a gente espreme bem. A medida que avança, à medida que se afasta do centro, já não é bem certo por onde seguir. As coisas se confundem um tanto, as palavras já não saem tão certas. O centro vai ficando distante, a cada nova palavra que surge, a cada novo traço, essa linha/seta perde um pouco do seu viço, ao ponto que ao afastar-se do meio, certas coisas parecem um pouco soltas, um pouco jogadas, um pouco repetitivas, porém, é desse afastamento que vai sumindo um pouco o que deve, o que é dado, o que sai fácil, que é óbvio, e vai aparecendo o espaço do que pode, do possível, do impensado, do que varia. Nesse jogo de alargamento da palavra e tensionamento de relações. Portanto, trata-se menos de um caminho provável, já demarcado, e mais de um movimento de aproximação e afastamento, menos daquilo que aparece de forma clara, e mais dos espaços em branco, de lacunas, de frestas... por onde fazer e apagar alguns caminhos ou borrar alguns contornos. Tudo isso, apertar, escrever palavras, desenhar setas, é como um caminho que a gente traça antes de começar, um guia, um mapa. Se a gente segue por ali, depois por aqui, talvez algo fique claro para nós e para quem lê. É tentar dar forma, dar contorno, para não se perder, ou melhor, para deixar-se perder pelo meio, meio sem querer, até que nos liberemos do mapa, para o que ainda não se sabe, para o que ainda não sabe.

OFICINA SE CHEGA

8/5

→ como chegar
à oficina

Oficina se chega

Não se faz uma oficina, se chega a uma

Mostrar a atmosfera da oficina
dar conta disso

Falar o que rolou, como foi
e partindo dela pensar questões

que material usar //
fazer falar o tema

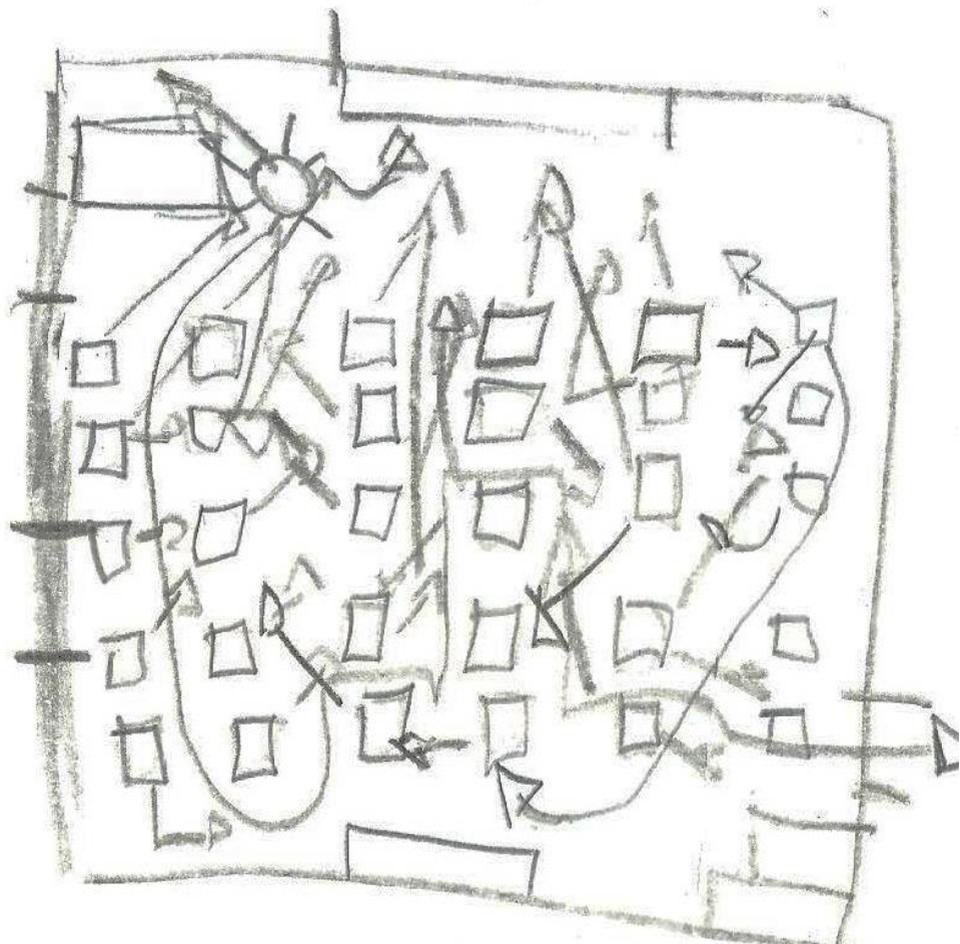
Oficina se chega. Não se faz uma oficina, se chega a uma: Mostrar a atmosfera da oficina, dar conta disso. Falar o que rolou, como foi, e partindo dela, pensar questões. Que material usar para fazer falar o tema?

“*Uma oficina se chega...* Não sei bem como ou circunstância formulei essa assertiva, sei que ela apareceu em algum momento da pesquisa, assim como tantas outras, rabiscada em um canto de folha para não se perder, quanto eu estava fazendo qualquer outra coisa que não sentado na frente de um computador tentando escrever uma dissertação (não se sabe bem o que dispara, algo que enseja uma ideia, em que lugar ou hora ela resolve aparecer). Depois perdida na desordem, só para novamente reaparecer aqui, como começo, quando a gente encontra outra vez aquele pedaço de papel, uma quase ideia que dá um bom início. Se método é tipo uma mania que se repete, então esse foi meu método de pesquisa, pois foi assim que esse trabalho foi talhado, rascunho a rascunho, e assim ele pode ser lido, como uma tentativa de trabalhar, de organizar, de construir, erguer algo, ou bagunçar, sabotar, brigar (aquelas coisas que toda relação tem) com isso que vem não se sabe de onde, com o que se encontra, com os *materiais que se usa para falar do tema* serve não se sabe bem para que, (que aqui parece como anotações, rabiscos, rascunhos, mapas, imagens...) como tentativa de grafar algo, de capturar algo desse movimento, um pequeno instante no meio daquilo que passa, um *frame*, de tentar fazer visível *a atmosfera*.

Uma oficina se chega. Se chega pois é preciso andar, seguir e pôr-se em movimento, fazer mover aquilo que nos cerca, nos envolve, nos oprime, nos sufoca... Ampliar e espriar os contornos, os limites (sobretudo os nossos). Seguir, as vezes desembestado, as vezes cauteloso, outras aos saltos, correndo, algumas sem ver, guiado, contando os passos, marcando o tempo, cada curva, cada reentrância.

E como se chega a uma oficina? Pegar algo goste, que tenha vontade, um tema, e pensar em uma oficina. O que eu gosto? O que quero estudar? O que daria um bom tema? Como se faz uma oficina? São perguntas de começo a uma proposta que parece simples, e de fato é, mas que demorou muito para ser ensaiada, e sempre parcialmente. Aqui, percorremos o ano de 2012, de forma pontual: as lembranças, os momentos em que algo bifurca, alguns encontros (com coisas, com gente, com nós mesmos). Algumas atividades com um quinto ano, tentativas de ser professor (de tomar esse lugar e postura) de iniciar cartografia e fazer mapas sem saber como e onde, uma tentativa de encontrar com algo que move, uma questão, um tema, uma oficina. Os

blocos se entrelaçam, os acontecimentos também, não se sabe qual reverbera em qual, foi tudo mais ou menos ao mesmo tempo, de supetão.



1

O ano era 2012. Eu me movimentava em uma sala de aula de uma escola estadual localizada em uma região central de Florianópolis. Andava de lá para cá, tentando a muito custo, controlar os quase 30 alunos daquele quinto ano, e ao mesmo tempo se fazer presente, ou melhor, de fazer com que eles sentissem minha presença enquanto professor. Tentava, ao mesmo tempo, conduzir uma atividade de iniciação a cartografia que eu havia combinado de fazer junto professora de sala, e que era parte dos meus afazeres como graduando da 3ª fase do curso de Geografia e bolsista Pibid⁴. Fazia aqueles gestos com a mão, apontar para o quadro, gesticular enquanto falava, aquele de pedir silêncio, apontava outra vez para o quadro uma das paredes. Tentava enfatizar o que estávamos fazendo, e o que até aquele momento havíamos escrito nele. Movia as mãos no ar, como se aquilo de gesticular garantisse, ao menos para mim, que os alunos prestassem atenção em uma única coisa, um quadro repleto de palavras, em cujo centro estava escrito “GEOGRAFIA”.

2

O ano era 2012. Raoni⁵ e eu havíamos realizado durante o último semestre, algumas atividades ligadas ao ensino de Geografia na escola onde atuávamos como bolsistas Pibid. Eu havia trabalhado com duas turmas de quinto ano sobre iniciação cartográfica a partir dos sentidos e Raoni estava trabalhando com alunos de sexto a nono ano em um projeto de contraturno, com percepção e sensações, fazendo uma trilha de olhos vendados que finalizava com uma prática de yoga e meditação, entre outras coisas. Como já havia participado de algumas de suas atividades e nossas propostas eram próximas, começamos a conversar sobre uma possível união delas, algo que pudesse reunir percepção e geografia, sensações e mapas, que não sabíamos muito bem o que era e como fazê-lo. Como eram coisas que geralmente não se encontram

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

⁵ Graduado em Geografia pela Udesc no ano de 2012, atualmente mestrando em Educação na Udesc-Faed, professor efetivo da Rede Estadual de Educação de Santa Catarina.

juntas, nosso primeiro movimento foi estudar, pesquisar e ir atrás de material, qualquer um. Assim fomos da Geografia humanística ou da percepção a partir de Tuan e o conceito de Topofilia⁶, à medicina. A filosofia, a biologia, a psicologia, aos esotéricos, ocultistas, a literatura. Íamos procurando onde fosse, reunindo tudo que pudesse subsidiar e dar forma a uma ideia que parecia uma completa “viagem”, talvez para ter algum domínio sobre o tema ou para deixá-la mais clara o possível. Dessa forma misturamos um pouco disso tudo, jogando um tanto de coisa fora. Disso, dá vontade de falar sobre isso, sobre o que estudamos e pesquisamos, e transformar isso em prática, começou a surgir uma oficina.

3

Cheguei com uma caixa de papelão. Coloquei ela no chão da sala, no centro do círculo de carteiras que a turma havia feito. De dentro, tirei algumas revistas, livros didáticos, fotografias e distribuí sobre as mesas dos alunos. A proposta era que cada um recortasse uma imagem, palavra, figura, qualquer coisa que eles relacionassem com a palavra Geografia, e a partir do recorte, escolhessem uma palavra que tivesse relação com o que tinham selecionado, para que escrevêssemos no quadro. A intenção era que com isso pudéssemos iniciar uma conversa sobre a disciplina para que eu pudesse dar seguimento e iniciar cartografia naquela turma. Assim, a partir da proposta, cada um de sua carteira foi recortando, comentando e mostrando sua seleção, e dessa forma começaram a aparecer recortes de mapas, gráficos e tabelas, um barco no mar, plantas e animais, floresta, pessoas e cidades, morros, paisagens, e comentários como : Geografia para “*saber onde a gente está*”, para “*localizar as coisas*”, para “*conhecer a natureza, o mundo*”, “*para aprender a ver os mapas*”, para “*não se perder*”. A cada exposição, eu pedia a eles que resumissem com uma palavra aquilo que foi escolhido para que colocássemos no quadro, para ter um panorama do que era que estávamos fazendo ali, e do que a Geografia é e estuda. Desse modo fomos escrevendo as palavras que começavam a surgir. No meio do quadro-negro eu escrevi “GEOGRAFIA”, e partindo dela tentei

⁶ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. VII.

organizar por afinidade temática as palavras que eles diziam. Natureza, Rios, Animais, Mar, Mapas, Bússola, Hidrografia, Relevo, Floresta, Cidade, Homem, Calor, Clima, Morro, tudo que tivesse a ver com Geografia, e que partia daquilo que eu conseguia pegar no meio de muitas falas que, na maioria das vezes, não tinham a ver com o que a gente estava fazendo. Assim fomos escrevendo no quadro, completando ele. Eu apagava algumas, mudava-as de lugar para agrupá-las por afinidade ou por área. Perguntava a eles algo como “*mar está mais perto de hidrografia ou de relevo?*”, “*e homem, onde colocamos?*”, “*posso colocar mapa e bússola junto?*” Dessa forma fomos colocando no quadro várias palavras, dividindo-as por grupo, por tema, algumas não se agrupavam, algumas apareciam em todos os grupos, outras não pareciam destoar das demais. Palavras que dizem do mundo, que nomeiam as coisas, que eram também conceitos e temas que a Geografia estuda (como hidrografia, cidade, relevo, homem floresta). Estava eu ali, na frente de uma sala com vários alunos, e uma porção de palavras que diziam um pouco o que a Geografia é e faz. E daí? Para mim, naquela hora, aquele quadro repleto de palavras, apresentou de saída um problema: iniciar Cartografia sem antes desdobrar com os alunos, de modo breve, cada uma delas, o que por conseguinte, iriam abrir novas palavras desconhecidas, que requereriam explicação e assim por diante, num movimento quase infinito de se perder nelas. Na minha ingenuidade, eu achava que para começar a fazer mapas precisaríamos entender o porquê de fazer mapas, ou melhor, que havia de explicar tudo aquilo para, finalmente, começarmos a fazer mapas. Teria um trabalho grande pela frente. Essa atividade eu chamei de “Caixa de fazer Geografia”.

4

Eram muitos conceitos. Tinha lido tanta coisa, meio por cima é verdade, que nem sabíamos como trata-las, elas não pareciam fazer sentido juntos. Como pôr lado a lado palavras como sensação, percepção, experiência, Geografia, cartografia e mapas? Tínhamos uma porção de vontades comuns, que motivou nossas pesquisas, mas que no cerne orbitavam um certo incômodo nosso com um tempo que parece mais acelerado, em que há tanto para se ver, mas em que tudo é visto tão

depressa, tão rápido, que as coisas se transformam em um borrão indistinguível, que tudo parece o mesmo. Queríamos que aquilo fizesse sentido, que funcionasse em conjunto. Queríamos operar com palavra sensação, percepção, corpo como “algo geográfico”, e a relação do corpo na construção do espaço; operar a palavra experiência, a palavra Cartografia, tencionando a própria noção de Cartografia; a palavra Geografia, a palavra Educação, a palavra Oficina, a palavra... Palavras que começaram a aparecer conforme íamos pesquisando e conversando. Queríamos começar alguma coisa, e projetamos muitas de nossas vontades, anseios, incômodos nessa proposta, que só aumentava. A cada novo achado, novo conceito, íamos dando um jeito de ir inserindo ele em algum lugar, tentando dar forma a essa coisa que vinha, cujo propósito começara a ficar grandiloquente em demasia. Desse modo, nós fomos encharcados de palavras, de conceitos, do material que julgamos necessário nos aprofundar, para que pudéssemos “dar conta” e entender no que se inseria aquilo que estávamos tentando começar, e claro, para dar um certo embasamento teórico àquilo que parecia ser uma verdadeira “viagem”, nos dando segurança nessa empreitada que começara. Com muitas palavras, muito a dar conta, alguns objetos, e outras coisas montamos uma oficina, um modo nosso de dizer algo, de fazer algo que tínhamos vontade de fazer e falar sobre.

5

Em uma tentativa de explicar um conceito-palavra (no caso qual o significado de relevo) e esclarecer uma dúvida que, com um gesto simples, uma aluna me colocou: “*mas professor, o corpo também tem seus relevos*”. E aí, no meio de muitas risadas, fez um gesto lento, com as mãos, e imitou uma barriga tal qual um morro. Atônito, eu não soube responder nem que sim, nem que não. Ri e desviei do assunto, apontei para janela, e me enrolando para tentar dar vida ao conceito, mostrar o que designa a palavra, eu apontava para fora da janela, tentando mostrar que, lá naquele morro, lá ao longe, tinha um relevo, e ela, na sua simplicidade de criança, me mostra que relevo tinha no corpo também, tipo essas coisas que a gente olha e não vê. Com sua simplicidade, seu gesto pôs em movimento o meu. Fiquei pensando em mim, no que eu estava fazendo, no que me faltava estudar, se cheguei a fazer alguma

coisa que preste, se não haveria, no modo como estava conduzindo a atividade, uma carga exagerada de abstração nas explicações desses conceitos geográficos. De outra forma, estava eu tentando ensiná-los sobre diversas coisas que, como aluno do terceiro semestre em um curso de Geografia, eu não entendia bem. O máximo que conseguia fazer era brevemente explicar a eles, através de palavras, aquelas outras palavras da geografia, e que num certo momento da aula, já não tinham mais sentido algum; e nem apontando, nem gesticulando, elas conseguiam prender a atenção deles. O que é que eu estou fazendo? O que é que os alunos estão me apresentando que eu não consigo ver? Estava preso em alguma coisa que esquematizei sozinho, que precisava realizar, que precisava fazer dar certo, afinal, eu era um professor em processo, em potencial e precisava mostrar isso (para quem?).

6

O ano era 2012. Nós do Pibid tínhamos a tarefa de realizar a semana acadêmica do curso de Geografia da UDESC (SIMGEO 2012). Para compor o quadro das atividades que seriam ofertadas durante o evento, cada um dos bolsistas proporia uma oficina que tivesse relação com o que estava pesquisando e fazendo na escola, um pouco a partir da proposição feita pela Ana⁷, no início de nossas atividades na escola, de pensar uma oficina cujo tema fosse aquilo que nos gostássemos em Geografia, aquilo que nos movia.. Eu e Raoni, que já tínhamos pesquisado algumas coisas juntos, resolvemos propor algo em conjunto, algo prático e pensamos em algo assim: com tempo de aproximadamente uma tarde, ela começaria com uma explicação sobre o que íamos fazer, uma parte “teórica”, fruto daquilo que lemos, e só depois venderíamos os participantes e faríamos uma trilha por uma mata fechada próximo à Udesc. Na trilha, estaríamos amarrados fios de barbante para servir como guia, incensos, haveria um momento em que degustariam algumas frutas e folhas, momentos que seriam intercalados por leituras pontuais de livros do Yu-Fu Tuan, que nos dava base na Geografia. Por fim, voltaríamos para a sala, para uma conversa sobre o que ocorreu, e começaríamos a fazer os mapas. Tudo isso um pouco

⁷ Ana Maria H. Preve, que a época era uma das coordenadoras do Pibid Geografia da UDESC e professora na mesma instituição.

rascunhado e aberto para que pudéssemos improvisar, para que a proposta não parecesse fechada. Assim, tento mais ou menos um esquema de como se daria a oficina, elencamos três palavras das palavras que a gente juntou com a pesquisa e a nomeamos como *Geografia Experimental do Corpo*⁸.

⁸ RIBEIRO, Danilo Stank. *Geografia experimental do corpo*. 2015. 95p. (Monografia de Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2015.

Tivida de CI o 5º Ano → prof Jaque.

ncaito = Serem observados
 escala { mapa de 3
 eixo X e Y → Plano Cartesiano
 localização { latitude e longitude
 referência

ESCALA

1º Fazer medidas da sala

↳ Anotá-las no quadro

↳ Atividade CI Játos

PI introduzir escala

↳ Fazer "Carta" no Játos
 Cheio e Japuz desvozeado

↳ Redução de Tomento e de
 detalhe

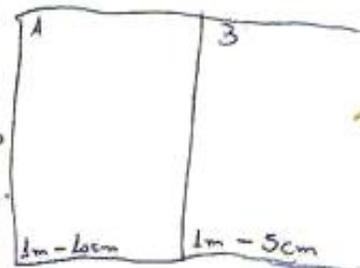
- origem do
 mapa,
 como que o homem
 construiu o mapa?

↳ Falar sobre a origem do "X"

Ex: Sala Tem 1m

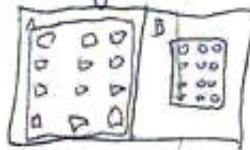


→ fazer duas
 croquis no quadro
 CI duas Escala
 distinta



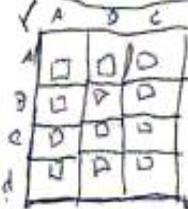
Ver diferença entre Croqui e mapa.
 • atividade CI escala
 Ver conceito de latitude e longitude

Localização e referência



Localização

↓
 dividido em
 partes iguais



no Agora referência
 é o ponto de
 um convenção
 ↳ transformamos em
 X e Y, depois
 em
 latitude e longitude

↳ Falar de referência partindo da localização do Aluno
 "onde está ~~o aluno~~
 a carteira do aluno?"

↳ A Direita de → Sol com referência

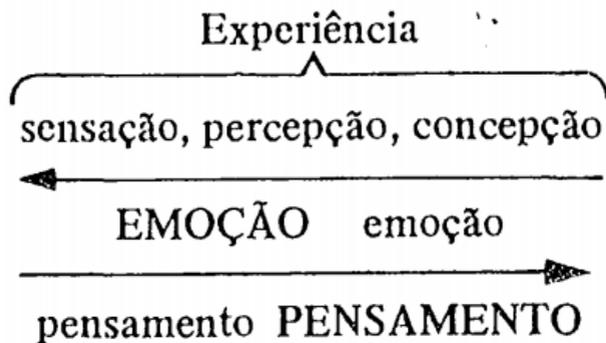
↳ Esquerda de
 aluno de ...
 ↳ orientação
 ↳ oriente = Leste
 onde fica o sol
 ↳ Ocidente
 o sol se põe

Referência é a
 posição de algo, em relação a outro

Preencher com as
 Carteiras

7

Tentei partir de algo mais próximo deles, e propus a eles que mapeássemos a sala de aula (atividade recorrente em materiais didáticos escolares). A minha presunção é que aprenderíamos com esta atividade noções básicas de escala, de localização, de referência, tentando entender elementos que dão base à leitura e confecção de mapas cartográficos. Para auxiliar-me, elaborei uma espécie de “esquema de planejamento de aula” (acima). Tracei retas, esquematizei a organização dos elementos, descrevi modos. A cada etapa, pensava que aquilo que estava claro para mim ficaria igualmente claro para os alunos. Desse modo, sucessivamente, passaríamos, após medir a sala e desenhá-la no quadro, a entender a noção de escala, redução de uma dada realidade a fim de transferirmos sua imagem para o papel (entendendo a ideia de transformação de unidade), usando sua organização espacial (o lugar das mesas e cadeiras) para tentar compreender a referência, pensando em um plano cartesiano (x e y) para localizar onde cada aluno estava sentado, ponto de referência etc. E assim foi. Medimos a sala, traçamos formas no quadro, desenhamos. E 1 metro da sala vale 10 centímetros no quadro. Como? Como se explica escala? Era preciso explicar escala agora? – eu me perguntava. Tentei explicar a ideia por trás da tentativa de reduzir a sala, a proporcionalidade, mas a confusão da sala se juntou à minha (ou a minha confusão tornou a sala confusa). Tudo isso ao mesmo tempo. Eu olhava para o papel em cima da mesa, e ali via o quão engessado ele estava. Novamente eu achava que existia esse conjunto de coisas para tentar entender anteriormente a feitura daquele desenho que vai tomando forma de mapa, aos poucos. Nessa confusão, que tem sua própria lógica para acontecer, a vida da sala de aula agitou meu planejamento, e não consegui aquilo que objetivara com a construção do plano – compreensão dos conceitos cartográficos básicos (escala localização e referência). Para mim, parecia que, com essa etapa, depois outra, depois outra, eles intuiriam que uma coisa está relacionada com a outra e chegariam, com o conjunto dos meus encontros-aulas, ao mesmo resultado que eu cheguei quando elaborei a atividade, cristalizada ali na folha de A4. Talvez por isso, por essa falta de movimento, de abertura, que meu planejamento, aquilo que fiz para me dar segurança, não saiu como eu previa. Havia outra coisa passando por ali, e eu não me dava conta.



Esquema sobre experiência. Fonte: Tuan (1986)

Chegamos horas antes, amarramos os barbantes, fizemos a trilha algumas vezes para verificar se não havia para provocar acidentes, puxamos uns galhos, subimos em árvores, carregamos as câmeras para que pudéssemos filmar, juntamos todos os objetos que iríamos usar, saco com frutas e folhas, pequenos instrumentos, um pote plástico com maria-mole. Na sala, decidimos copiar no quadro um esquema que retiramos de Tuan (1986), para que pudéssemos explicar o que entendíamos por experiência e a sua relação com a emoção e o pensamento, e o lugar da percepção nisso tudo. Depois, iríamos explicar a oficina a partir das três palavras que compõem seu nome, por fim, a nossa intenção com tudo aquilo. Fizemos tudo para que nada desse errado, mas isso não era uma grande preocupação. Deixamos espaço para que algumas coisas imprevistas pudessem rolar ali. Não mais que dez pessoas foram chegando e ocupando as carteiras. A maioria pessoas conhecidas, que se juntaram com colegas de bolsa e de curso que iriam nos ajudar na oficina. Então, depois de uma apresentação rápida, começamos a tentar explicar essas palavras que estavam no quadro. Começamos a falar sobre uma ideia de Geografia que estávamos tomando, ligada ao sujeito e suas relações com o meio, partimos para explicar o “esquema” e de onde tomamos a ideia de experiência. Talvez

tenhamos dito algo do tipo “*experiencia engloba todo um conjunto de emoções e pensamento, que estão por sua vez ligadas às sensações, que constituem formas distintas de conhecer e fazem parte de um todo experimental, que cresce inversamente proporcional... que... que*”. Começamos a nos enrolar com as palavras, e a nos entreolhar esperando que o outro continuasse com a explicação, que a certo ponto parecia um amontado de coisas que se repetiam. Parecia que toda nossa tentativa de explicar aquilo que lemos, que era também uma forma de mostrar nosso “domínio” sobre o assunto, caía em um amontado de informações desnecessárias, ao menos naquele momento. Como se, ao explicar o que era experiência, através do fazer “prático” da oficina, seríamos todos capazes de localizá-la, em dado instante sublime, com um “*Ah! Agora eu tive uma experiência*”, entendendo seu significado real, através da relação com aquilo que a gente havia ensinado. Caímos um pouco naquele excesso de informação que tanto nos incomodava, e que era um dos motivos pelos quais nós estávamos propondo aquela oficina. Havíamos nos agarrados tanto naquelas palavras (percepção, seção, experiência), no seu significado para estes e aqueles autores, um pouco também para mostrar que estudamos, que nossa proposta não era “viagem”, não por completo.

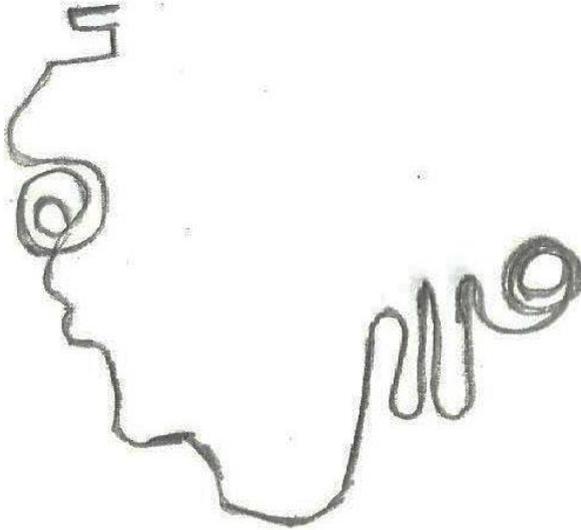
9

Talvez o “problema” estivesse no modo como conduzi as aulas, ou na forma como as planejei (esquemática e sistêmica), em que novamente introduzi conceitos a serem explicados, entendidos, desvelados. Mesmo na tentativa de me aproximar de uma realidade dos alunos, acabei buscando, para realizar a atividade, uma série de elementos obrigatórios para a feitura de um mapa, elementos que, ali, só eu sabia (ainda que pouco), era preciso entender antes de fazer um mapa. Havia sempre um porém, uma série de conhecimentos prévios, anteriores ao ato de representar um dado em um mapa. É como se eu tivesse um mapa na cabeça, um único mapa, aprendido da mesma forma, como único modo de representação da realidade, ao ponto de fechar os olhos e a imagem que vem é a de um contorno já definido, cujas linhas se fecham com tanta força que não há ponta solta para puxar. Me parecia que era exatamente esse mapa que eu estava tentando alcançar. E era exatamente isso que eu precisava desfazer em mim, para poder começar.

10

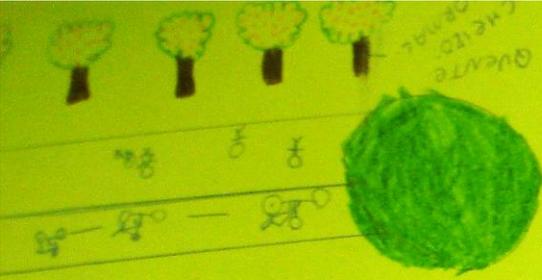
Já havíamos perdido bastante tempo com explicações. Decidimos partir de vez para a parte da trilha, deixando o resto da “teoria” para o final, se houvesse tempo. Vendamos todos que iriam participar, pegamos às pressas algumas coisas que iríamos usar – já tínhamos perdido tempo demais. Talvez por fazer correndo, mesmo preparando tudo, esquecemos as câmeras para a filmagem, a sacola com coisas para degustar, o livro que iríamos ler, esquecemos de acender os incensos.... Vez ou outra, um de nós voltava correndo para pegar algo que esquecido na sala; por vezes, alguém se enroscava ou batia a cabeça em um galho ou saía da trilha; outra hora, quando não sabíamos o que viria depois, a gente simplesmente se entreolhava meio perdido e improvisava alguma coisa. A oficina foi acontecendo assim, com o imprevisto, sem todas as coisas que havíamos pensando ser essenciais, sem a montoeira de coisas para levar, sem a preocupação constante do registro. Parecia que, para acontecer, aquilo não exigia tanta parafernália, menos material, menos aquilo que desejávamos como proposta inicial e mais atenção para o momento, mais lentidão. Nada era indispensável, a não ser a presença, uma certa entrega, uma vontade. Mas isso só entendemos depois, quando tentamos pensar qual foi o momento em que esquecemos o que devíamos como vontade anterior, e passamos a nos entregar, assim como todos os que estavam ali, ao que acontece. E essa entrega que começou a nos conduzir, fez esquecer o tempo que tínhamos; “a teoria” ficou para depois, e o que marcou o fim dessa parte da oficina foi um silêncio breve após todos tirarem as vendas, e se sentarem no mato, à beira de um rio já poluído que corre atrás da faculdade. Ao menos naquela hora, por um breve instante, as palavras foram suspensas.

11

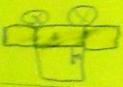
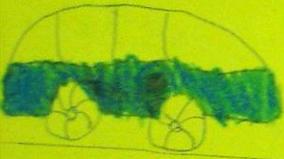


Comecei a pensar se o corpo não teria também suas geografias, se não era possível trabalhar com iniciação cartográfica partindo de dados ligados às sensações (visual, sonora e tátil). Não seriam estes os elementos primeiros que constituem o “espaço vivido”? O primeiro contato com o meio, ligado ao movimento, ao deslocamento? Peguei emprestada uma atividade proposta por outra bolsista, e que ela tinha feito conosco semanas antes. Consistia em uma saída pelos arredores da escola, uma saída para que percebêssemos o espaço com os sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) e as mudanças ocorridas nas sensações relacionadas às mudanças que aconteciam no ambiente (proximidade com o rio ou com a estrada, sombra ou sol, mais ou menos árvores, mais ou menos casas etc.) e, assim, ao retornar à escola, desenharmos um mapa dessas sensações. No fundo, queria era sair da sala de aula, apresentar-lhes o mundo “tal como é”, movimentar um pouco aquelas crianças cheias de energia. Tornaria, com isso, as aulas mais interessantes, sem aquele “aprisionamento” que a escola tanto recebe como crítica, e que era também parte do tipo de professor que eu idealizava sê-lo, que estava se construindo ali (que saia da sala, fazia

aulas interessantes, dialogava com etc.) naquele contexto maior que era a iniciação à docência via Pibid. Acreditava que com isso iria suspender todas as palavras, todos aqueles conceitos que eu achava que tínhamos que entender, que eu tinha que ensinar a eles, para que pudéssemos ler o mundo, fazer mapas do mundo. Aquela aproximação primeira, onde as “coisas do mundo” ainda não têm nome, o mundo se apresenta ao toque. Queria sair do abstraído do conceito para o contato direto, sem nome.... Mas ao sair, carreguei comigo a sala a “tira colo”. Talvez por receio com a segurança dos alunos (pois andaríamos próximos a ruas e avenidas repletas de carros), talvez na tentativa de não “perder a mão”, de garantir uma certa ordem para que a atividade funcionasse, talvez por comodismo ou hábito. Assim, tendo a sala de aula incorporada em mim como atitude, comecei a dar alguns comandos: “*Vamos formar uma fila!*”, “*entrem na fila se não voltamos!*”, “*não atravessem a rua sozinho se não voltamos*”, “*não empurra o colega, se não voltamos*”, “*presta atenção aqui ó, estão notando esse cheiro? Sentiram isso?*”, “*Presta atenção no que eu falo que depois eu vou perguntar*”. E dessa maneira fomos caminhando pelos arredores da escola, por vezes parávamos para observar o trânsito, algumas árvores, para ver a posição do sol etc. Depois de voltarmos e dividirmos a turma em grupo, começamos, finalmente, a fazer os tais mapas das sensações, utilizando recortes de revistas, pedaços de barbante, régua, lápis de cor e outros materiais, colados sobre um pedaço de cartolina. E assim fomos discutindo, fomos recortando, foram surgindo dúvidas (nossas) sobre como representar o calor, o medo, o cheiro ruim, a fome, coisas que, comumente, não são vistas em mapas, mas que estavam ali, que dizem da nossa relação com o mundo.



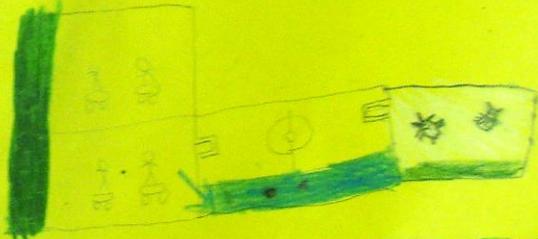
MAPA DOS SENTIDOS



QUENTE NORMAL



QUENTE NORMAL) RUIM OU DESCONHECIDA



PSLOW

12

Depois de algumas aulas, terminamos os mapas. Estavam presentes ali, de alguma maneira, a maioria dos conceitos que eu havia tentando ensinar a eles até então (a redução, os elementos mais ou menos ordenados, a localização, a escola), e que eu achava que seriam imprescindíveis ensinar antes da confecção de um mapa, conceitos que eu poderia explorar para continuar trabalhando com eles. Não se tratava do meu êxito ou não em ensiná-los, mas, pelo contrário, sabia que minhas tentativas de explicar algo para eles foram bastante frustrantes. Era como essas coisas já estivessem ali, já estivessem no inconsciente, a imagem que vem junto a palavra mapa, aquilo que eles já sabiam, e de onde eu poderia ter partido ao invés começar do zero, preenchendo a imagem-mapa de palavras e conceitos exteriores a ele, mas que dele fazem parte. Assim a partir disso, comecei a pensar se ao explicar a palavra antes da coisa, o conceito abstrato antes daquilo que ele nomeia, aquilo que deve ter em um mapa antes de fazer um, se eu estava começando pelo fim e renunciando a toda a construção, de todo o processo que faz um mapa vir a ser um mapa. Hoje, talvez, eu seguisse outro rumo; faria diferente, não sei. Sei que aquilo que começou como uma atividade de iniciação cartográfica, cuja proposta inicial era mapear sensações, passou a aportar outros caminhos. Estava eu a olhar os *mapas sensacionais* (nome dado pelos alunos aos mapas que a turma fez e que seguí usando) e tentava tirar deles respostas para continuar trabalhando a questão cartográfica com os alunos. Olhava para aqueles trabalhos procurando estabelecer um padrão, algum ponto que pudesse ser aglutinado, algo que tivesse se repetido, alguma forma, algum traço, algum dado. Enquanto fazia isso, me vi de novo tomando aquela atitude, aquela de tentar transformar algo que é plural em significância, e que por ser plural é potente como mobilizador, em uma representação uniformizada, em padrão e em sentido. Estava, assim, esvaziando os trabalhos de todas as singularidades que eles possuíam, de tudo que posso pensar com e através delas, transformando-os, pouco a pouco, em um produto único, atitude que, achava eu, seria essencial para continuar os trabalhos com cartografia.



13

Fizemos a resto da oficina sem pressa e sem muita pretensão. Voltamos observando por onde havíamos passado, com todos se surpreendendo com o caminho percorrido. Já na sala, após descanso, começamos a fazer os mapas e a conversar sobre os momentos que marcaram. “*E aquela hora que aconteceu isso...*”, “*E quanto passamos naquele lugar abaixados*”, “*Me senti perdido*” ... Algo entorno dessas expressões foram aparecendo. Colocamos algumas cartolinas no chão. Por algum tempo fez-se silêncio. Os mapas começaram a surgir no espaço branco da folha. Primeiro uns riscos, alguma cor, algo foi tomando forma ali. Depois conversamos sobre os mapas, sobre cartografia, sobre geografia, sobre estudar, sobre o que não estudávamos na faculdade, sobre a vida... onde o papo fosse, nos seguíamos junto. Havíamos começado está oficina escrevendo a palavra “experiência” bem grande no quadro, achando que, talvez, explicando-a como um conceito, faríamos entender o que tínhamos pesquisado, o material que tínhamos estudado, como se isso, de explicar, funcionasse como justificativa para o que estávamos propondo. Tínhamos, como garantia prévia, esquematizado a oficina, pensando em cada etapa de sua realização, ponto por ponto. Usaríamos tal e tal objeto, leríamos tal trecho do livro que, para nós, tinha relação com um momento “prático” da oficina, provocaríamos uma experiência, e nos aproximaríamos do conceito que tentamos explicar no início, como se para colocar em funcionamento sua definição, explicar e demonstrar como funciona. Porém, não havia como precisar onde estava a experiência na forma variação sensação-pensamento que havíamos explicado de início, aquelas palavras, ali, não faziam sentido, tudo acontecia ao mesmo tempo, a todo instante.

14

Estava perseguindo aquele mapa que permanecia como horizonte a chegar. Meu intento era partir deles: eu agruparia elementos que se repetissem, talvez selecionasse um mapa como exemplo, o mais completo, ou o que mais correspondesse a minha expectativa, e assim iria apagando e excluindo algo que não pudesse explicar, que não fosse

categorizável e ensinável, algo que não pudesse estar ali, algo que fugiria ao controle... Preferi não fazê-lo e guardei um pouco essas inquietações e, durante o restante do ano, permaneci trabalhando com criação de legenda, em demasia por não saber o que fazer, por não ter insistido, por não saber como pensar, por minhas limitações, por não encontrar um caminho. O pouco tempo restante, a repetição do mesmo assunto, a inexperiência como professor, a falta de profundidade e amadurecimento em lidar e planejar alguns temas. Tudo isso contribuiu para que o ano terminasse incompleto (ao menos no que diz respeito à proposta inicial que era trabalhar a questão da iniciação cartográfica – título, fonte, orientação, projeção, escala e legenda) fazendo eu me sentir incompetente ou incapaz ou enrolão. Fora da escola (como fuga e onde eu tinha mais tempo), segui pensando sobre essa atividade, sobre minhas atitudes em sala, o que eu havia feito, sobre aquilo representação, sobre o que escapa ao mapa (os sons, o cheiro, as sensações etc.). Como isso pode servir para pensar, justamente, o que é um mapa, o que ele contém? O que nele não aparece? O que pode um mapa? Trabalhar com as sensações não poderia ser um caminho para ajudar a pensar sobre isso? Que tipo de professor eu estava me tornando? Que essas atividades me indicavam? Valia continuar insistindo nisso, nos mapas, na sensação, nas aulas, na docência, na Geografia?

15

Continuei. A fiz em muitos lugares ainda (não tanto quanto gostaria). A cada vez que eu a fazia, começava a pensar uma coisa. Primeiro era a cartografia, os mapas, como poderia pensar aqueles mapas que foram surgindo, as diferenças e semelhanças entre eles, os elementos, que pistas isso podia dar para pensar a cartografia, que limites ele tensiva e tinha. Por isso fui à história da cartografia, nas formas de mapeamento, nas discussões sobre representação e apresentação da realidade etc. E assim foi para tudo, para o corpo, para as sensações, para a experiência. A cada vez eu fazia a oficina, pensava em outra coisa para falar dela, muito a partir do que rolava. Assim comecei a pensar não só nos limites externos que queria extrapolar (cartografia, geografia, educação) mas também nos limites internos da proposta, o quanto ela estava presa e

calcada nas minhas expectativas, na minha insistência, na minha teimosia. Só assim, admitindo isso, é que pude largar a discussões sobre mapa (que em um momento já não me interessavam) e começar a pensar sobre o que eu fazia. A oficina se dobrava sobre ela mesma, e como isso acontecia, eu pensava sobre mim, sobre minha postura, sobre como eu lidava com isso, com o que acontecia (as coisas que eu falava ou não, como eu me portava, o modo como eu estava ali, para onde eu a levava etc.). Nisso passei a tentar explorar os modos de fazer e dizer a partir do que a gente fazia e dizia durante ela (as formas de contar, a apresentação dos mapas, as anotações, as impressões), tentava assim dar língua a isso que passava, sem saber como. De tanto dobrar a oficina começou a fechar-se em si mesma, ao ponto de eu não levar mais nada para casa, de querer que ela fosse somente um momento, um acontecimento, que começa e termina ali, durante aquele encontro.

16

Tinha uma coisa que a gente já fazia, uma atividade, umas aulas. Começamos a juntar isso a partir de algo que era comum, um certo incomodo, uma questão. Fomos procurar onde isso aparecia, os conceitos, as vertentes teóricas, quem dizia o que. Pensamos em um modo de transforma-los em ação, em prática, de faze-los funcionar, e juntando um punhado de palavras, demos um nome, uma cara, enchemos de expectativas, do que deveria ter, e preenchemos a proposta com tudo aquilo que jugamos válido, tudo que queríamos mostrar. Colocamos isso a prova para ver se funcionava, se ia dar certo. No encontro essa ideia vira outra coisa. Alguma coisa falha, algo não dá certo, algo inesperado acontece. Primeiro a gente reluta, teima, tenta fazer funcionar e usa todos os recursos para fazer aquilo dar certo. Depois, vai renunciando a algumas coisas, nem tudo é imprescindível para o funcionamento de uma coisa (e isso serve para muita coisa, desde uma ideia, uma receita, a um relacionamento). Até que se aceite deixar aquilo ir, abdicar o controle, da autoria, para ver o que acontece, muita coisa se passa, em nós e nas coisas. Então a gente abraça o imprevisto, começa a notar como a gente reage quando algo novo surge, até que ponto a gente tenciona, nas coisas que a gente se agarra. Quando o negócio termina, a gente não sabe muito bem por que é quando

começou. Ele se apresenta meio em partes, nos seus pontos de ruptura, de virada, já é outra coisa. Quase sempre começa de um jeito, falando sobre alguma coisa, e, no fim, termina em outra, completamente diferente. Claro, há sempre uma ideia em curso, e a gente, nesse passo, acompanha o curso da ideia.

17

Uma oficina nasce meio (uma questão, uma inquietação, uma pergunta, uma proposta, um desafio etc.). Vem não se sabe de onde, um encontro, alguma leitura, uma situação, uma aula, uma pessoa. Não se sabe se ela já estava lá, dentro da gente, se é algo de tempo, algo que está escondido, se foi plantado lá. Sei que quando inicia mesmo, quando a gente se dá conta, o negócio já começou. Claro, primeiro a gente procura em tudo, vai ler, vai estudar, vai procurar entender, vai no mundo todo em busca de algo que cativa, que incomode, que faça brilhar o olho, e coisas assim. Daí a gente junta, e junta, e junta coisa só para tentar ativar essas coisas em nós, que não tem nome ou forma, mas que a gente insiste em nomear e preencher. Até que a gente se dê conta que tem uma parte de nós que tem que estar ali, que tem que ser posta à prova, que tem que ser testada, leva um tempo, talvez uma vida toda. Por isso, não era só um tema (na verdade o tema pouco importa, ele conduz, a gente gira em torno dele, claro, claro). Sensação, experiência, Geografia, Cartografia.. tudo coisas que a gente vai agregando, que a gente vai preenchendo, na construção de um modo de fazer. Não era sobre mapa (apesar de que ele foi o fio condutor de muito do que rolava, e de que explorar os seus limites propondo que dele se faça outro e se pense de outra forma, fosse uma premissa durante muito tempo). Tinha a ver mais com o corpo, com a presença, com estar ali, com encontro, abertura, com alguma limites, com pensar o que se propõem e pensar-se no processo. Uma oficina meio que gira em torno disso, e a gente, nesse passo, vai girando em torno dela.



Montagem com os dois últimos mapas sensoriais realizados na oficina, de como seguiu o curso da ideia.

UM TEXTO

O que não está ordenado de um modo definitivamente provisório o está de modo provisoriamente definitivo.

Georges Perec

#0

Há blocos em que falo sobre o texto, para marcá-los, dei um título em CAIXA ALTA e em negrito (**SABÃO, PAPAEL, UM NÚCLEO, FOTOGRAFIA E SEXUALIDADE, TEATRO**). No meio de contar sobre o texto, X blocos, para marcá-los, usei algarismos romanos (I, II, III) e os distribuí segundo alguns títulos em caixa baixa e em negrito (**começos possíveis, pequenas relações cotidianas I e II, dos pequenos exercícios de leitura e as marcas de uma relação I e II**). Assim se estrutura esse capítulo.

#1

No texto, fui atrás da oficina, a persegui onde quer que ela aparecesse. Utilizei um modo de buscar palavras: digitei oficina e vasculhei todas as 158 vezes em que a palavra oficina aparece. Dei umas voltas nesses lugares e destaquei um pouco do entorno quando necessário. Já que dali me interessa mais uma certa noção oficina e menos uma reflexão do que é escola (312 menções), mesmo que isso as vezes seja indissociável, e o texto pensa essa aproximação e esse distanciamento, uma ideia de educação (194 menções), falo daquilo que me interessa falar dele, para dar a ver as transformações ocorridas com a oficina no seu transcurso.

I.

Blocos que dizem respeito a uma forma de se relacionar com um texto, com aquilo que nele está escrito, uma noção, uma maneira de fazer

oficina que ele opera, mas também e sobretudo, tomando o texto como um objeto, algo material – portanto, esses blocos tem algo a ver com as diversas formas de uso (desde para escrever artigos ou para sustentar xícaras de café, desde referência a arma para matar insetos), as diferentes formas de entrar e sair de um texto (os rascunhos, as anotações, as perguntas que se faz a ele, em uma conversa solitária, quando a leitura nos faz esquecer do presente; os desenhos, a mosca, os afazeres cotidianos, como movimentos que nos tiraram do texto); as tentativas de leitura (os sublinhados, as anotações, as marcas no texto); as diversas maneiras de apresentar um texto e o contexto no qual ele se insere (os exercícios, as diferentes formas de falar e pensar a oficina, como ideia, como conceito, como questão, e que tem a ver com os diferentes tempos, as leituras distintas, as projeções que se faz sobre um texto). Assim em blocos, reúno pequenos fragmentos desses 7 anos em que estamos juntos, eu e o texto, o modo como venho lhe dando uso, vez ou outra, em épocas distintas, mas também estes fazem o que inúmeras vezes eu fazia antes de começar a ler o texto: protelam o inevitável, a sua entrada.

#2 Algumas possibilidades para contar um texto:

- i. Acompanhar esse processo, mostrar as tentativas de se aproximar da escola através de tentativas em estabelecer uma prática dialógica dentro dela. As reflexões, frustrações e encontros. Apresentar como a proposição de oficinas atravessa tudo isso e a realização delas, em diferentes espaços e com diferentes pessoas, vai dando base para pensar o que é escola. O que a escola produz? O que constitui o escolar?
- ii. Mostrar as tentativas de se distanciar da escola e daquilo que é o escolar (modo como a escola organiza, padroniza, institui um modo de educar ligado a paralização do corpo, a dificuldade do diálogo etc.), ou melhor, como ela afasta ou bloqueia a possibilidade da realização de uma prática dialógica. As frustrações,

reflexões e encontros. Acompanhar como a proposição de oficinas em diferentes espaços e com diferentes pessoas vai dando base para ele pensar o que é escola. O que a escola produz? O que constitui o escolar?

- iii. Um ponto de vista sobre a história da criação do Nat a partir das tentativas, encontros, estudos, reflexões de um de seus integrantes, através da proposição de oficinas. Mostrar como o Nat surge desse processo próprio com algumas oficinas.
- iv. Dez anos da vida de um professor-oficineiro-educador chamado Guilherme Corrêa. Dividir o texto pelos anos que o compõem, de 1988 a 1997. Mostrar o que aconteceu em cada ano. Como o texto segue nessa ordem: primeiro um professor dialógico, depois um professor-oficineiro, pensando e propondo oficinas dentro e fora da escola, depois um oficineiro pensando e propondo oficinas num grupo chamado Nat, um oficineiro-educador pensando nisso tudo, um professor-oficineiro-educador pensando o que é a escola. Acompanhar todo um contexto de tentativas de diálogo, de fazer e pensar oficinas, de pensar a escola e a educação, e de pensar a si próprio nesse processo.
- v. Dividir o texto nos seus cinco capítulos (ensino de química: inovando currículo; ciência viva: inovando em ciências; oficina: saberes em circulação; oficina: uma ferramenta; o que é escola). Fazer um breve apanhado de cada um, um resumo, para ver como um desencadeia o outro.
- vi. Dividir o texto pelas quatro ou cinco oficinas que aparecem durante o processo (sabão, papel artesanal, fotografia e jogos teatrais). Mostrar como se chega a cada uma, e como cada qual é singular para pensar a oficina e a escola.

- vii. Tentar mostrar as operações e movimentações que o Guilherme faz para chegar a um conceito de oficina. Os modos de pensá-la, as reflexões, a forma, os encontros que ele faz ao longo do processo, os pontos onde isso bifurca, onde ela passa a ser tomada de um modo um pouco diferente, onde ela encontra algumas coisas que a fazem variar. Acompanho as transformações que ocorrem com a oficina, persigo oficina no texto, às vezes mostro o contexto onde isso ocorre.

#3 SABÃO

A primeira vez em que ela se esboça é como sabão. Um estudante e professor de química, em 1989. Um projeto: “Ensino de Ciências Naturais - Concepção Dialógica”⁹. Uma proposta de ensino de Ciências Naturais numa perspectiva dialógica, a partir de Paulo Freire. Até ela surgir como sabão, acompanhamos as tentativas de um professor de química em realizar uma *investigação temática*, elege os *temas geradores*, e definir as *unidades geradoras* a partir do diálogo e da situação de vida de seus alunos em uma escola de Florianópolis. Seus sucessos, seus fracassos, suas limitações. Tentativas de mostrar a “química do cotidiano” a partir da composição de balas de doces, de gelatina, e toda a preparação de materiais com esse fim; toda uma insistência, até que uma aluna lhe diz: “*Eu não aguento mais isso! Eu quero aprender para o vestibular*” (p.13). Algo aí interrompe; algo naquilo tudo não fazia aquilo acontecer. Escola? Incompetência? Ele volta a dar aulas e a inventar notas. A oficina apresentada em um evento, “*reflexões a respeito da ideia de tema gerador e os processos de*

⁹ “Este projeto foi elaborado por um grupo de pesquisadores do Mestrado em Educação - Linha de Investigação Educação e Ciências da UFSC durante um seminário, orientado pela professora Maria Oly, corrido no primeiro semestre de 1989 - e tinha como objetivo “a construção de uma proposta com abordagem dialógica dos conteúdos de física, química e biologia” em escolas públicas de 2º. grau.” (p. 6)

produção de sabão”: uma oficina de 8 horas, com professores, onde a produção de sabão foi tomada para abordar os conteúdos de química envolvidos, ou melhor “*como exemplo da utilização dos temas geradores para a desmistificação dos modos de produção e da utilização dos produtos químicos*”(p.16), cujo fim foi a construção coletiva de uma proposta de currículo. Apesar da animação gerada pelo “sucesso” da oficina, começa-se a pensar se tal planejamento não recairia novamente em algo pronto, que ao ser “*enfrentado com a realidade, com o vivido, em situações práticas, desfaz-se*” (p.17). Ele continua.

Começos possíveis

Dei para imaginar começos. Tentei inventar contextos, buscar as primeiras impressões, qual a minha reação ao recebê-lo. Vasculhei meus papéis atrás de anotações perdidas, algum rabisco escondido que indicasse uma data, um lugar, qualquer coisa que pudesse ser usada como marco arbitrário. Invenientei três começos, todos possíveis, para marcar os momentos e a circunstâncias em que o texto de Guilherme Corrêa me foi apresentado.

II.

Tudo começa num susto. Uma fotocópia de um texto de 85 páginas impresso em papel branco, formato A4. Cada folha contém duas páginas divididas por um espaço branco de aproximadamente 4,5 cm de margem, e um verso também branco, de modo que, ao final, o volume da cópia do texto é composto por 44 páginas divididas em 4 blocos ou títulos, e 3 imagens. Uma imagem central, em preto e branco, a imagem em *close* de uma mão, que parece colocar algo sobre um papel quadrado, abria o texto. Acima dela estava escrito OFICINA: NOVOS TERRÍTORIOS EM EDUCAÇÃO.

III.

Estávamos sentados em volta de uma mesa retangular (talvez redonda) que ocupava grande parte da sala. Havíamos feito uma divisão dentro do laboratório de ciência, e tomamos 1/3 de seu espaço total, dividindo-o com um armário velho verde-escuro cuja porta direita não fechava corretamente, e um painel de madeira branco-amarelado usado para colar avisos e outras coisas. Um encontro semanal, como os outros que havíamos tido desde o começo de nossa bolsa de iniciação à docência. Nesses encontros, conversávamos sobre o que tínhamos feito durante a semana na escola; por vezes, ouvíamos alguns informes, outras vezes, fazíamos alguma discussão de textos que havíamos lido ao longo da semana anterior, e esse era a razão de estarmos sentados ali, em volta da mesa. Então Ana tira, sabe-se lá de que parte de sua bolsa, um grande volume de papel. Divide-o em blocos, também grandes, e começa a distribuí-los como quem distribui cartas de um baralho, para cada um dos que estavam ali. Eram cópias de um texto volumoso sobre o ensino de Química e que falava sobre um processo de oficinas. Chamava “Oficinas: Novos territórios em Educação”. “Mas o que tem a ver Química com ensino de Geografia? Daria conta de ler isso tudo, de conversar sobre o que li, de comentar, de entender o que estava lendo? Já tenho muito que ler para as aulas, e a Ana vem com esse textão!!”. Algo assim deve ter passado pela minha cabeça de graduando do 2º semestre de Geografia pouco dado à rotina acadêmica da obrigatoriedade e volume de leitura. Por isso, enfiei o texto na mochila, junto com todos os outros que eu haveria de ler para a semana.

IV.

VER Proposta de
Oficinas, Pesquisa, criar
propor, pensar p/ Set.

Uma anotação em um canto de uma agenda pequena foi o primeiro registro daquele texto. Dia 8 de agosto de 2011, fazíamos uma reunião do Pibid para definir algumas coisas que iríamos realizar nesse momento inicial, na escola. “Conhecer e interagir com a realidade escolar como meio de coleta de dados para auxiliar nos processos didáticos”, foi o que escrevi, mas essa frase não é minha, tenho certeza. Tínhamos definidos os horários e dias em que estaríamos no colégio para cumprir nossa carga horária de bolsistas. Quarta e sexta-feira eram os meus dias. Talvez em algum momento dessa conversa definimos a bibliografia que seria lida por nós para auxiliar na elaboração das oficinas que deveríamos pensar, é nesse contexto que devo ter escrito, no cantinho da página, “Pasta Pibid Geografia” (pasta localizada no xerox da FAED, onde o texto estaria disponível para xerox) e, logo abaixo, “Texto: Oficinas novos territórios em Educação”, antecedido por “VER proposta de oficinas. Pesquisar, criar, propor, pensar para setembro”. Era uma segunda-feira.

#4 PAPEL

Da segunda, ela aparece como papel. “Oficina de Produção e Reciclagem de Papel Artesanal e o conhecimento em Química”. Fibras vegetais coletadas nos arredores de onde seria oficina, cozimento, tratamento, preparação do papel, explorar os materiais envolvidos na

fabricação, são alguns passos do que acontecia nessa oficina itinerante. Nos caminhos dessa oficina, a distinção entre ela e uma aula começa a ficar nítida. Enquanto na aula toda conversa se dava de forma paralela a sua temática, na oficina *o tema era o motivo das conversas, das exclamações, das brincadeiras, das movimentações de um lugar para outro [...], o fazer papel ia ganhando sentidos que permitiam vislumbrar* (p.20) *o aparecimento de outros saberes que atravessavam o tema*. Há também as limitações que ela encontra na escola, a despeito do empenho e vontade do oficineiro, das discussões interessantes que começavam a brotar dali. Um tempo curto e segmentado de aula, a falta de laboratório, de materiais, as reclamações dos colegas, a bagunça, um currículo a cumprir, um conteúdo a dar, as diversas movimentações que tinham que ser feitas para que isso acontecesse, as partes que teriam que ser puladas em decorrência disso tudo etc. *Assim a oficina começa a configurar-se como uma prática em educação que aos poucos vai podendo afirmar alguma autonomia e independência em relação à escola.* (p 39) *Afinal, que diálogo pode surgir em um grupo de pessoas em que o laço mais forte que as une é a compulsoriedade do que motiva seus encontros?* (p. 32)

Pequenas relações cotidianas

Blocos de relações com um texto. Algumas reações oriundas de uma primeira leitura, lugares e tempos onde eu possa tê-lo lido, marcas dessa relação. Um texto como algo material, fotocópia, um conjunto de folhas de papel, algo que se tem nas mãos, algo que se leva junto, algo que ocupa espaço, algo que se deteriora, algo que se pode perder, algo que se manipula, algo que demanda um tempo e um lugar para se entrar. Pequenos fragmentos de tempo, de lugar, de uso, em que o texto, de uma forma ou de outra, esteve envolvido. O que atravessa aqui é o modo como ele me acompanha, como ele se faz presente, como ele se incorpora.

V.

Por um tempo tinha evitado tirá-lo de lá, preferindo outros menores em seu lugar. Havia ido comigo, como um peso que se leva às costas, dentro da mochila, a todos os lugares onde tinha ido naquela semana. Na sempre eminência de tirá-lo, em qualquer lugar e hora, seja esperando o ônibus, durante uma aula que não se quer prestar atenção, pelos corredores, antes de dormir... Fui lendo, trecho a trecho, meio sem prestar atenção, como alguém que percorre muito depressa um caminho. Saltava as partes, pegava atalhos, contornava, passava rápido, sempre indo, sempre em frente. Foi assim que o percorri pela primeira vez: pouco a pouco, e cada pouco bem depressa.

VI.

Antiga cadeira de balanço marrom escuro que tinha um buraco no assento e rangia quando balançava, ao lado de uma estante com livros que nunca li, que já não existe mais. Mesa preta retangular junto à parede, que tem metade de um grampo sob uma das pernas, para não pender. Sofá em “L”, casa da mãe. Pequena cama de solteiro que ficava num canto do quarto de modo que a luz incidia pela janela tanto da direita quanto de frente, que já não existe mais. Banheiro com luz branca fluorescente. Mesa no centro da antiga sala do Lepegeo (Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – UDESC) que já não existe mais. Mesa retangular na sala do Pibid no EEB Simão José Hess, que já não existe mais. Um banco no pátio da escola. Banco amarelo feito com cilindros de metal de um ponto de ônibus qualquer. Volta ao morro Pantanal Sul por volta das 17h. UFSC, assento da janela próximo à porta. UFSC Semidireto por volta das 22h. Algum ponto do trajeto Centro-Udesc, não sei precisar o horário. Mesa antiga retangular do Pibid, que já não existe mais. Recostado na parede frontal, na minha casa, enquanto havia sol, com café e um cachorro que já não existe mais. Cadeira de amamentação branca no canto da sala, no mesmo lugar onde outrora havia uma cadeira de balanço, com uma porção de brinquedos infantis sobre um tatame azul-escuro no chão. Sofá improvisado com caixa de feira e um colchão de bebê revestido por uma capa plástica azulada com flores laranja e amarelo, na sala. Cama

de casal branco-desbotado no quarto à luz diáfana de um abajur. Rede pendurada por uma corda nos dois pilares, na frente da porta de entrada. Mesa no canto esquerdo do térreo destinada à sala de estudos da biblioteca da UFSC. Mesa redonda no segundo piso da Biblioteca da Udesc. Banco de cimento na lateral do prédio da FAED; um sol amarelo-alaranjado de fim de tarde, de um outono de 2012, incidia de frente.

VII.

Sabia que a leitura desse texto seria uma empreitada e tanto, pelo volume. Mas já era sem tempo, sobrara só aquela noite para ler e eu teria que falar alguma coisa sobre ele no encontro do dia seguinte, certamente para mostrar comprometimento com o grupo. Li tudo de um só golpe, com a cabeça pendendo por causa do sono que dava, talvez por isso tenha pulado as partes que pareciam repetidas, talvez um capítulo inteiro, pulando as partes que pareciam repetidas. Li tão rápido que anotei só um pouco para falar algo no dia seguinte, como uma daquelas artimanhas de aluno que nunca se perdem, quando desempenhamos esse papel. Minhas anotações: alguns parágrafos aleatórios, sem dúvida localizados no começo, no meio e no fim do texto, para dar a impressão de que havia lido inteiramente, e alguma frase que já havia sido marcada por um leitor anterior, no texto original. Devo ter comentado, durante o encontro de discussão do texto, não mais que dois ou três pontos, gaguejando, nervoso e trêmulo como quem não tem certeza de nada e dispara qualquer coisa para impressionar. Talvez tenha dito “Achei legal” ou algo sucinto e enfático o bastante para não me enrolar e entregar que eu não havia lido com atenção. daquelas artimanhas frustradas comuns quando se assume a figura do aluno, a de dissimular.

#5 UM NÚCLEO

Um núcleo surge como espaço aberto dentro da estrutura universitária (bolsas, espaço físicos, acesso a grupos, livros etc.) pela prof. Maria Oly, que o coordenava: um modo de olhar, orientar, estimular ações “*autônomas e auto organizativas*” e não hierárquicas, para “*pesquisar e desenvolver oficinas com foco nas Ciências Naturais, segundo*

referencial da Alfabetização técnica”(p.40) Em volta dele, pessoas de diversas formações que se interessam pelas oficinas. Já eram doze pessoas e muitas oficinas. Sabão, papel, fotografia, teatro, sexualidade, imagens, o corpo, questão ambiental, eram alguns de seus temas, fruto da vontade de conhecer que parte do oficineiro, estudar seu tema com autonomia, sem limitação de área para se enquadrar (física, matemática, química) ou professor para ensinar. Assim elas iam acontecendo cada vez mais desvinculadas do tempo e da estrutura escolar, passando a ser ligadas ao tema e suas transformações. Ao passo que eram realizadas iam mostrando que, apesar de ter um certo planejamento, esta era constantemente rompido. Não se tratava de uma oficina para produzir algo pela técnica, uma reflexão ou um objeto, era o saber-fazer de cada um envolvido que movia aquilo ali, o fazer junto, as vivências que cada um trazia e trocava, as singularidades, o enlace disso tudo era o que produzia conhecimento. Fazer algo, o tema (sabão, papel etc.) era o *“eixo em torno do qual os saberes de cada um eram ativados, no sentido de uma produção comum, como resultado das diferentes competências atuantes, das diferentes visões de mundo, do vivido de cada um”* (p.42) Assim, pela interação com vários grupos, e o que acontecia nesse processo, começa a ser possível pensar e teorizar a escola, as práticas escolares (os conceitos que são deslocados de situações de vida, as abstrações, os resultados, a finalidade da formação, a falta de desejo e curiosidade) e *“apontar possibilidades para a realização de um trabalho educativo que, ao mesmo tempo em que constituía uma crítica à escolarização, instituiu práticas que não tinham mais como fim o conteúdo escolar”*(p.44). Um modo de experimentar, de propor, de agir e teorizar mais autônomo, que partia daqueles que, até então, estavam fixos em seus papéis de alunos (muitos dos oficineiros e integrantes do núcleo eram alunos de graduação ou mestrado na época) e em tudo aquilo que “subjaz” essa função”. Tudo isso alocado em uma salinha cunhada de “porão do Nat”.

#6

Um tema central. Algo de interesse e curiosidade do oficineiro. Uma forma de conhecer com vontade, de criar estratégias cuja finalidade seja o outro, alguém que queira saber daquilo que o oficineiro estuda. Um grupo de pessoas que se deu conta, com muito custo, das falsas

promessas e dos limites da escolarização e sua estrutura; pessoas que, ao tornarem-se professores de escola ou estudantes universitários, viram-se implicadas em aceitar, de alguma forma, seus limites, o modo de distribuição do espaço, do tempo e do conhecimento, da avaliação, da formação etc. *“Desconfiar do hábito de relacionar o escolar sempre a tudo que é bom, positivo, construtivo e elevado, a ponto de sentir-se impulsionado a propor outras práticas, era nosso interesse maior no NAT. Nas andanças com as oficinas, outros elementos foram aparecendo, novas compreensões foram sendo possíveis. Passamos a provocar situações que se afastassem o máximo possível das exigidas pela escola”* (p.49). O rompimento com essas situações e estruturas, na tentativa de promover situações dialógicas e de circulação de saberes por meio de oficinas, até então, era marcada por um modo de formação de educadores pela via da autoformação, mas deixava *“a desejar quanto a efetividade do trabalho educativo”*(p.49), ou seja, tornar possível que aqueles que eram tidos como participantes pudessem se tornar oficineiros e participassem do processo criativo da oficina. E esse era um desafio a se enfrentar.

Pequenas relações cotidianas II

VIII.

Procurara uma definição mais ou menos precisa daquilo que era oficina para me ajudar a compor meu primeiro artigo sobre as oficinas que eu havia realizado depois de três semestres de Pibid. Sem dúvida, buscava alguma frase que pudesse me servir: exata, certa, daquelas que começam assim, *“Oficina é; Oficina pode ser entendida como; Tomamos a oficina como; Pode se dizer que a oficina”* e assim por diante, bem fácil de assimilar, destacar e utilizar. Procurei no texto inteiro, buscando somente a menção da palavra oficina, para depois enxergá-la no contexto, como quem olha de sobrevoos. Primeiro olhei ao longo do texto. Não encontrei. Certamente alguma deveria ter escapado. Descobri, então, que o texto era uma parte do trabalho de mestrado do mesmo autor. Assim, consegui uma versão digital do trabalho, que me permitiu procurar no modo busca, destacando somente as palavras

oficina. 158 resultados. Desisti. Usei uma frase com quatro linhas destacadas do final do segundo parágrafo da página 118 que termina no meio da 119.

IX

“é o eixo em torno do qual os saberes de cada um eram ativados, no sentido de uma produção comum, como resultado das diferentes competências atuantes, das diferentes visões de mundo, do vivido de cada um.” (p. 119). Usei essa citação algumas vezes. A bem da verdade, todas as vezes em que me referia ao tema, à importância do tema na oficina, eu a usava. Não sei se por preguiça, por costume, ou talvez porque há nela uma “definição” de como o tema, a vontade do oficinheiro, opera ou atua nas oficinas como um eixo, como algo que se coloca no meio, algo entorno do qual se gira em volta. Sei que a usei, às vezes separada do texto, com recuo, como algo que se destaca, em outras, no corpo de um parágrafo, chegando a inventar todo um preâmbulo só para citá-la: todo um parágrafo criado entorno de uma frase. Que não me largava.

X.

Em uma procura por ele, dei para limpar um pouco do montante de coisas que se guarda sem saber a razão. Um texto-objeto, 44 folhas de papel somadas a um monte de folhas acumuladas que eu mal tinha onde pôr. Por um momento, cheguei a esquecer de sua existência, estava lá, debaixo da cama, em uma dessas caixas onde a gente coloca muito do que acumula na vida. Restos de prova, trabalhos com boa nota, textos que por alguma razão se guarda, textos que um dia iria ler, ou reler, talvez, resultados de exames médicos, chapas de radiografia, contas, recibos de pagamento, histórico escolar, certificados, cópia do currículo lattes, algumas fotografias, papéis de embrulho, fotos 3x4 e, no meio disso, um texto sobre oficina.

#7 FOTOGRAFIA E SEXUALIDADE

Da terceira vez ela aparece como fotografia e sexualidade¹⁰. Durante quatro meses, aos sábados, fora do horário de aula e do currículo, em um colégio, alguns alunos do ensino fundamental e médio e seu professor-oficineiro começaram a se interessar por pesquisar, conversar, pensar alguma coisa. Durante dois anos, aos sábados, em um presídio feminino, uma professora-oficineira vê, no encontro com detentas, seu tema, a sexualidade, ser revirado, mexido, desmontado em uma oficina que já havia passado por tantos lugares. É com aquelas mulheres que aquilo se move, move muitas coisas, nelas e na “professora” que ali está. No colégio, sua capacidade de se auto organizar para fazer aquilo acontecer: trazer material, fazer comida, limpar a sala, criar um espaço movidos pelo interesse em saber sobre fotografia. Num presídio, sua capacidade de questionar, de mostrar outros afetos, como a sexualidade funcionava naquele espaço, e como isso possibilitava para pensar tantos outros limites. Oficinas que rompem com o tempo e que põem todos como criadores oficineiros. Modos de experimentar com a fotografia, de pensar seus métodos, seus funcionamentos, de explorar as possibilidades e formas de realizar *pin-hole*, elaborando estratégias para ensinar aos outros como obter tais fotografias, como o processo funcionava, as noções de química envolvidas. Outra de pensar sexualidade, a moral, os dispositivos, o controle, as fugas, os limites de uma proposta. Assim “*a oficina começa a dobrar-se sobre si mesma*” (p.55). Essa oficina que ocorreu fora do “horário de trabalho e de aula”, por quatro meses, aos sábados, em um colégio onde Guilherme dava aula, e a outra, que ocorreu em um presídio, com detentas, onde Ana Preve foi por dois anos, aos sábados, começam a apontar algumas possibilidades, que não houvesse mais distinção entre participantes e oficineiros, entre aqueles que propõem e pensam estratégias e aqueles que participam, que tomam algo do processo, configurando-se “*como estratégias em educação que*

¹⁰ PREVE, Ana Maria Hoepers; PEY, Maria Oly. Sexualidade, quem precisa disso? a trajetória de uma oficina. 1997. v, 133f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação

podem orientar práticas de resistência à ação de alguns dispositivos” (p.59), aqui, escolarização e sexualidade.

Dos pequenos exercícios de leitura e as marcas de uma relação I

Alguns blocos embaralhados. Um conjunto de palavras (sublinhadas e circuladas). Um pequeno exercício de buscar no texto pela palavra oficina, repetindo-a e copiando a palavra que vem em seguida. Outro com os verbos *pesquisar, criar, propor, pensar*. Outro de brincar com a ordem destes verbos, para deixar claro que não são etapas, mas se dão o tempo todo. Uma lista de marcas de uso, de tempo, algumas anotações presentes no texto, que fui fazendo durante leituras nos diferentes tempos em que eu resolvi lê-lo. Tudo isso marca diferentes épocas, diferentes formas de ver e entrar no texto, diferentes formas de extrair dele alguma coisa.

XI.

Um desenho de uma flor estranha feita a lápis no canto superior esquerdo da 77. Anotações em seu verso: Palavras em destaque – Conceção dialógica, contextualização, significância, politização, dialogicidade. Significação, unidades geradoras. “Tema comum” entre 78-79. 80-81 “Um projeto que vem antes”. Destaque ao final da 82. “Se o diálogo não funciona como modo de buscar o tema” anotação no meio da 82-83. 84-85 Anotação na horizontal referente a 85 “Movimento de pesquisa pode mostrar o que... pode dar em nada (?)”. Frases marcadas com sublinhado, outra com círculo na 86. 5 pingos de café de tamanhos distintos sobre a parte superior na 87, que não se sabe bem se caíram na frente ou no verso. Marco sobre 88. “Tema comum” entre 88-89. Mancha de café sobre a 89, possivelmente feita por infiltração da anterior. “I” na 90. Anotações preenchem lacuna entre 92-93. Um desenho de um rosto qualquer na 93. “Texto que leva à crise” anotação na 94. Mais anotações no meio da 96-97.

XII.

Paulo Freire, Ademilde, Observação. Ler o mundo. Maurice Bazin. Fracasso. Partir do tema da oficina. Dizer com simplicidade. Uma oficina de jogos teatrais. Mas como um todo inteligente, sensível e expressivo. Construir com o corpo modos de expressão, ampliar campo de ação do educador. Atingir situação de diálogo. Decidir o tema de estudo. Reunir todo material possível. Estudar. Desenvolver estratégias para dizer sobre o tema. Elaboração de estratégias. Importância existencial. Atitude dialógica. Concepção dialógica. Investigação temática. Unidades geradoras. Significação. Duas horas semanais. Plano de ação. Investigação temática. Eleição dos temas geradores. Redução temática. Situação limite. Unidades geradoras. Diálogo. Texto. Tema gerador. Ressignificado. Mas e daí!?. Cumprir o programa. Tema gerador. Oficina. Química. Experiência geradora. Temas geradores. Hábito. Aula. Educação pela arte. Oficina ambulante. Dizer além do tema. Pesquisa de possibilidade. Alfabetizador técnico. Junto, construir junto. Saberes em circulação. Autonomia. Temas. Dispersão. Eixo. Não disciplinaridade. Não disciplinar. Oficina começa a dobrar sobre si mesma. Passem a ser oficineiros. Não funciona ali. Possibilidade de expressão. Jogo. Dizer o que se quer. Pletora. Autoformação. Representar. Pesquisa em educação.

XIII.

Oficina, uma modalidade. Oficina do NAT. Oficina constituída. Oficinas surgem. Oficina exige; Oficinas que. Oficinas eram; Oficina foi; Oficinas de arte; Oficina encontra-se; Oficina de mecanografia. Oficina não foi um tema. Oficina ambulante. Oficina aconteceu. Oficinas do CIC. Oficinas nos mostravam. Oficina parecia abrir. Oficinas começam. Oficinas com foco. Oficinas absorvem. Oficinas passam. Oficinas de física. Oficina de sabão. Oficina, levou-nos. Oficinas iam acontecendo. Oficina começava. Oficina foi criada por Rita. Oficina trazia à tona. Oficinas começavam. Oficinas passam a identificar. Oficina foi resultado. Oficina oportuna. Oficina abre. Oficina não é um trabalho. Oficinas deveriam ter. Oficina não se justifica. Oficina identifica-se. Oficina marcava. Oficina sobre

fotografia. Oficina com quatro meses. Oficina sobre sexualidade. Oficina de jogo teatrais. Oficina como espaço.

#8 TEATRO

Da quarta vez ela é teatro. Ano 1996, uma oficina de jogos teatrais, uma ferramenta. Aconteciam as quintas, à noite, com alguns alunos do Curso de Licenciatura em Química de uma universidade em Santa Maria. Alguns exercícios, modos de habitar uma sala, de exercitar a presença, alguns comandos, estar atento, de olhar o outro, algo não muito distante do que pode acontecer ou faltar em uma aula, quando se está como professor, e algo para se pensar nisso tudo. Jogos simples, que pareciam brincadeiras infantis, mas que faziam *“experimentalizar uma espécie de preenchimento do corpo pela vontade, pela intencionalidade; um corpo que pode abrir-se como uma pleura de canais para dizer o que se quer”* (p. 66). A partir daí, começou-se a desenvolver um projeto com base nas oficinas do Nat (pensando na quebra de hierarquias, a autoformação) *“Oficinas: educador em autoformação”* era o nome do projeto. Formação de educadores, ampliar o campo de ação, desenvolver pesquisa em educação por meio de oficinas, elaborar estratégias educativas para dizer ao outro de seu tema, atingir situações de diálogo, fazer circular o conhecimento, são alguns dos pontos que esse projeto se propunha. Surgiram então pesquisas e oficinas sobre dor, estados da matéria, água, drogas e fermentação e começou a ser possível delinear um modo de trabalhar daquele grupo. *Decidir o tema, reunir material, estudar, desenvolver estratégias para dizer do tema* (p.68-69), são algumas estratégias para pensar esse modo. Estratégias não fixas, de um primeiro momento, quando a proposta começa a se esboçar, mas aberta para as coisas que encontra quando circula, quando encontra o outro. Tais estratégias não visam facilitar o acesso ao conhecimento, *“mas enfrentar aquilo que o oficinheiro conhece com o que os outros conhecem”*, e também *“a quebra de hierarquias tanto entre os saberes quanto entre as pessoas”*, constituindo-se em um modo que não provoque *“a negação total do que um indivíduo sabe, daquilo que vive, daquilo que os que ama sabem, do saber que o rodeia, constituindo-se em práticas que tenham a ver com alegria de viver e não com a sujeição*

a tecnologias pedagógicas que o querem outro, um outro que ele não quer ser” (p. 70). Uma estratégia que, apesar de surgir na escola, opõem-se a escolarização. Uma estratégia como um modo, uma relação com o outro e com as coisas (um tema, uma ideia etc.) que evolui “para sua desmaterialização”, quando dela não seja possível dizer mais nada. “não mais um sistema identificável, apreensível, avaliável, mas que seus efeitos se façam sentir na intolerância e na capacidade de identificar e desmontar tentativas de docilização para a produção de homens úteis”. (p.70).

Dos pequenos exercícios de leitura e as marcas de uma relação II

XIV.

Uma seta sai, começa uma anotação que ocupa a margem inferior, atravessa por baixo, sobe pela lateral direita até o meio. Anotação 102-103, na horizontal. “Corpo-escola” 108. “NAT”, lacuna da 107-108. “Troca-fazer junto” - 118-119. Quatro parágrafos destacados, anotação na lacuna central da 120-121. 123 toda destacada, risco e círculos (temas, eixo, não-disciplinar). “Oficina como articuladora, prova articulações” meio da 122-123. “Tema motivador da pesquisa” – rigor, artesanal e autoformação, lacuna central da 124-125. Destacada por um sublinhado horizontal “A oficina não se justifica senão como satisfação de uma necessidade de quem propõe”. 126, final do terceiro parágrafo em destaque, anotação ‘problema surge’. Primeiro da 133, “oficina começa a dobrar em si mesma”, uma seta sai do penúltimo “ela não pode estar sozinha”.

XV.

Pesquisar, criar, propor, pensar. Foram os primeiros verbos. Assim, nessa ordem, indicam um movimento Um movimento incessante no decorrer das oficinas. Cada um é decorrência de todos os outros, mas podem se dar ao mesmo tempo. Às vezes, mais um que outro. Às vezes nunca se dão. Um movimento.

XVI.

Pesquisar e desenvolver. Pesquisaram em Ratos. Criaram as oficinas. Criar situações. Criar as primeiras oficinas. Criaram e mantêm. Criar. Nem o meu camarada. Criar sozinho. Criar e instituir. Criar regras. Criar um instrumento. Criar situações. Criaram-se. Criar e extinguir escolar. Propor em exercício. Propor, decidir. Propor estratégias. Propor temas. Propor linhas de ação. Propor uma escola melhor. Propor outras práticas. Propor fundamentos. Propor e tentando. Propor para buscar. Pensar em outra palavra. Pensar, entre saber e dizer. Pensar e propor. Pensar outros problemas. Pensar as oficinas. Pensar uma sem a outra. Pensar no que significa. Pensar em uma escola.

XVII.

Pergunta “Como deixar-se levar?” lacuna central da 136-137. “Um problema que gera oficina” anotação na 144-145. Letras grandes “ATENÇÃO” na 146-147. Grifos, anotações destacadas por sublinhados horizontais e verticais “atingir situações de diálogo”. Pergunta “Oficina move pesquisa em educação?” na 148-149. “Meio de dizer sobre o tema, estratégia como vontade de dizer”, no centro da 150-151. “Elaboração de estratégias para dizer mas também para fugir do repasse do saber especialista” em algum canto da 152-153. “Importância existencial” na 153. Anotações no verso preenchem a 158-159. Anotações no verso ocupam toda 160-161. Pequeno texto de meia página, mal organizado, rascunhado, quase incompreensível no verso da 162-163.

XVIII.

pesquisa cria propõe pensa pesquisa cria propõe pensa pesquisa propõe
cria pensa pensa pensa pesquisa cria pesquisa propõem propõe cria cria
pensa pesquisa propõe pensa propõem cria pesquisa cria propõe pensa
cria pesquisa propõe cria pesa pesquisa pensa cria pesquisa cria cria
propõe pesquisa cria cria pensa propõe pesquisa pesquisa cria propõe
pensa cria pensa cria pensa cria pesquisa propõe cria pesquisa propõe
cria pensa pesquisa propõe propõe cria pesquisa pensa propõe pesquisa
pensa cria pesquisa propõe cria cria pensa cria pensa propõe pesquisa
propõe pensa pensa pesquisa pensa propõe cria pensa.

XIX.

Um buraquinho pequeno, marrom de ferrugem, localizado na margem superior esquerda, um pouco acima do número, traspassa, como uma pequena cicatriz que é comum a todos, marca singular daquilo que um dia o uniu.

XX.

Relutei o quanto pude para entrar nele. Já o percorri algumas vezes, em muitos lugares, de várias formas (aos pedaços, do começo ao fim, só uma parte, pulando). Usei uma mesma parte algumas vezes, uma única – acho que só por receio de procurar outros trechos para destacar, usar ou compor. Surgiu como quem não quer nada, foi desaparecendo aos poucos, até se perder por aí. Me acompanhou durante um tempo só para sumir mais uma vez. Ele sempre esteve por ali, eu acho. Foi se desfazendo por desleixo, ou por artimanha, quem saberá? Não, não tem a ver com discordar ou não, com se identificar ou não, com gostar ou não, nem dele me aproximo tanto; tem coisas que para mim não funcionam do mesmo jeito, certas coisas eu nem falaria ou passaria longe. Sei que ele foi o primeiro, não por escolha, me foi entregue e a primeira reação foi um certo receio, era grande. Depois, pela grandeza, me deu cansaço, fadiga, frio na barriga, trabalho, dor nas costas. Assim que pude me livrar dele, o fiz, só para dar um tempo, e retomá-lo outra vez. Outra reação foi dissimular, fingir que sabia do que se tratava, e, olha só, faço um pouco disso até hoje. Nunca falei muito dele, acho que nunca o indiquei para ninguém. Esses tempos eu juntei ele com outros tantos para ver se não o perdia outra vez. Peguei dele umas partes, e tudo que fiz para escrever foi rodear um pouco ele. Rodear é meio que uma estratégia para ver que coisas, a partir dele, eu conseguia juntar, andar pelas vizinhanças, mas também, uma é uma maneira de não falar dele diretamente, de não ir direto ao ponto. Por isso não queria que ele aparecesse aqui assim. Achava que sua presença poderia ser sentida nas entrelinhas, ser espaçada, desmembrada, sei lá, mas isso demandaria, para quem lê, um conhecimento prévio do que ele trata, o que nem

sempre é possível, para poder achá-lo como quem cisca, um pouco aqui, outra tanto acolá.

#9

Se dei conta do texto? Dificilmente. Se dei a ver os processos que ocorreram durante todos os quase 10 anos em que ele se o texto se passa, para, no fim, chegar a um “conceito”, mesmo que aberto, de oficina? Creio que vagamente. Difícil resumir um texto em que as coisas se desencadeiam, tem um curso, principalmente quando são tantos anos de vida, tanto trabalho feito, tantos encontros, tanta coisa que aconteceu. As coisas não se deram assim, espaçadas. Há muitas coisas que não fiz e que seria preciso para “dar conta”. No meio desses blocos há tantas coisas, tantas coisas que eu poderia dizer, mas não disse. Foi uma escolha. Muitas reflexões sobre escola, sobre o ensinar, sobre oficina, sobre conhecimento, educação, sobre um grupo. Tentei entrar de um modo no texto, dizer dele de um modo. Uma maneira só minha. Há inúmeras outras, sem dúvida. Pegar aquilo que me interessa de algo e trazer para compor comigo, com as minhas coisas, para ajudar a dizer alguma coisa. Seleção, estratégia? Não sei. Não muito diferente de um modo de fazer oficina. O que fiz é ir atrás da oficina no texto e selecionar pontos onde ela bifurca, onde ela é pensada de outro modo, onde agrega um pouco de coisas, recolhe coisas por onde passa. Passar pelo sabão e uma proposta dialógica que encontra a “realidade”; do papel e ir pensando a escolarização, algo fora da escola; da fotografia e certos limites da oficina, ampliar esses limites, tentar colocar todos em posição de criação, um modo de conhecer com vontade; o teatro e a criação de um projeto, de estratégias, de formação de educadores; chegar à conclusão que, da oficina, não reste dizer mais nada, mas cujos efeitos se façam sentir. Optei assim por pegar pelo “tema”, algo material, pontuá-los, tentar mostrar como o contexto em que ele se encontra faz mudar os modos como se pensa oficina e, no meio disso, tentar contar um pouco do texto a partir da minha relação com ele. Assim, contaria do texto menos pelo seu conteúdo, que já está lá, e mais o que ele provoca, o que ele mobiliza, quando dele se faz uso.

ENCONTROS

Uma palavra aparece no meio. Solta, solitária, ela ocupa o espaço central, destaca no fundo branco que a suporta. Ali, estática em princípio, ela começa a vibrar, ela pede por relação, por vizinhança, um chamamento. Dela, aos poucos, vê-se surgir outra, e logo outra, e assim vai remetente, assim vai compondo, vai criando uma ambiência. Uma palavra não vem sozinha, carrega em si uma projeção, uma intencionalidade. Por isso a gente ancora uma na outra, lhe dá um traço, uma seta, um movimento, um sentido. Aos poucos, no meio daquilo tudo que, a gente se perde, e vamos nos perdendo nisso tudo. Um trabalho que não tem fim, que se expande, como o universo. Uma imagem vai surgindo disso tudo, uma folha completa, muitas palavras dispostas. Se a gente olha de perto, dá até para localizar algumas coisas nele, e há todo um caminho que leva do centro para fora, ou vice-versa. Mas aos poucos a gente se perde no excesso, como uma das consequências desse preenchimento, e dessa desordem aparente. Deste modo, aos poucos, vamos cedendo a vontade de agrupar, organizar, limpar e vamos apagando uma ou outro traço, uma ou outra palavra (seus contornos ainda podem ser vistos, mas já não fazer mais trajeto, um caminho que se decide ir). Nesse jogo de exclusão, vamos estabelecendo um critério, ainda mais apurado, deixando só o necessário para que aquela imagem que surgiu, fique mais clara possível, liberando-a dos intensões, das predeterminações, até que não sobre muito mais que somente uma palavra, uma palavra bem no meio.

1

Tá vindo que tem uma oficina a partir do texto do Guilherme, uma que te afeta e que você se envolve e produz. E nos desdobramentos tu vai ter a oficina que aparece para cada um, que é história que eu não dou conta. Aquilo ali que se diz que a história da oficina que o Guilherme conta, é a história que ele conta, e acabou. Eu não tenho mais poder que isso. Eu não sei como seria visão oficina do Fernando, da Rita, da Ademilde. Não é que a história que eu conto, tem problema porque eu vejo, mas é o modo eu fui afetado pela coisa. Isso poderia ser um ponto de partida para pensar as entrevistas.¹¹

2

A proposta começou assim: basicamente realizar entrevistas com pessoas que, nas suas propostas de oficinas, no seu modo de trabalhar, tiveram alguma relação, direta ou indireta, com as atividades realizadas pelo NAT através do texto ou diretamente com o Guilherme. Seria uma maneira de, até então pensando só nos desdobramentos da ideia de oficina que ele traz no texto, mostrar outros modos de fazer distintos do meu, para apresentar o quanto essa ideia variou ou não. A proposta inicial era de realizar entrevistas, mas um incomodo com essa palavra, ou aquilo que ela costumeiramente remete, algo com perguntas e respostas, ligado a busca de informações e dados, me fez sempre relutar em fazer algo assim.

3

Um incomodo fez com que eu buscasse por outros modos de entrevistas (dirigida ou não, na pesquisa-ação, com roteiro ou pauta, semi ou não estruturada, na psicologia e psicanálise, na história oral). Peguei um pouco daqui e dali, mas parecia nunca alcançar aquilo que eu queria e não sabia muito bem o que era. Se a questão era verificar os desdobramentos, como cada um pensa sua prática, como cada um

¹¹ Fala de Guilherme Corrêia na qualificação desse trabalho.

arrasta uma ideia de oficina, era preciso que eu experimentasse formas de conduzir e propor uma entrevista à aproximando de uma certa ideia de oficina (estudar, apresentar, selecionar, trabalhar alguma coisa... ou seja, por em movimento uma questão usando uma ou umas estratégias). Isso não era uma condição, antes um desejo. Na tentativa estruturar uma espécie de entrevista-oficina, partir de uma ideia: que a oficina tinha uma certa materialidade, uma certa forma selecionar materiais distintos, estava ligada a algo material, concreto. Decidi assim que minhas 'entrevistas' teriam que ter algo a mais "sobre a mesa", algo a mais de que um texto e uma ideia comuns, algo que abrisse e a conduzisse. Não apenas perguntas previamente determinadas (o que não as excluía de inteiro) que eu faria para averiguar alguma coisa. Eu pensava que uma proposta mais interessante seria a de eleger coisas que usávamos (tanto eu quanto as pessoas entrevistadas) em nossas oficinas e que, partindo delas, começássemos a falar de nossas próprias oficinas, e nisso, apareceriam os tais desdobramentos do texto.

Parte "Prática"
Proposições

7:00

7:30

8:00

8:30 Acompanha oficinas em andamento
+ práticos → 1º e 2º semestre

9:00

9:30

10:00

10:30 Pensar em "oficinas" dentro
do outro

11:00

11:30 "meta-oficinas" | Problemas das entrevistas
é de Tarsila o objetivo de
suu apoio de apoio, a oficina
p/ falar sobre ela

12:00

12:30

13:00

13:30 Pensar em oficina de [Fazer Jênis]
de compatibilizar práticos

14:00

14:30 p/ prática, p/ conjunto

15:00

15:30

16:00 sobre modos
de fazer

16:30

17:00

17:30 pensar
em entrevistas

18:00

18:30

19:00

19:30 Talvez

20:00

20:30 c/ as críticas
de

21:00

21:30 como
moldar
Bom conjunto
concreto

22:00

ISS

JANEIRO / Enero / January

S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

7:00 entrevistas

7:30

8:00 c/ resenha entrevista

8:30 sem o objetivo de estar
do grupo

9:00 c/ perguntas práticas?

9:30

10:00

10:30 Como buscar de informações

11:00

11:30 Sem aquela busca por elementos?
p/ análise

12:00

12:30

13:00 Algo que faz aparecer imagens!
de fazer!

13:30

14:00

14:30 Bares? ARGENTINA
b Paralelo c/ Ano! N.Fg.

15:00

15:30

16:00 b ARJUL

16:30

17:00

17:30

18:00

18:30

19:00

19:30

20:00

20:30

21:00

21:30

22:00

ISS

FEVEREIRO / Febrero / February

S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29

4

Escrevi uma espécie de carta-convite, que enviei a algumas pessoas, e que apresento abaixo, na qual expunha, de modo geral, a proposta e o modo como a estava pensando. Nela, dividi a entrevista em dois momentos que chamo de composições, em relação ao intento que eu tinha de compor com essas coisas usadas por cada um na sua oficina, e para fazer relação com a ideia que esses materiais distintos giram em torno de algo comum: o texto. Assim faria aparecer os modos de fazer de cada um, achava eu. Agarrado nessa ideia é que comecei a entrevistar pessoas.

Carta-convite para uma entrevista-oficina

Venho por meio dessa lhe convidar para uma “entrevista-oficina” pois sei de sua aproximação com o tema, seja propondo, pesquisando ou mesmo participando. Refiro-me as oficinas realizadas durante o funcionamento do Núcleo de Alfabetização Técnica – UFSC ou seus desdobramentos com as pesquisas realizadas sob orientação e apoio da Prof. Ana Maria H. Prevê na UDESC, em que me situo. Desse contexto desenvolvi uma pesquisa com base nas oficinas ao longo da graduação, que foram tema central de meu trabalho de conclusão de curso. Agora, no mestrado, venho pesquisando a questão da oficina e como ela pode funcionar como um modo de fazer, de pesquisar, de conhecer, comunicar alguma coisa etc.

Tenho dúvidas, hipóteses, alguma leitura e muita vontade de colocar esse campo de ação mais próximo de minha realidade novamente, não como proponente de algo a se passar, ou como passivo de um conteúdo pré-determinado, mas de quem pretende se colocar em uma zona de ação propícia para espontaneamente, a partir desse momento, seja possível dizer (dizer com) partindo de uma situação construída de forma

comum e que se origina após seu possível aceite ao convite que proponho abaixo.

Proponho, uma entrevista-oficina, uma espécie de jogo em dois momentos.

Primeiro, o da Composição de Afetos.

*Aqui lhe peço para **trazer ao encontro cinco (5) objetos-coisas** (que podem ser ou não materiais) que lhe remetam não só a palavra oficina, mas também a seu fazer junto/com oficinas (seja participando, propondo ou pesquisando). Trarei também os meus, para assim, juntos, dispormos e compormos com aquelas memórias, enquanto conversamos sobre elas, sobre o que se passou, sobre ...*

Depois, o da Composição de fazeres.

Há um modo de fazer (mas também de pensar, e articular, de propor, de se colocar, de esperar, de ouvir etc.) que liga a oficina a pesquisa que lhe origina e deriva. Um modo de fazer que, assim como o tema, é ligado ao oficinheiro (aquele que propõem a oficina) e que se constitui e é colado ao processo (propor, partilhar, pensar, repropor, fazer junto...).

Por isso é um modo que nunca está pronto, que não lhe pertence, mas lhe constitui, pois faz parte do modo como ele constrói e pensa o seu próprio fazer. Esses modos de fazer me interessam. Por isso aqui, convido-lhe para uma conversa sobre esses modos, como cada qual articula e pensa suas práticas, como pensa seu ofício, como isso que é pode ser mais, e assim por diante.

Realizaremos uma conversa aberta cujo eixo é o fazer, e nisso faremos algo comum, trabalhando um bloco de argila, à maneira dos poetas, com as mãos, enquanto conversamos. Uma conversa sobre educação, os modos de fazer de pensar, as memórias, o que pode uma oficina etc. De resto, posso dizer

que fica a abertura ao imprevisto do que acontecer e a sinceridade para receber e pensar com o que virá.

PS: Caso aceite este convite, poderemos marcar um horário conforme sua disponibilidade, e ainda pensar em fazer esses dois momentos em dias distintos etc. Outra coisa, para fins de registro de pesquisa e transcrição, utilizarei câmera filmadora para a realização de um vídeo-experimental, caso queira, poderemos articular sobre este assunto também.

Atenciosamente

Daniilo Stank Ribeiro

5

A entrevista figurava **como um modo de conversar e compor juntos**, um eixo comum. Desta forma, em *composição de afetos*, ao propor a cada pessoa a seleção de cinco coisas para falar sobre a oficina, minha intenção era que, ao mesmo tempo, faze-las pensar um pouco sobre sua própria oficina, na forma como escolhiam os materiais para falar do tema, a razão de um e não outro, que importância eles tinham. Falar sobre essas coisas, para mim, era apresentar também um modo de pensar a oficina a partir de alguns materiais que a constituíam. De outra maneira, em *composição de fazeres*, o intento era trabalhar algo comum (no caso, um bloco de argila) enquanto falávamos sobre o fazer oficina, sobre educação, sobre... aqui o eixo girava entorno da questão do fazer, do modo de fazer de cada um, e das relações que se estabelecem durante as oficinas (como o oficinheiro a conduz, como ele pensa esse fazer, com ele articula seu tema com o que ocorre durante o processo).

6

Nem sempre ela funcionou. Me agarrei nessa ideia de trabalhar com algo material, e tentei fazer ela funcionar a todo custo. Acompanhamos essas tentativas, a transcrição das falas, e minhas inserções no meio delas, que as vezes são consonantes, as vezes reverberam, outras

concordam, outras não tem nada a ver com o que foi dito. Os títulos acompanham esse movimento, de persistir em uma ideia, a da entrevista com objetos, com algo material, e segue como ela segue, com suas mudanças de perspectiva, de ação, de objetivo, no fluxo do que acontece.

7

Foram realizadas entrevistas-oficinas com Ana Maria H. Preve, Cristiano Binotti Müller Carioba, Michele Martinenghi Sidronio de Freitas, Ana Godoy, Viviane Barazzutti Maria Oly Pey. Apresento-as nessa ordem que foi a ordem que as realizei e trabalhei nelas. Segui essa ordem pois ela tenta apresentar esse processo, os movimentos dessa proposta, e o que foi acontecendo com a ideia. Todas as faladas das pessoas entrevistadas estão em *itálico*, as minhas sem alterações, exceto em alguns casos pontuais.

8

Tomo das entrevistas aquilo me toca, aquilo que solta dali do meio, um gesto particular, igual aquele de quem sublinha um texto, não para sistematizá-lo, para buscar partes chaves, mas para ressaltar as palavras no momento exato em que elas atingem. Afinal, nem tudo em uma conversa se registra, quase nada se registra de uma conversa, a não ser, talvez, aquela sensação que algo reverbera, quando as palavras do outro se confundem as nossas, no instante posterior que a conversa termina como presença.

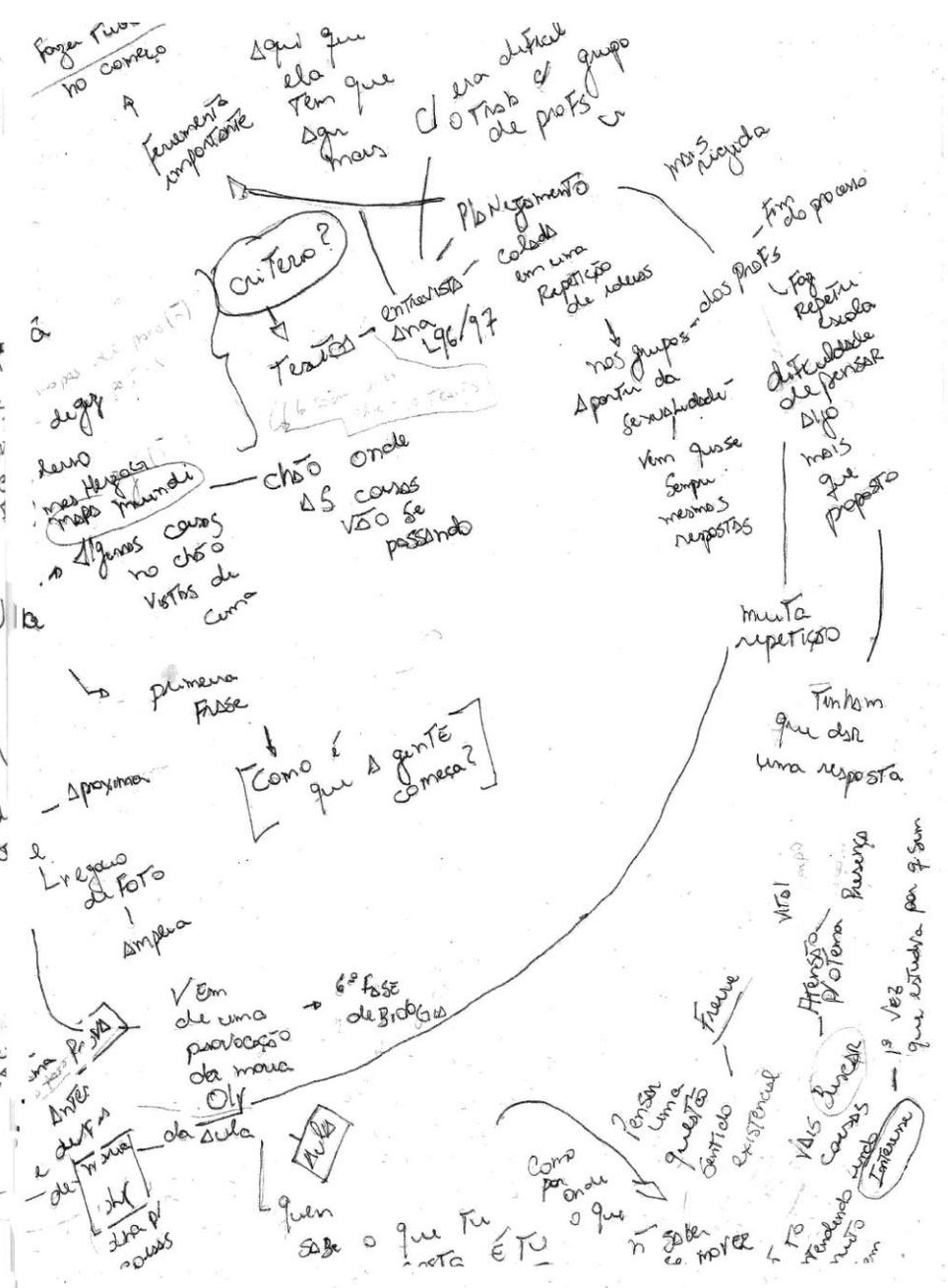
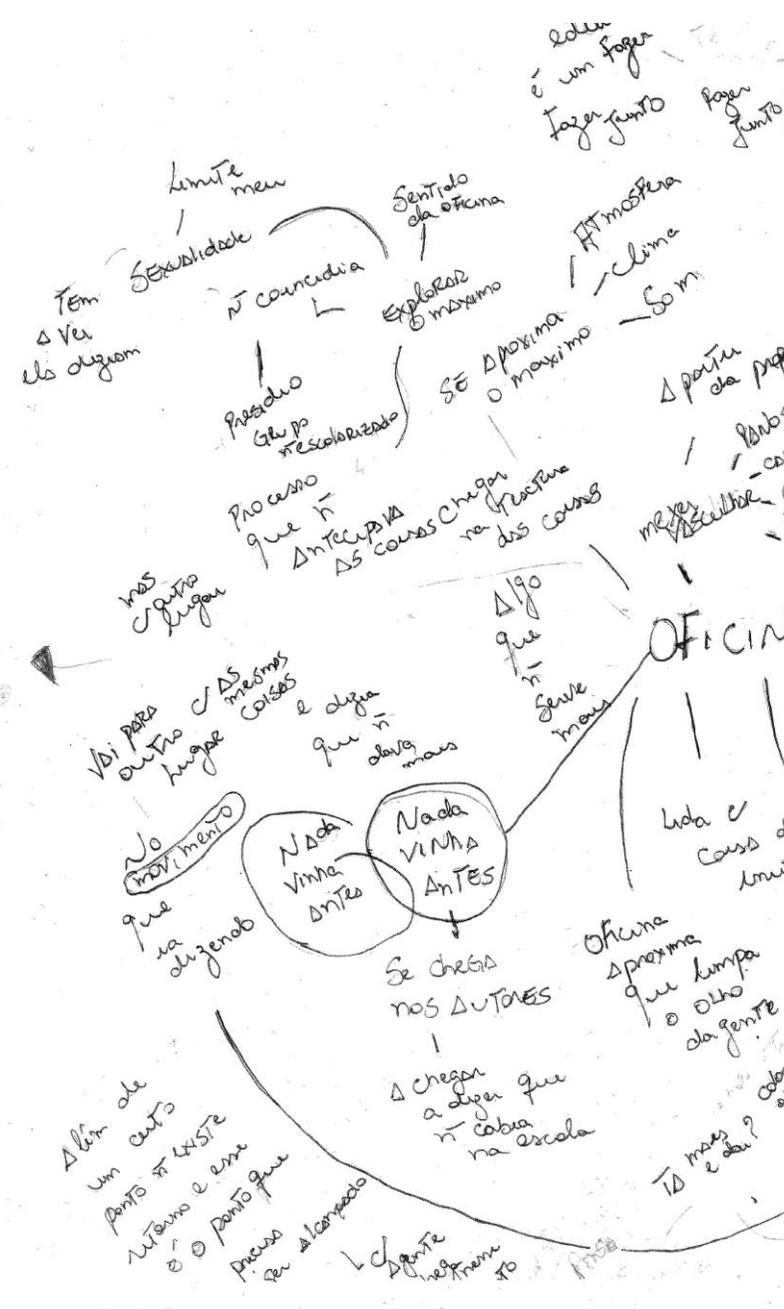
9

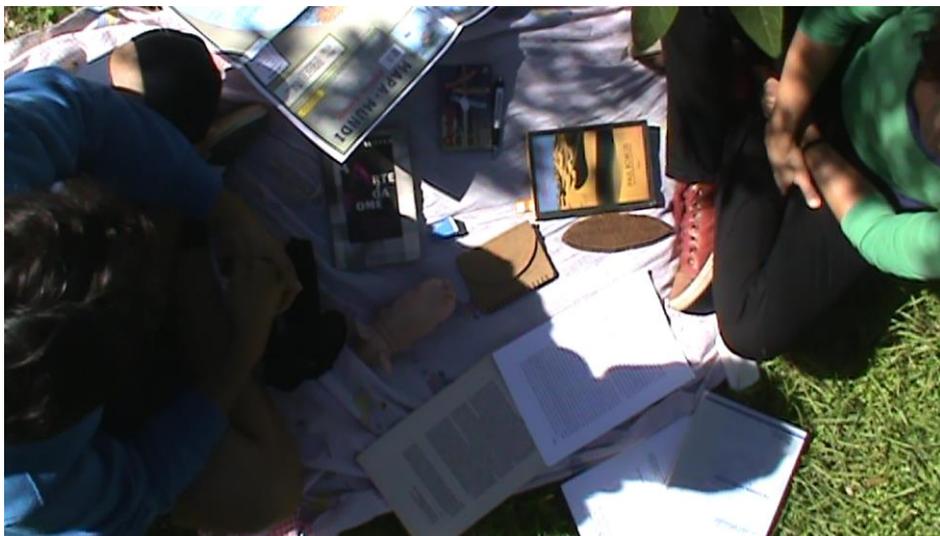
Cada entrevista é acompanhada de um mapa. Cada mapa é um exercício de escuta, de cópia, de repetição, de escolha. O mapa me serviu para especializa-las, ampliar e ver com que cara ficavam quando esticadas, dar uma ideia de movimento Menos que, resumir, informar, é uma tentativa de entrada em cada uma delas. Comecei escutando cada uma, pois gravei e as transcrevi quase completamente, e, em uma segunda vez, escutei, escrevi, rascunhei. Desse rascunho e a escuta de uma

terceira vez um mapa surge de cada entrevista (localizados em cada início). Passo cada um a limpo, com caneta, e surge mais uma cópia, agrego ou tira coisas nesse processo. Por fim, esboço um mapa inteiro, especializo todas as entrevistas em um plano, como um conjunto só. O mapa também servia para localizar, para fixar, para não me deixar perder no meio da desordem, dos rabiscos, servia para fazer agrupamentos, colocar tudo em um plano e ver os pontos de convergência, de bifurcação, as linhas, as consonâncias, uma forma de habitar... uma tentativa de arrumar algumas coisas. Que era o que eu fazia fora do texto, habitar, arrumar, tentar colocar em ordem uma casa, quando uma coisa influí na outra, se imbrica.

ANA PREVE

Quando um porco, uma venda, um barbante, um lençol e um livro encontram com uma caixa de giz, um caderno, uma mapa, um livro e uns textos, algo inútil e algo que amplia.





1

Fiz a primeira com a Ana. Talvez para testar algumas ideias sobre entrevista que estavam um pouco confusas (se usaria os objetos, como eu encaminharia, como faria funcionar etc.). Poderíamos falar francamente sobre como proceder, no que apostar, como foi o processo, se algumas coisas funcionam ou não, já que tenho sido seu orientando desde a segunda fase do curso de Geografia, e ela conhecia o meu trabalho muito bem. Aproximei-me por interesse. Estava iniciando o curso de Geografia e queria uma bolsa. Primeiro pelo dinheiro, que me ajudaria a me manter estudando, e segundo porque poderia fazer algo ligado ao curso, já que na época fazia trabalhos de apoio discente em informática. Foram duas as vezes em que vi a Ana falar sobre sua

pesquisa de doutorado no presídio¹². Queria me preparar para entrevista de seleção da bolsa de iniciação à docência, por isso fui me acercar do que ela fazia. Duas vezes a vi ocupar a mesa. Duas vezes, em dois lugares distintos. Duas vezes que não foram suficientes para entender o que ela havia feito. Talvez por achar tudo muito complexo, talvez por estar no início da graduação, talvez por estar impressionado em ouvir alguém falar sobre um trabalho de doutorado, e todo peso que isso possa ter no imaginário, não sei. Sei que, depois de quase seis anos trabalhando junto dela, só fui ler seu trabalho recentemente, em virtude dessa dissertação, e confesso, ainda estou por entender.

2

Durante o final de sua graduação e do mestrado participou de todo período em que o NAT funcionou. Sua dissertação teve por tema a sexualidade, trabalhada ao longo de seis anos nas oficinas realizadas em diversos espaços escolares e não escolares. Depois, em sua tese defendida na Unicamp, trabalhou com oficinas com pacientes do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. É professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina, no Centro de Ciência Humanas e da Educação (Faed/Udesc).

3

Havia pedido a Ana para escolher um lugar onde se sentisse à vontade para que pudéssemos começar. Ela escolheu ficar embaixo de uma pequena árvore, na frente do prédio da Faed. Era um dia ensolarado, porém não quente, e a sombra que a árvore fazia era suficiente para abarcar nós e as coisas. Estendi um lençol no chão. Tirei da bolsa o livro, o texto, a venda, o barbante, o porco, e um volume da dissertação da Ana que eu havia lido brevemente para me preparar um pouco. Deixo a argila em um canto. Tento posicionar a câmera de forma que o enquadramento centralize as coisas que colocamos sobre o lençol.

¹² PREVE, Ana Maria Hoepers. *Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação*. 2010. 268 p. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2010.

Posiciono a câmera amarrada por um barbante na árvore, em uma espécie de *plongée* (de cima para baixo). A intenção era que pudesse captar esse movimento das mãos manipulando as coisas que estavam dispostas. Ana tira de uma sacola de pano uma porção de objetos e, na medida em que os pega, fala um pouco sobre eles, sobre o critério de seleção que usou para pensá-los, sobre os que ela deixou de lado. Com isso, juntam-se com os meus sobre o lençol: uma caixa de giz pastel, um caderno de anotações, um mapa-múndi, uns textos e um livro¹³, uma coisa em tom marrom, que tinha textura áspera e parecia uma casca de planta, mas que não servia para muita coisa, e o que parecia um brinquedo azul com tampa branca, onde, através de uma pequena lente de aumento, víamos ampliada uma foto não maior que a ponta de um dedo. Assim começamos uma conversa.

4

Como que a gente começa?... Na verdade eu comecei a me mexer muito depois de dizer para ti que eu topava.... Comecei a me mexer em casa, vasculhar umas coisas.... e aí comecei a.... Posso começar? Daí comecei a escolher as coisas... queria recuperar uns panos que eu tinha feito, na época dos mapas de pano do hospital, eles estão todos por aqui, aqueles pedaços. Daí eu falei não, então eu quero minha caixa de giz pastel aqui, porque sempre nas oficinas tinha giz, né... então quero um caderno porque ele é parte do trabalho do oficinheiro, para fazer os registros, pra anotar, registro no sentido mais amplo da palavra, ele sempre foi muito presente pra mim, na minha vida... Depois escolhi uma caixa de filmes do Herzog, dali a pouco parei e pensei: preciso de um critério [...]. Escolho cinco coisas aleatórias ou eu escolho cinco coisas que?... Então parei e recuperei uns textos e li algumas coisas, aí mudei: não apareceu mais o Herzog. Estava lendo um texto que me remeteu a uma página desse livro. Daí pensei: “nossa,

¹³ BOWLES, Paul. *O céu que nos protege*. Trad. Roberto Grey. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

como não levar o mapa-múndi, se ultimamente o trabalho tem se voltado bastante pra isso, com as oficinas, tal...” Tudo aquilo que começou lá vai desembocar nesse negócio aqui. Achei que o mapa tinha bastante sentido, como um chão onde as coisas estão se passando, como uma toalha, sei lá... Então fui mudando, daqui a pouco topei com isso [espécie de casca marrom com textura áspera], aí tem uma textura. Por que tô levando isso? Porque a gente sempre trabalhou nas oficinas considerando aquilo que não servia mais... Peguei isso e pensei, aqui tem uma textura que eu gosto... e as oficinas geralmente chegam nessa textura das coisas né, a gente sempre tenta se aproximar o máximo daquilo que a gente tá propondo, então, ao ponto de sentir a textura daquilo que a gente tá falando... E isso aqui também [monóculo azul], quero trazer outra coisa inútil, a oficina lida com essa coisa do inútil, isso aqui não tem mais sentido nenhum hoje, não sei nem mais o nome disso aqui. [...] põem uma foto, tem uma lente, a foto é minúscula, se tu tirar... Essa é você? Não, eu não sei quem é, vou perguntar pra minha mãe... Eu acho tão mágico, se tu tira... tu não consegue... e aqui tu tem nitidez tu tem uma lente legal... Peguei isso porque a oficina também passa por ser... uma lente, uma lente que aproxima, que limpa o olho da gente para o que a gente tá acostumado... isso aqui veio um pouco nesse sentido, e também pela beleza desse objeto inútil.

5

Não sei bem o porquê, mas as cinco coisas tinham a ver com a mão. Era uma ideia de que a oficina era um fazer, tinha algo de manual, de manufatura, de manipular algo, algo de artesanal, e que por isso tem a ver também com fazer algo com as mãos, algo material. Queria que a conversa nas entrevistas se desse com e através de coisas. A escolha das cinco coisas, o falar de como eram usadas durante as oficinas, para mim, daria a ver a maneira de fazer de cada um. Partindo dessa ideia, escolhi as minhas cinco. Vasculhei a casa atrás de alguma coisa que pudesse “servir”, que tivesse relação com a oficina que fiz. A seleção foi assim, às pressas, sem pensar muito.... Talvez porque esses materiais me acompanharam por muito tempo no fazer das minhas oficinas, quando realizava minha oficina, eu sempre levava muitos deles. Nisso, penso como cada um serviria para conduzir uma conversa e penso em palavras

que eu poderia relacionar a cada coisa, que têm relação com o modo como eram utilizados nas oficinas e, ao mesmo tempo, constituíam uma certa ideia de oficina vinculada à que eu fazia. Desse modo, do livro¹⁴, do qual utilizo somente um texto chamado “Páginas para Kafka”, defino a palavra *andar*. Um texto sobre alguém que perambula em busca de uma terra prometida, alguém que sempre caminha e não chega e cujo desejo é o próprio movimento de caminhar, de perseguir, que está sempre em relação com um ponto de partida que se foi e um de chegada que parece nunca se anunciar. Aqui, pensava que isso tinha certa relação com o movimento da oficina de começar de uma maneira e ir se transformando no contato (com o outro, com qualquer coisa). Do porco, tomo *atenção*. Utilizava durante as oficinas pelo barulho que ele produz ao ser apertado, como forma de chamar atenção, despertar, dar um susto, que era uma maneira de provocar, de sacudir, de deixar ligado. Às vezes o barulho do porco era um som que se seguia vendado. Da venda escura, *ver*. Ela servia para vendar os participantes, tapar os olhos para fazer aproximar as coisas, para *um ver a menos*, para fazer sentir. *Conduzir* é a palavra que atrelo ao barbante, eu o amarrava em troncos, em raízes, em grades, criando assim um “caminho” para que as pessoas pudessem ser conduzidas pelo contato com essa superfície. O barbante possibilitava uma condução. Também tinha uma relação com uma certa segurança em seguir, mesmo vendado e esbarrando em coisas, um caminho demarcado que não se sabia onde ia dar, que por sua vez tem relação com uma ideia de Educação como condução. Por fim, para o lençol, esbocei a palavra *vida*. Apesar de vaga, essa palavra tem uma relação com a própria escolha do tema, como algo vital, que parte de uma questão que tem a ver mais com um modo de existir do que com um problema a ser solucionado. A oficina, pensava eu, tem como base a própria vida do oficinairo naquilo que o constitui (suas manias, suas concepções de mundo, de educação, o modo como ele se coloca perante as coisas, o modo como escreve, e como o escolar o afeta). Portanto, não se tratava de um lençol qualquer. É puído pelo tempo, pois figura nas

¹⁴ AUSTER, Paul. *A arte da fome: ensaios, prefácios, entrevistas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

minhas fotografias de infância e atravessa todo esse tempo, vezes guardado, vezes em uso. *Andar, atenção, ver, conduzir, vida.* Um livro, um porco de plástico, um pedaço de pano, um de barbante, um lençol velho. Do encontro, da disposição, do manipulá-los com os outros, eu faria a entrevista funcionar como oficina.

6

Nessa história de buscar, precisei reler algumas coisas e acabei encontrando algo que nem sabia que existia mais, que é uma entrevista que dei pro pessoal da revista Nova Escola na época Nunca foi publicada... Ficamos dias e dias e dias sendo entrevistados...., isso foi em 96, 97. Eu estava naquele momento em que a oficina tinha um planejamento, como todas têm... não sei... por mais que ela deixasse que as coisas tomassem rumos na discussão e tal, ela estava sempre colada a uma repetição de ideias, porque os grupos repetiam sempre as mesmas coisas pra questão colocada: o que é a sexualidade...? Tinha muita essa coisa com professor... Porque a gente dizia assim, que o professor é o fim do processo, já passou muito mais tempo na escola, anos de escolarização, e agora, não bastasse isso, ele está na escola de novo acentuando aquilo que viu nos anos de formação, como se as coisas ali estivessem cristalizadas, pela formação, pelo currículo, pela rotina. Então a oficina, quando acontecia ali, era bem mais rígida, porque a dificuldade que eles tinham em pensar uma outra coisa para aquilo que a gente estava propondo... A coisa não evoluía... Quando você fazia com uma sétima série, explodia... num certo limite, não levavam tempo pra falar... Aqui tem uma marca que eu não lembrava... como era difícil o trabalho com os professores. A gente pensava... ali a oficina tem que agir mais, mas era ali que a oficina não agia. E ali vai até um momento em que não sei como eu aguentava fazer. [referindo-se ao momento em que o trabalho com as oficinas estava quanto ela deu a entrevista].

7

Não aguentava mais. Repeti a oficina várias e várias e várias vezes. Apesar de não fazê-la periodicamente, toda semana ou mês, havia um momento, depois de quatro anos fazendo, que não aguentava mais falar sobre ela, escrever as mesmas coisas, usar os mesmos textos. A cada vez que eu tinha que escrever sobre ela – não mais que cinco vezes –, parecia estar repetindo a mesma coisa já dita, o mesmo assunto, de forma que, literalmente, partes de um texto sempre estava nos outros, como se eu estivesse escrevendo a mesma coisa a cada texto, de outro modo, com outro título, sem dúvida. A cada texto que eu escrevia, tinha que falar, às vezes mais, em outras menos, do processo, de como cheguei até ela, a mesma história, contada e recontada, só para depois, quase sem fôlego, tentar apresentar aquilo que, para mim, fazia valer a pena estar escrevendo sobre oficina, mais uma vez. Às vezes, tinha a ver com algo que eu lera e que me ajudava a pensá-la de outra maneira, às vezes, era outro enfoque (no fazer, nos mapas, no corpo, na percepção, na educação etc.), outras vezes, era uma forma de apresentá-la, de dizer sobre ela (uma apresentação em *banner*, um exercício em áudio, um experimento em vídeo, uma forma de escrever). Desse modo, em certas ocasiões ela foi mais percepção, mais corpo, sensação; em outros momentos, mais mapa, cartografia; e em outros ainda, era mais próximo a educação, um modo de fazer junto. Gostava de fazê-la, mesmo que ela me exigisse o esforço de estar presente, de ter certo cuidado constante com as pessoas que participavam vendadas, de me mover muito. Gostava de estar ali, de ocupar aquele espaço, de improvisar junto, de chegar antes e estudar o caminho; mas, com passar dos anos, fui cansando de falar. Aos poucos, fui deixando de falar durante a oficina, de explicar o que, onde, como íamos fazer. Deixei de recitar os vários fragmentos de textos que eu costumava ler durante a oficina, deixei de tentar tirar um saldo no final, de demonstrar, de achar coerência, de tentar ligá-la a algo da Geografia, de discutir os mapas, de apresentar meus objetivos com aquilo na tentativa de dar algum sentido além do que era feito ali. Já nas últimas que realizei, limitava-me a dizer algo no começo, algo a ver com a segurança das pessoas, não levar certas coisas, e já ia vendando todo mundo. Não, não era pressa, fazer de qualquer

jeito. Estávamos ali, fazendo o que fazíamos, e isso era o que importava. Eu observava, via o que acontecia, deixava-me levar, às vezes interferia, às vezes, não. Reduzi a informação ao mínimo necessário, o suficiente para estar ali, somente ali, outra vez.

8

Tinha uma pegada, naquela época da oficina, em que a ferramenta era muito importante. A gente tinha que fazer tudo. Se eu quisesse trabalhar com a modelagem de alguma coisa, eu tinha que construir a coisa para ser modelada. Algo do tipo “tenho que fazer a massa, não comprar pronta”. A gente tinha um pouco disso no começo, de tentar confeccionar, fazer junto... isso era muito presente... a educação é um fazer, não só uma fazer falar, mas um fazer... Fazer o instrumento, fazer junto...

9

Nada, nada, nada - desde quando a Maria Oly inventou esse negócio –, nada vinha antes. Tu estudava, estudava, estudava... mas os autores iam entrando... Primeira coisa foi o Paulo Freire, porque eles [quem?] tinham um projeto com Paulo Freire... Mas chegar no Foucault, nos libertários, na oficina disso, daquilo, daquilo outro.. chegar a dizer que a oficina não cabia no formato escola... nada disso foi anunciado antes, tudo isso foi acontecendo [...] a oficina ia indo, indo, e ela mesma me dizia: aqui não dá mais, preciso desse autor, esse não está mais dando conta.... Era um processo que vinha antes das coisas... ele, no seu acontecer, foi mostrando que a oficina não cabia no formato escola. Se a gente quisesse fazer no formato escola, tinha que tirar coisas... num espaço de 45 minutos nunca pode rolar nada... a gente levava quase 40 minutos pra iniciar uma conversa, pra se apresentar... era uma coisa bacana que eu me lembro... nada vinha antes, é sempre no movimento, e o movimento ia dizendo: agora eu quero esse.. agora não... agora esse não dá..

10

Quase tudo que fiz foi incompleto. Sou desses que segue o impulso e abandona tudo quando ele cessa. Minhas anotações, ao longo de um texto, têm tanto a ver que nunca vi. Rascunho ideias em blocos de papel, não as encontro mais, ou não entendo depois. Protelo. Preciso arrumar a mesa e varrer o chão antes de escrever. Deixo montinhos de sujeira em cada canto. Alguns copos e talheres ainda por lavar. Talvez por isso tenha feito a mesma oficina durante mais ou menos quatro anos. O mesmo formato. Talvez por preguiça de pensar em outra coisa, por receio de não conseguir pensar em outra coisa. Talvez por medo de abandonar o que já tinha feito até então; por segurança, melhor ficar onde se está. Desse modo, apostei na sua repetição, nas pequenas variações, fazendo outra dentro dela mesma. Foi o mesmo princípio desde o começo: uma porção de gente vendada, um caminho, algumas coisas que eu levava, um mapa e uma conversa no final. Variiei um pouco em cima disso. Com o que vinha, eu pensava outra coisa na mesma coisa. E nisso parei com as explicações no começo, tirei falas sobre percepção e experiência, incorporei e abandonei, num só golpe, o Tuan, o Larrosa, os Humanistas, os que pensavam em mapas, e lá se foi a Doren Massey e a discussão sobre espaço, Doin e o ensino de Cartografia. Espreitei Heidegger, os livros de capa vermelha de Bachelard, três ou quatro conceitos deleuzianos que só lembro o nome, só porque li algo deles que me fazia pensar “nossa! tem tudo a ver. É isso”. Juntei a tudo isso uma frase do Ruben Alves que usei desde o começo, um parágrafo do Krishnamurti sobre educação, algo do Osho que usei duas vezes, frases de um livro do Vicente Cecim que eu escolhi ao acaso, um texto do Paul Auster e outro do Corrêa que eu carregou comigo, mas não sei dizer o porquê. Apresentei duas vezes uma animação infantil sobre sensações e cegueira, aproximando a oficina de uma ideia de inclusão. Já misturei uma vez com yoga, outra com exercícios teatrais e performance. Levei várias coisas em uma sacola, achando que elas eram essenciais, esqueci a sacola na partida, e mesmo assim a oficina aconteceu... Nunca cheguei a estudar cada uma a fundo. Peguei, usei e larguei da mesma forma. Tudo ficou pelo caminho.

11

Agora eu quero ir pro presídio: esse foi um certo momento em que não aguentava mais fazer o mesmo... e lá vou eu pra um outro lugar com as mesmas coisas. Claro, era sim que eu podia eu ir... nessa proposição das mesmas coisas, as pessoas não te dão as mesmas coisas... daí tu fica assim: que que eu faço?... Jogo fora ou paro e me detenho nas coisas que elas estão dizendo? Foi bem diferente no HCTP, porque eu estava bem caleja de oficina, joguei muita coisa fora... porque as coisas não coincidem. Com elas [as internas com qual Ana fez oficina] eu não jogava fora... eu voltava. Pedi pra fazerem alguma coisa de sexualidade e elas faziam marica, cinzeiro, elas estavam fazendo caminha, panelinha, cozinha... e estavam dizendo que isso tinha a ver... e esbarrava num limite meu, se não fosse eu esse limite, aquilo já estaria pulando alto faz tempo, mas eu também tinha minhas limitações. Porque a minha inserção era só na escolarização, e embora fosse com crianças mais novas, que se soltavam mais, eu não tinha tido essa vivência com grupos praticamente não escolarizados e que estavam pouco aí para o que tinha que ser dito. E me parece que na escola as pessoas tinham que dar aquela resposta. Como se elas tivessem que dar uma determinada resposta para as coisas que a gente dava para elas.

12

Desde que alguém bateu a cara em uma porta enquanto fazia a oficina, e ficou me olhando “torto” todo o tempo restante, passei a ficar cada vez mais atento ao que se passava. Assim, toda minha presença tinha que ser depositada naquele momento. Chegamos a vender e guiar quase quarenta pessoas de uma só vez e, sem estar ali, ligado no que estávamos fazendo, poderíamos causar algum tipo de acidente. Desse modo, minha atenção quase sempre era voltada ao que os outros faziam, a colocá-los em local “seguro”. Um descuido e, quando eu via, alguém batia a testa em um galho, tropeçava em uma pedra, escorregava ou estava longe de onde eu havia verificado previamente não ter nada que pudesse pô-los em risco. Às vezes eu ouvia algo, alguma fala que gostaria de registrar, alguma reação, mas, na falta de onde registrá-las,

eu as esquecia. Às vezes eram muitas ao mesmo tempo – é impressionante o quanto as pessoas falam quando não estão vendo. Atinha-me a todos e cada um, o que nem sempre dava certo. Nessa dificuldade de registrar o que vem, comecei a focar em mim, no modo como eu me portava, nas coisas que eu propunha ou inventava na hora, nos meus limites, em alguns dos registros em vídeo, e nos mapas, que eram coisas que eu poderia olhar mais de uma vez. O olhar para essas coisas, juntando com as coisas que eu lia, fazia com que eu pensasse constantemente nela. Tudo tinha a ver com ela. Tudo podia. Tudo eu poderia dizer com ela, de mapas a inclusão, do corpo ao esotérico. Tudo puxava a oficina para um lado, mas, mesmo assim, ela permanecera sempre a mesma. Uns pedaços de pano, uns de barbante, um pouco mais que isso.

13

Era uma aula de didática. Eu produzi o aparelho reprodutor. Daí, no final, a Maria Oly olhou para aquele cartaz, aquelas coisas que eu tinha feito, igual estava ao livro. Está até hoje no livro... Daí Maria Oly falou algo assim: engraçado que tu está falando de reprodução, de aparelho reprodutor... ele também está ligado ao prazer, porque tem gente que não usa essa parte para se reproduzir, tu já percebeu que tem gente no mundo que não tem filho e que usa o aparelho reprodutor?" ... Como é que tu faz a trajetória do espermatozoide... tanannanan... até sua saída, sendo que o espermatozoide não sai sem algum tipo de estímulo, e isso não é mencionado na aula? Ou seja, tu tá querendo inovar, mas onde está a coisa que inova? E aí começou, a gente teve que fazer a aula toda de novo. Ela convidou a gente pra trabalhar no grupo dela. Quando fomos trabalhar no grupo de alfabetização técnica, lembro que fiquei muito contente, esperava que ela me dissesse o que ia pesquisar. Imagina! Estava na sexta fase de biologia e acostumada a quê? Ao que a gente é acostumado até hoje, aqui: ao professor dizer pra gente o que a gente vai fazer... seja na sala de aula, na pesquisa, na extensão, nos projetos de ensino. É sempre assim, alguém diz o que você vai fazer. E Maria Oly, quando eu disse isso pra ela, me olhou muito seriamente e falou: quem sabe do que tu gosta é tu!.... E eu fiquei muita

chateada com aquilo... Como, por onde, o que? Não saber se mover, pensar uma questão que tivesse um sentido existencial pra mim. Daí era coisa freiriana pra eles... Já começou e não estou entendendo muito bem, o desconforto, o desassossego ali. Tá, mas e daí? Será que é educação ambiental? Faço biologia... será que... estava tentando achar alguma coisa na área de conhecimento, alguma coisa que pudesse agradar a professora... Comecei a pensar nessa aula e fiz uma coisa bem diferente, saí pela universidade olhando cartaz sobre aids, conversando com as pessoas, lendo as coisas do SOMA. Comecei a me interessar de verdade, um interesse interessado. Era a primeira vez que eu estava estudando na universidade alguma coisa na qual eu tinha interesse... Depois tinha que transformar isso numa oficina.

14

Uma vez tive uma aula. Passamos um semestre inteiro estudando as convenções, os elementos, os modos, as formas, a história oficial, tudo aquilo que era válido dizer para iniciar Cartografia em um curso de Geografia. Tudo ou quase tudo isso esqueci. Só me lembro de um momento da última aula, creio, quando saímos da sala e, com um graveto, o professor falou sobre uma tribo que desenhava seus mapas na areia. Fiquei de pesquisar por interesse. Nunca o fiz. Mas essa imagem de um mapa como uma espécie de desenho, um território que se desfaz com o vento, nunca desvaneceu. Mas não foi por isso. Nunca cheguei a encontrar algo que eu realmente gostava. Quando a Ana propôs, lá atrás, para eu buscar o que gosto, o que me move, e com isso fazer uma oficina que se aproxime da Geografia, eu fui buscar em qualquer outro lugar, menos em mim. Deixei as coisas irem acontecendo. Tudo que fiz, nesse processo de oficina, aconteceu na base dos encontros, do que acontecia, de pegar o que vinha, talvez por isso tenha deixado aos poucos de procurar. Nisso, o movimento foi outro, achar no meio de tudo que acontecia algo que eu gostasse. Talvez por isso fosse fazendo a oficina a cada vez de um jeito um pouco diferente, às vezes apostando no que dava certo em uma, que dava errado em outra, de algo que rolou durante, um mapa feito com mais detalhes, algo que falei, uma conversa final, a maneira como conduzi, coisas que eu lia ou via, qualquer coisa.

Assim eu fui buscando e tirando coisas, lendo e deixando de ler outras, fazendo e tomando a oficina de modo diferente. Acho que era um pouco disso que eu gostava afinal.

15

“Além de um certo ponto, não existe retorno, e este é o ponto que precisa ser alcançado”. Como é que a gente chega nesse ponto, a partir do qual a gente não volta mais. A oficina... eu estava lendo as coisas e direto me vinha essa frase, assim.. a gente atinge um ponto e dali pra frente não tem mais retorno, não tem como retornar, como se a Maria Oly quisesse que a gente atingisse um ponto, ela não conseguia isso com todo mundo e..... daí pra frente não tem mais retorno, até chegar o momento, como o próprio Guilherme diz, em que a oficina se desmancha.

Desde que me foi entregue, já havia lido o texto do Guilherme umas cinco vezes. Não sei bem em que situação, mas ele era o tema do qual estávamos falando. Não sei bem como nem quem, mas alguém comentou sobre a tal desmaterialização da oficina. Era uma época em que eu achava que a oficina tinha algo de material, materializava algo pela prática, e essa palavra me pegou de surpresa. Já havia lido o texto algumas vezes e não fazia ideia que ela estava lá. Primeiro ela me pegou pela pronúncia. Depois fui atrás dela no texto. Depois tratei de tentar entender o único parágrafo em que ela aparece. Não sei a razão, mas demorei a acomodar essa ideia que só aparece quase no fim do texto. Se a oficina tinha algo de material, como ela poderia se desmaterializar? Fui teimando em aceitar tal ideia. E foi teimando que tentei achar, no que eu fazia, alguma pista desse desmanche. Achei aos pedaços. Um pouco nos textos, no modo de dizer, no modo de contar, no modo de pensar. Depois foram os materiais, as coisas que utilizava. Algumas vezes era a ênfase que eu dava que tinha a ver com o que eu lia na época. Tudo isso foi sumindo aos poucos, junto com os mapas que eu guardei durante um tempo. Depois que completei o TCC, achava que tinha dito tudo e me livrado dela, mas eis que me encontro aqui, novamente, alinhavando.

16

Não tinha a menor ideia de como fazê-lo. Havia tantos “poréns” que, em cada tentativa, eu pensava: o que será que ela vai pensar? Era certo, estava fazendo entrevista com a Ana, que, ao mesmo tempo em que era uma oficineira, e tinha importância para o trabalho, era também alguém que lia o que eu havia escrito, opinaria, orientaria, avaliaria. Será que transcreveria tudo? Como ficaria se eu cortasse alguma coisa? Eu editaria? Seria o meu recorte no recorte dela? Do que ela escolheu para falar, eu escolheria o que queria mostrar? O que será que ela acharia? Não sabia como fazê-lo. A medida que ia transcrevendo, eu me perdia. Me perdia porque a fala da Ana dava voltas. Ela começava falando sobre os materiais dela e, antes mesmo chegar no meio, já havia falado sobre a Maria Oly, o presídio, as oficinas de sexualidade. Não sei se isso era o modo dela de ser, de estar no mundo, de fazer oficina, ou era uma forma de mostrar que isso tudo, tudo que passou, estava misturado. As coisas aconteceram, mas, hoje, como lembrança, isso estava encarnado em tudo o que ela fazia. A fala da Ana me obrigou a compor. Tirei umas frases de lugar, joguei mais para perto de um bloco mais a ver com o assunto, algumas eu deixei onde nasceram, no meio de muitas coisas. Assim fui lapidando, fui testando. Foi a primeira entrevista. Tudo, na ideia que eu tinha, funcionou: objetos sobre uma superfície, o enquadramento, as mãos. Talvez tenhamos feito funcionar, não sei. *Talvez, Danilo, essas coisas que a gente traz sejam apenas pretextos para jogarmos na nossa frente, se não a gente chega aqui meio sem nada. Talvez a gente não saiba nem por onde começar uma conversa. Talvez isso, esses objetos, sirvam só pra começar uma conversa, depois eles ficam de lado, não precisa dar tanta ênfase neles, mas não precisa desistir deles como articuladores: olhar para as coisas e pensar no que elas podem te dar...*

CRISTIANO

Quando um porco, uma venda, um barbante, um lençol e um livro encontram um trabalho de conclusão de curso, um texto do Guilherme, um livro sobre futebol e duas camisas de time.



1

Saí de casa à tarde. Peguei as mesmas coisas que eu havia selecionado anteriormente, na entrevista que fiz com a Ana. Queria levar exatamente as mesmas coisas, tentar repetir os objetos, talvez para ver como funcionam no encontro com outros, talvez por certa segurança. Tinha enfiado tudo na mochila – o porco, a venda, o barbante, o lençol, um livro, o texto do Guilherme, uma cópia do TCC do Cristiano, as argilas, a chave, a carteira, a caneta e uma água. Coloquei a mochila na bicicleta e vou para a UDESC encontrar com o Cristiano. Ele é um colega de curso, um geógrafo, assim como eu; um parceiro que estava no PIBID desde o começo, assim como eu; um amigo, um fazedor de oficina, um apaixonado por futebol, não igual a mim, e pai durante o mestrado, assim como eu. Havia pedido a ele para selecionar um local para nossa conversa. Um local que tivesse a ver com ele, com as oficinas dele, com o tema que ele vem investigando. Assim, depois de encontrá-lo na universidade, caminhamos até a frente de um campo de futebol de

grama sintética, localizado nas proximidades. Sentamos atrás de um ponto de ônibus, em frente a este campo, embaixo de uma árvore. Um lugar, disse ele, fumando um cigarro, em que num dia da semana encontrava uns amigos para “bater uma bola”, em outros dias eram outros campos, outra composição de time, outra “galera”.

2

Estendi o lençol no chão, e já estava começando a olhar para os galhos das árvores como um local onde eu pudesse amarrar a câmera e repetir o mesmo ângulo da entrevista anterior (talvez jogasse um barbante por cima de um galho, pendurasse a câmera e a deixasse lá, como uma aranha, suspensa por um único fio sobre nós, e o balanço do vento no galho da árvore desse certo movimento ao enquadramento, que eu já estabelecia uma relação com a movimentação que se faz no futebol, com o dinamismo...). Mas volto. A câmera desliga na minha cara. Tinha acabado a bateria. Sem tomada onde colocar para carregá-la, decidimos mudar de lugar, ir para uma sala qualquer da universidade, pois eu achava imprescindível o registro em vídeo daquele momento (coisas dispostas sobre uma superfície, mãos que manipulam essas coisas, pessoas que se relacionam com e através dos objetos). Guardo tudo na mochila de novo, e vamos embora dali.

3

Fomos a uma sala do terceiro andar do FAED. Mas onde penduraria a câmera para que ela capturasse o mesmo ângulo (de cima para baixo)? No teto com certeza não. Eu achava que, repetindo da mesma forma o registro das entrevistas, teria um conjunto interessante de imagens. Uma câmera fixa, de cima para baixo, sobre uma superfície, as mãos e os objetos no meio, interagindo, uma conversa através de objetos. Já havia projetado mentalmente essas imagens..., mas, na segunda vez em que realizo, essa ideia encontra a circunstância, e desmorona. Na falta de um local onde pendurar, posicionei a câmera sobre a ponta da mesa, de modo que ela pegasse os objetos, a mesa e as mãos. Imóvel, ela não teria aquela movimentação poética do vento batendo na copa de uma árvore e os galhos mexendo de forma suave uma câmera pendurada. Contudo,

um plano horizontal poderia remeter à ideia de um campo, onde algumas coisas se relacionam umas com as outras e, desse modo, talvez eu me aproximasse do futebol do ponto de vista do enquadramento. Essa ideia me serviu de alívio. Na ânsia de repetir todas as entrevistas de forma idêntica (uma única proposta, cinco objetos dispostos sobre uma superfície em um único enquadramento), eu havia achado uma maneira de justificar a mudança de enquadramento. Agora ela teria alguma coisa a ver a própria temática que o entrevistado trabalhava. Seguro-me na ideia, e algo dela ainda fica...

Sentamos em uma mesa, frente a frente. Coloco minhas coisas de um lado. Cristiano, do outro: seu trabalho de conclusão de curso (“o resultado”), o texto “Oficina novos territórios em educação (a “base””, o livro *Como futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*¹⁵ (“ponta pé inicial”), duas camisas de futebol, uma do São Paulo, “paixão”, e uma do Manchester United, “global”. Tirou todos da mesma mochila, dispôs todos sobre a mesa. Decidiu começar pelo seu TCC¹⁶.

4

Eu tinha essa ideia de entrevistar pessoas que fizeram oficinas para saber dos modos de fazer de cada uma, e como cada um desses modos poderia me dar pistas para entender como ela opera. Queria, de início, entrevistar os colegas com os quais iniciei no PIBID, e que, assim como eu, fizeram oficinas a partir do mesmo texto, da mesma proposta. Tinha, na época em que ainda era bolsista, essa vontade de saber o que cada um estava fazendo, como estava pensando seu tema, o que havia rolado em suas oficinas, se estava dando certo. Era uma mistura de interesse pelo outro, mas também para ajudar a pensar sobre o que eu estava fazendo

¹⁵ FOER, Francklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre globalização*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹⁶ CARIOBA, Cristiano Binotti Muller. *Geografia, futebol e globalização: um olhar sobre o mundo a partir do mundo da bola*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de Geografia, Florianópolis, 2014.

com as minhas oficinas, se estava mais ou menos indo para o mesmo caminho. No decorrer desses anos como bolsista, tentei, talvez não tanto quando gostaria, participar das oficinas que eles propunham, ler os artigos que iam sendo escritos, conforme íamos pensando nas nossas coisas, participando das bancas dos que iam se formando e realizando seus Trabalhos de Conclusão de Curso com base no que fizeram na escola. Mas tive cada vez menos tempo para essas coisas, de modo que isso foi sumindo, até reaparecer aqui, através das entrevistas no mestrado, onde cavei um tempo por interesse para saber o que rola.

5

Após apresentar os materiais, com o seu trabalho em uma das mãos, Cristiano começa a falar do seu começo. Sei que, por mais fluido que parecesse em sua fala, esse processo custou a acontecer, e há algo entre um “*comecei a pensar*” e “*quando surge uma oficina*”. Há uma busca, uma proposta que ressoa. Testar, pensar, pesquisar, ir à Geografia, sair dela, buscar por algo já feito, buscar em vários lugares algo que se gosta muito... Até que a questão ou tema se apresente, há todo um preâmbulo, toda uma atenção que se volta para o mundo. Aproximar algo do mundo que se goste com algo da geografia, e nisso criar alguma coisa. Parecido com o meu início (um texto, uma proposta, a geografia), tivemos praticamente as mesmas dúvidas, as mesmas questões, o mesmo movimento inicial, aquele de ter que começar alguma coisa e não saber por onde.

6

Na verdade minha oficina começa no momento em que a Ana me propõe criar uma aula a partir de algo que eu gostasse muito, algo do mundo que eu gostasse muito. Era uma disciplina de estágio, e a Ana propôs: pegue algo que você goste no mundo, na sua vida, que você goste muito, e tente aliar com algum conteúdo da geografia, um conteúdo curricular da geografia. E a partir disso eu comecei a pensar, comecei a ver; a

partir da leitura do texto do Guilherme, “Pesquisa de Possibilidades”¹⁷, que me ajudou a despertar as possibilidades de pegar algo do mundo, fui instigado a fazer. Eu comecei a pensar qual conteúdo da geografia eu poderia pegar. Se não me engano, era um segundo ano, vou pegar a globalização que é um conteúdo dessa etapa do ensino médio. Pensei: o que posso relacionar com isso, algo que eu gosto? Me veio à cabeça futebol, eu sou um apaixonado por futebol, eu pratico futebol, eu assisto, é um esporte que eu amo, e gosto não só de jogar, mas de tentar entendê-lo com um pouco mais de profundidade. Leio textos, livros, e um dos primeiros foi “Como o futebol explica o mundo”. Estavas procurando? Perguntei. Então, a partir do surgimento da oficina, eu fui buscar material.

7

Dias antes, havia corrido atrás de material sobre o NAT e as oficinas. Nessa procura, fui atrás das dissertações e teses feitas pelos integrantes do núcleo. Na área destinada a esse tipo de publicação, o primeiro piso da biblioteca central da UFSC, prateleiras cheias de trabalhos enfileirados, organizados pelo centro, pelo programa, por ano... Todos, ao menos é essa impressão, com uma capa preta, sóbria, com letras douradas ou brancas na capa indicando os nomes dos autores e o título, o mesmo na lombada, que era a única parte à mostra. Peguei emprestados cinco volumes de dissertação e, no mesmo movimento, fui ao CED tentar achar a antiga sala do NAT, e, talvez, algum material disponível na secretaria. Da sala, eu lembrava sem precisão (talvez por ter lido em algum lugar, ou por algum comentário da Ana) que ficava em um pequeno corredor, em um pequeno espaço com alcunha de porão. Com os trabalhos pesando na mochila, percorri os corredores tentando achar a tal sala, onde hoje funciona, ao que parece, um almoxarifado. Bati, mas não havia ninguém. Dei a volta para tentar ver

¹⁷ CORRÊA, Guilherme Carlos. Pesquisa de possibilidades In: Maria Oly Pey (Org.). Alfabetização técnica: a arte e aprender ciências e matemática. 1ed. Ijuí, RS: Unijuí, 1992, v., p.73-81

pela janela, talvez tirar uma fotografia, ver o tamanho da sala, se havia alguma coisa do núcleo ainda lá, não sei muito bem para quê. Mas estava fechada por uma cortina. Nunca mais voltei ali. Assim continuei o meu movimento atrás de material. Fui à secretaria para perguntar se havia algum registro do núcleo, algum material, e descubro atônito que o que havia, em parte, eu carregava na mochila, aquilo que havia sido publicado, e os materiais pertencentes aos integrantes do núcleo e à professora responsável. A ausência desses materiais me faz apostar nas entrevistas como um modo de entrar nas oficinas. Tudo isso resumi assim em um dado momento da entrevista: é mais ou menos essa pegada. Porque não tem muito arquivo, sabe? Eu fui até a UFSC, pra perguntar se tinha arquivo do que eles fizeram e tal... mas só tinha as publicações deles, e o que eles falam sobre as oficinas.

8

Mas sobre oficinas também, a base para eu pensar em como produzir uma oficina foi o “Novos territórios em educação”. Esse capítulo do texto do Guilherme, do Pedagogia Libertária, foi fundamental para me dar o embasamento teórico e metodológico pra como criar uma oficina... A gente escuta o termo oficina em diversos locais. Eu trabalhei na EJA (Educação de Jovens e Adultos) em Florianópolis, eu vi que esse termo é muito utilizado por professores, mas aparentemente ele tinha diversos significados. Na EJA, oficina era quando o professor ia trabalhar algo da sua disciplina (uma aula normal)... E a gente foi ver que o termo oficina é um termo mais complexo, para nós. A gente utiliza esse termo para significar práticas educativas mais libertárias, para a gente propor a construção coletiva do conhecimento.

9

Em dado momento da procura de matérias, resolvi que devia aparecer na dissertação, para além do trabalho do NAT, algo sobre oficinas na educação, talvez para diferenciar o que o núcleo havia feito e pensando, e o que eu havia feito e pensado, dos modos como ela é pensada usualmente, que é uma forma de pontuar aquilo que diferencia, aquilo que me move a pesquisar. Assim, resolvi que procuraria todo tipo de

material de oficina que encontrasse em uma busca virtual. Busquei em banco de dados, em periódicos, nas bibliotecas próximas, joguei a oficina no *google*, juntei a ela outras palavras para refinar as buscas (educação, anarquismo, libertário, prática, metodológica, ensino, de Geografia, fazer, definição...). Desse modo, foram aparecendo relatos de experiências com oficinas, que é maneira mais corrente de falar sobre elas. Trabalhos dos mais diversos, as diversas áreas e usos da oficina, que tem a ver com como ela era nomeada (de ensino, pedagógica, como metodologia, psicossocial, de criatividade, aula-oficina, de educação ambiental, de arte, como prática de liberdade, como modalidade, como estratégia, como ferramenta, como inovação pedagógica, como alternativa etc.). Vi que as oficinas tinham, em geral, ligação com projetos, com grupos, com trabalho prático, com um fazer, com um tema ou questão, como uma metodologia de ensino-aprendizagem que vem “quebrar” com aulas expositivas ou tradicionais etc. No entanto, poucos deles tinham aquilo que eu buscava: trabalhos “mais teóricos”, que definissem os pontos, as formas, os objetivos da oficina de forma geral, um traço comum a todas. Motivo pelo qual eu faria outras.

10

Então, oficinairo é alguém que sabe muito sobre o tema que ele tá se propondo a trabalhar, até porque em cada oficina surgiam coisas diferentes, surgiam observações diferentes, a partir da visão de mundo de cada um... Cada um tem suas especificidades, suas características e a construção que rolou ali, naquele grupo.... Ela se adapta conforme o ambiente, os participantes, nunca é a mesma coisa.... Cada oficina me ajudou e muito a ir trilhando esse caminho. Porque a oficina se adapta, eu reformulei conforme eu vi... se você tá se propondo a fazer oficina, você tem que se propor a não direcionar muito o pensamento das pessoas. Quando você dá um texto, acaba direcionando. O texto que eu utilizava desse livro [FOER, 2005], o prefácio, trazia uma definição do que era globalização, e não era esse o meu objetivo.

11

Esses materiais que eu trouxe são muito simbólicos e por isso importantes pra mim. As camisetas eram utilizadas para analisar patrocínio, se um time é ou não global. Porque existe a outra faceta, dos times tradicionais, que fogem dessa homogeneização, massificação de gostos. Por exemplo, o Atlético de Bilbao, que eu usava pra contrapor à lógica da globalização. Esse é um time que é localizado na Espanha, no país Basco, daí eu tinha que explicar o que era o país Basco, porque o Atlético era importante nesse contexto. O time não aceita outros jogadores que não sejam nascidos nas províncias bascas. Por isso esses objetos. [...] Começou por esse livro, agora ele é bagagem teórica, porque ele já dava o conceito pronto sobre globalização, daí não é interessante, porque você freia o pensamento, parece que já dá pronto, não chega no conceito a partir do que eles sabem do mundo.

12

Então, se a oficina é algo que você tá se propondo a fazer, você tem que instigar as pessoas a falar. A questão da dialogicidade é muito importante na oficina, porque você vai construindo.... O trabalho do oficinairo é justamente instigar, trazer materiais que instiguem as pessoas a pensar e a falar e a chegar em conclusões a partir do pensamento delas. Você traz materiais para fazer as pessoas pensarem sobre o assunto, sobre globalização, a partir dessa imersão no tema futebol. Porque o futebol é isso, eu só utilizo o tema futebol para iniciar a conversa, para imergir no futebol. Sempre vai ter alguém que fala alguma coisa, é um esporte em que você expressa sua paixão quase como uma religião, as pessoas matam por futebol... guerras já pararam por causa de uma partida. Daí a importância do futebol, culturalmente falando, é um esporte que tem uma relevância muito grande.

13

Eu fiz algumas experiências. Por exemplo, eu trabalhei na prefeitura um ano e meio, depois do TCC, no ano passado, em 2015. Peguei uma

turma de nono ano, e também trabalhei na EJA, e no nono eles trabalham com globalização, daí eu fiz uma experiência de início de ano, pra ser uma aula mais leve, descontraída, eu fiz alguns exercícios com meus alunos, pedi que eles trouxessem material, mas não era mesmo o que eu queria, porque pra gente falar de oficina, as pessoas têm que estar lá de livre e espontânea vontade. Essa obrigação compulsória tá embutida na escola, as pessoas vão para escola porque são obrigadas, principalmente os jovens no nono ano. Elas vão porque são obrigadas, não necessariamente elas têm interesse no assunto, às vezes não querem estar ali e não fazem questão de participar, mas foi uma experiência, uma experiência interessante. Ela teve que se adequar à grade curricular, no sentido de intervalo de tempo. Eu gosto de fazer num dia só, porque daí não fica picado, a gente não perde a linha de raciocínio das coisas. Quando há um intervalo de tempo às vezes não é tão legal, quando você tem um tempo rígido pra fazer as coisas, quando tem um grupo muito grande, eu tinha 30 em sala de aula. Mas eu fiz, e surgiram observações interessantes, por parte dos alunos, que contribuíram para esse trabalho...

14

Então a gente sempre vai adaptar a oficina conforme o público, conforme a disponibilidade de tempo e isso que foi interessante: surgiram umas coisas legais, mas eu acho que essa reformulada que eu tô fazendo nas oficinas vai ser boa, vou ter que pegar públicos disponíveis para fazer, e vamos ver o que vai dar. Tem o grupo dos amigos que eu jogo futebol toda segunda, quarta e sábado. Tenho amigos que leem texto, tem o grupo futebol e história da Udesc, pessoas que já se propuseram a participar da minha oficina, que demonstraram interesse, tem a terceira fase da geografia; e eu vou propor, vou procurar o público, não é que eu vou selecionar o público, perguntar “você gosta de futebol, você entende de futebol?”. Não, né. Não precisa gostar de futebol pra fazer minha oficina, você consegue perceber mesmo não sendo um aficionado, um entendido no assunto, e é isso que eu acho legal, porque você passa a ressignificar um pouco o futebol. As pessoas veem o esporte só pelo esporte, mas existem muitas outras

coisas que a gente pode tirar da imersão nesse tema, porque o foco da minha oficina é tentar construir coletivamente o conceito de globalização, a partir do futebol. O foco é a globalização.

15

Mudei várias vezes de cidade. Daí entrava numa escola nova, ninguém te conhece, ninguém fala com você. Chegava na aula de educação física, eu “comia” a bola na hora do futebol, e já vinha quatro ou cinco para conversar, fazer amizade, e isso foi fundamental na minha história de vida, porque o futebol me proporcionou isso: amizade, uma coesão social, conhecer, poder me inserir num grupo diferente por meio do futebol... Na EJA, eu jogava com os alunos, e eles viam e parece que você ganha mais respeito deles. Jogava com o nono ano, a interação era outra, você consegue ter uma relação de afetividade, carinho, respeito... porque a escola engessa a gente... por isso eu tento sempre, mas quando proponho uma oficina, tá muito bem fundamentada teoricamente, metodologicamente, porque... qual o perigo das práticas em educação? A gente ficar muito no empirismo, no relato de experiência. Se a gente quer se propor a fazer as coisas, tem que ser muito bem fundamentada teórica e metodologicamente. Por isso meu trabalho tá continuando, eu vi depois que meu TCC tinha pano pra manga pra fazer algo mais interessante, algo mais oficina, mais verdadeiro.

16

Na oficina, na verdade, o principal é o processo, ele é que vai te dar resultado, então não adianta você querer teorizar sem ter antes feito as oficinas, sem ter o resultado. E uma coisa muito importante que eu percebi, pelo menos depois de fazer – depois de fazer a gente chega a algumas conclusões –, é que você tem que readequar sua oficina para ela ter cara de oficina. [...] Se você dá uma coisa pronta, não tem porque fazer a oficina, daí é só escrever em um papel, num quadro, e falar: ó, é isso.

17

Já no fim, quando eu lhe apresentava meus objetos, falava sobre o que eu estava percebendo conforme lia alguns trabalhos. Cristiano, dentre todos que eu havia lido, ele, com a mesma origem que eu (no PIBID), era um dos poucos, fora do NAT, que falava em dialogicidade, de modo que o seu processo de fazer e falar sobre o tema me lembrava bastante o texto do Guilherme, talvez pela mesma condição de estar no mestrado fazendo oficinas e ao mesmo tempo estar na escola dando aula.

18

Dialogicidade. eu falo porque foi uma palavra que, quando eu ouvi, não conhecia. Daí fui tentando me aprofundar, ver o que é, como isso pode ser realmente efetivo na prática, porque nem sempre funciona. Às vezes, você se propõe e vira um monólogo, as pessoas mudas e você falando, falando, falando. A minha oficina tinha muito disso. Antes, eu falava demais, a oficina ficava centrada na minha fala. Lógico que tenho muita coisa interessante para dizer sobre o tema, mas também tenho que me propor a falar só se rolar uma abertura, só se as pessoas me derem abertura, me perguntarem sobre isso, Porque nós oficinairos entendemos muito daquilo por causa da pesquisa, e por ser algo que a gente gosta demais, [...] só que daí a gente acaba atropelando a fala do outro. Às vezes, com a propriedade que a gente tem para falar sobre determinado assunto, a pessoa que tá ali participando fica um pouco retraída, porque não se sente tão capaz de fazer reflexões sobre esse tema, não como o oficinairo. Então o trabalho do oficinairo é instigar, e, para ser diálogico, você tem que criar instrumentos, ferramentas para fazer isso acontecer – no meu caso, as camisetas, o mapa em branco, exercícios... é isso que tem que ser. Na oficina você tem que propor alguns exercícios, mas pra instigar as pessoas a falar.

19

Quando você se propõe a fazer uma oficina, então tem que justificar muito bem e na prática tentar fazer. Lógico que, quase sempre, na prática, o resultado pode não ser o esperado, mas o resultado adverso

também nos diz coisas sobre como foi a oficina. Teve várias oficinas que eu fiz em que vi que realmente precisava mudar, precisava reformular, trazer outro material, fazer de uma forma diferente. Tira um, põe outro, muda a forma ou a ordem das coisas, o modo como vou articular as coisas, como vou me portar, falar muito ou não... Você tem sempre que instigar essa dialogicidade, ela não é fácil de ser construída, ela precisa de pessoas que estejam querendo estar lá, falar, se posicionar, trocar, construir e aprender. É isso, pelo menos eu vejo dessa maneira...

20

Mas é muito boa essa conversa que a gente está tendo, pra mim e pra você. Nos dois trabalhamos com oficina. Algumas vezes chegamos às mesmas conclusões a partir de experiências de oficina diferentes, e nosso grande desafio é fundamentar muito bem o que a gente tá falando, não dar margem para as pessoas olharem nosso trabalho e dizerem: achismo, é mero relato de experiência, é empirismo, falta de comprometimento científico. Não é isso. A gente tá se propondo uma maneira de fazer as coisas, é isso... Porque, quando a gente erra, é resultado também, quando as coisas não dão certo, sempre tem um motivo, daí a gente vai atrás...

21

Na verdade a oficina não é um kit, não é algo pronto, sempre vai ter algum resultado diferente conforme o percurso e as especificidades. Nunca vai ser igual. O que vai ficar disso? Se as pessoas se transformarem minimante com aquela oficina... Por exemplo, olharem pra uma camisa de futebol com um olhar diferente, falar “pô tem um viés, né”. Meu objetivo é tentar construir coletivamente o conceito de globalização, se elas conseguirem ver globalização a partir de uma camisa, de uma escalação, do cotidiano delas, das experiências delas, se puderem dar uma ressignificada nesse conceito ou compreendê-lo melhor, pra mim já valeu muito. Se esse modo de fazer as coisas instigar alguém a criar uma maneira própria de fazer, também vai ser ótimo. Lógico que eu não tenho a pretensão de achar que a minha

oficina deve ser copiada e que todo mundo deve fazer porque vai dar certo, porque é legal. Não, né. É um modo de fazer que a gente... que eu criei e que tu criou. Que possa servir, não sei, de incentivo, de inspiração para alguém inventar as próprias formas de fazer as coisas, e tentar construir algo pegando coisas que estão no mundo. Porque hoje a educação tem que ter sentido. E esse é o grande desafio na educação, com as oficinas...

22

Posso dizer que foi uma conversa sobre futebol. Como o futebol explica o mundo, como a partir dele podemos falar de globalização, de nacionalismo, de xenofobia, de imigração, de paixão, de estudo, de pesquisa, de oficina, e por aí vai. Passamos a maior parte do tempo falando sobre como o futebol encontra a globalização, e vice-versa, como ele é atravessado por relações extracampo. Cristiano falava de sua oficina, de como pensava nos seus materiais, de como ele os articulava, dos argumentos, do que poderia ser pensado a partir deles, quase como se estivéssemos fazendo ali uma parte de suas oficinas. Assim, me contou de um time inglês, comprado por um investidor russo, composto por jogadores de diversas nacionalidades, cujo uniforme era estampado por marcas dos patrocinadores, empresas da Ásia ou Oriente Médio. Nisso, ele poderia seguir falando tanto sobre a xenofobia na Europa quanto dando outro exemplo sobre como um time Basco tinha em sua escalação, até pouco tempo, todos os jogadores daquela mesma nacionalidade e região, como contraponto a massificação no futebol, e que também era uma forma de nacionalismo, de relação de pertencimento. Isso tudo partindo de uma logomarca estampada em algum lugar na camisa de um time, e esta era uma forma de ele entrar no tema globalização a partir do futebol. Tudo isso citando nomes, datas, contextos e relações Talvez por essa razão, e por uma segurança ao citá-los, me deu a impressão de que havia pesquisado muito sobre esse tema, movido pela paixão e pelo interesse que se manifestava em sua fala, como se ele pudesse ficar falando horas e horas sobre aquele assunto. Não havia discordância. Não era um debate. Não debatemos o futebol com a paixão que os debates sobre futebol suscitam. Ele me entregara

frases que, ao escutar, me imaginava transcrevendo (sobre construção coletiva, sobre a importância do processo, sobre a singularidade de cada oficina, sobre ser dialógico, sobre chegar ao conceito junto), talvez por que chegara mais ou menos nos mesmo pontos a partir das oficinas que eu fazia, talvez porque com essa frases ele dizia o que pensa da oficina, o que nela é importante, o motivo de apostar nela como modo de fazer pesquisa... Na fala dele eu encontrei certa ressonância da minha.

23

Ele torce, espreme, enxuga, preme o material que ele traz. Ele faz o material falar. Ele faz com que a globalização se manifeste ali, a partir de uma camiseta. Seu material já tem forma, é todo preenchido por marcas, por símbolos, pela torcida, por tudo aquilo que envolve o futebol dentro do campo, mas, mesmo assim, ele pode mais. Muito mais que articular futebol e globalização. Para mim, ele trazia uma forma de ver as coisas, de trabalhá-las, de tirar delas mais que o aparente. Um trabalho de construir de forma coletiva, de chegar a um conceito a partir de algo já marcado, que poderia servir para qualquer outro tema, mas que, aqui, pela paixão, partia de uma camisa de futebol. A oficina tinha dessas coisas, apresentar aos outros algo seu, sua questão, que parte de você, e no encontro com o outro vira outra coisa.

MICHELE

Quando um porco, uma venda, um barbante, um lençol e um
livro encontram com uma cola, uma poesia, um desenho, uma
mala e...

16
lancis
 dentro/fora
 RESISTÊNCIA

"Sou Alguem que (foi)
 Espaços de Luta

- 1 - Cola - impugna - Grude
- 2 - Poema "Black Beer" - ABRIR
- 3 - mala viajante / cartografia -
- 5 - Desenho do interno

lutar por terra
 que este
 transcrito

me sinto na
 que eu gosto
 formas
 educação
 da escola
 quando eu
 não quero
 falar

METABOLISMO
 HORIZONTAL

poema
 causa

OFICINA

Lugar

lance-lance
 L canto
 faz na
 rua

Silencios
 é apenas
 meio de
 que?
 de tudo
 como se
 alguém tivesse
 te ensinado
 o tempo todo
 te segundo
 alguém me odeia
 aquele tempo
 vc sente isso
 dificuldade
 de falar
 eu não sei
 de falar
 mais

Trabalha
 em
 espaço
 |
 lutando

Intervenções
 /
 movimentos
 de luta
 |
 Lance

AS COISSAS
 Foram
 acontecendo
 mais perto
 que
 pedem
 dentro
 de lá
 mais
 nosso

Só fora
 do campo
 |
 3 pessoas
 |
 Cola
 Lance

estratégia - espaços
 de fuga - marginais
 |
 comunicação
 marginal

Fora/dentro
 Fora

RASGAR e
 os limites
 |
 Textos e
 Ver
 que são
 limites
 |
 educação
 marginal

para
 gente e
 mesmo
 ou por
 estrutura
 |
 se tu
 poder
 se
 seguir

Oficina
 propõe
 isso - p/ mim
 e p/ eles

Conteúdo
 produzir
 Conversar
 Sentar
 no espaço

Lance-lance

é de
 formas
 educação
 da escola
 quando eu
 não quero
 falar

meu
 aprendizado
 na
 rua

se
 se
 o
 tema
 eu
 gostava



1

Nesse dia, já estávamos juntos. Saímos de uma reunião, eu, a Michele, a quem entrevistaria naquele dia, Camila e Luiz, ambos orientandos da professora Ana e que faziam trabalhos com oficinas no mesmo local, o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) em Florianópolis, e acompanhariam a entrevista. Michele é uma inquieta. Entramos no Pibid para fazer oficinas praticamente no mesmo momento e, enquanto eu apostei em uma ideia de repetir a mesma oficina, Michele já havia trabalhado com ocupações urbanas, horta escolar, plantas alimentícias não convencionais e medicinais¹⁸, com arte marginal e moradores em situação de rua, e, agora, no mestrado em educação na Udesc, estava trabalhando com intervenção urbana no

¹⁸ FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. *Geografia com plantas medicinais: formas de resistir e (re)inventar existências*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HCTP. Tal como nas outras entrevistas, havia pedido a Michele um local que tivesse alguma relação com oficina. Escolhemos um bar que fica atrás do prédio da Faed. Local onde parte considerável dos estudantes da Udesc frequenta quando não vai à aula, e ela, como estudante que era, também frequentava. Ali se sentava para conversar, as vezes para pensar nas oficinas, as vezes para esquecer algumas coisas. Em algumas dessas conversas informais é que ideias surgiam com certa espontaneidade. Portanto, estávamos ali, nós quatro, em volta de uma mesa de plástico, em um canto mais afastado do bar, embaixo de uma pequena árvore. Pretendia novamente prender a câmera de forma que pudesse obter uma visão da mesa inteira, dos objetos em cima da mesa, das mãos sobre os objetos, dos copos de cerveja. Com isso em mente, tentei amarrar a câmera num galho fino que ficava um pouco acima de nossa mesa. Assim ela ficou pendurada de forma improvisada, balançando com qualquer vento que batia na pequena árvore, mas registrando o enquadramento que eu havia pensado. Descubro depois que, justamente por balançar, ela desligou logo após o início da entrevista, sobrando de registro apenas as minhas memórias, algumas anotações e a gravação em áudio. A intenção era que pudéssemos conversar com certo desprendimento, de forma mais livre, mais espontânea, assim como uma conversa de bar. Ali, pensava eu, por causa de certa informalidade, apareceria coisas mais abertas, a conversa fluiria de forma “orgânica” e natural, sem se prender muito ao que se deve dizer, ao que pode ser mal interpretado. Então, deixamos a garrafa e os copos na mesa, e decidimos que tiraríamos da mochila as coisas que cada havia trazido. Uma cola, uma “*Mala de ferramentas de uma pesquisadora cartógrafa*” de cor marrom, onde a Michele levava um pouco dos materiais que ela trabalha nas oficinas. Um desenho de uma “*árvore, um pica-pau e um sol*”, um pedaço de papel com um poema feito com *blackout poetry*¹⁹. E assim fomos conversando.

¹⁹ Uma atividade que Michele havia feito com os “meninos do presídio”, que consistia em utilizar as bulas de remédio para fazer poesia através do *blackout poetry*, que, de forma geral consiste em riscar várias palavras e deixar outras e assim compor um poema.

2

Não sei bem a razão, mas, depois de ouvir entrevista, não conseguia pensar em outra coisa a não ser naquilo que eu devia e não devia ter feito. Havia falado demais, tinha tentado conduzir a entrevista com perguntas par as quais eu sabia mais ou menos a resposta, às vezes tinha interrompido a Michele no meio de uma fala, em outras falei alto ou demais. Talvez eu devesse ter preparado algumas questões centrais, talvez eu devesse tê-la escutado melhor, talvez devesse ter deixado a conversa escapar mais, pois as perguntas que eu fazia pareciam maneiras trazer o tema de volta, de controlar, de não deixar a conversa mudar de rumo, não sei. Teve um momento em que achei que deveria fazer novamente, em outro lugar, que ela não tinha funcionado. Mas, depois de ouvir e transcrever, percebi o quanto disso acontece em uma conversa. Uma conversa tem um pouco de interrupção, de falar mais alto, de ir e voltar, de dizer coisas pela metade, dizer ao mesmo tempo, de outras coisas além de palavras. Uma conversa é meio feita aos pedaços, não tem começo nem fim, é algo no meio. Algumas frases são recolhidas desse meio, tiradas para compor, a maioria a gente esquece. Por isso, efetivamente conversamos. É um pouco disso que aqui está. As falas da Michele em *itálico*, as minhas em CAIXA ALTA, para marcar as interrupções, e algumas frases destacadas em **negrito**, para destacar do meio da fala o que me interessa.

3

*Eu já fazia de certa forma alguma intervenção na rua, e era coisa que eu gostava, a Rata entrevistava na rua. A RATA, VOCÊ NÃO. A Michele é outra pessoa. EU TENHO UMA AMIGA.... Dupla personalidade. ... Tá Danilo, como vamos fazer?!! ENTÃO A COLA É UM... a cola é o que eu uso, o grude, faz com água e farinha em uma panela... eu levei pronta... queria fazer, mas tem que esquentar, não dá pra usar a cozinha... seria massa.. mas eu já expliquei, a gente viu em vídeo.... E UMA PALAVRA PRA COLA? Não sei... **impregnar!***

4

Vou ter que explicar? Eu usei uma técnica com eles que é blackout poetry. Tu pega palavras, pedaço de texto, qualquer coisa, e tu apaga tudo que não significa pra ti alguma coisa, e deixa uma palavra que pra ti significa algo, e acaba montando uma poesia ou texto a partir disso. E o meu saiu isso aqui, fui eu que fiz, não foi nenhum dele: “silêncio, é apenas, é apenas, medo. Medo de quê? De tudo. Como se alguém estivesse me espionando. O tempo todo. Me seguindo. Alguém me odeia. A quanto tempo você sente isso? Eu não sei. Veio aos poucos. Eu.”. Vou colar aí, um dia vai estar na rua. Louco né? É de um livro velho, Quincas Borba. NOSSA. Ficou legal né? Ficou pira cara, sai cada texto. Eu devia ter trazido um deles. Mas a gente colou no muro, do Simão... E UMA PALAVRA PRA AQUILO ALI?. Aquilo ali? LEMBRA QUE NÃO REDUZ, A PALAVRA AMPLIA. (camila) a Palavra amplia... Isso é verdade né... FOI VOCÊ QUEM FEZ? Foi. ENTÃO, TEM ALGUMA COISA DE VOCÊ ALI, NÃO TEM? Tem. TEM MUITO. O QUE TEM DE VOCÊ ALI? Alguém me vigiando... Ai que horror! TEM UMA PIRA SUA QUE TAMBÉM TEM A VER COM O PRESÍDIO, ESSA COISA DA VIGILÂNCIA E TAL... Putz, Danilo, porra, eu vou ter que falar de meus problemas pessoais! UMA PALAVRA MICHELE, UMA PALAVRA. Tá, então pode ser uma palavra... é ... Abrir. ABRIR. ABRIR? Desvendar, não sei, abrir? Tá, abrir.

5

*Tu pega palavras, pedaço de texto e tu apaga tudo que não significa pra ti alguma coisa, e deixa palavras que pra ti significam algo, e acaba montando algo a partir disso. Pegar pedaços de algo, tirar daquilo algo de significativo e montar outra coisa. Para mim, essa frase servia tanto para explicar o que é uma *blackout poetry* quanto para falar do modo Michele de fazer suas oficinas, ou de estar no mundo. Era, em certo sentido, o mesmo que fazer um lambe-lambe, um zine, ou algum tipo de intervenção, o mesmo que utilizar partes de um filme, uma poesia nas suas oficinas. Pegar e usar de suporte, dar outro sentido, outro uso. Não*

era para entender, não era para explicar, era para outra coisa. Michele trabalhou junto com os meninos do HCTP na bula dos remédios que eles tomavam. Rasuraram a composição, as reações adversas, a posologia, as precauções e contraindicações, tudo isso que eles sentiam no corpo, e fez aquilo dizer mais, dizer de quem usa, de quem sente seus efeitos. Apagar pedaços de algo para fazer dizer outra coisa. Pensei, quando vi esses trabalhos, que a tarja preta sobre palavras serve tanto para censurar quanto para dizer. Tanto vigia quanto enaltece.

6

*Esse aqui é um dos desenhos dos meninos do HCTP. Eu achei na semana passada; dia 30 de abril, dia em que a gente fez uma oficina de grafite, e meio que montou uma ideia coletiva de desenho pra sair do grafite. Mas esse foi o desenho que eu mais gostei, ele acabou não saindo no muro, mas foi um dos que eu mais curti: uma árvore, um pica-pau e um sol [...] ISSO É UM DESENHO DO HCTP, QUE É ONDE TU TÁ FAZENDO OFICINA ATUALMENTE. O HCTP é o hospital de custódia e tratamento psiquiátrico [...] Se eu for contar, acho que eu estou lá faz uns sete meses, e comecei com a oficina de lambe-lambe e intervenção na perspectiva de... porque é o que eu curto... eu trabalho com lambe-lambe na rua. A oportunidade de entrar lá... foi tipo **uma estratégia de fuga. Eu trabalho com educação marginal, espaços marginais e comunicação marginal... e a ideia era... as coisas foram aparecendo na realidade... Eu nunca pensei que eu conseguiria tirar alguma coisa lá de dentro... depois começou a vir os brilhos... eles fazem aqui... eu colo lá fora... filmar e levar lá pra dentro... Surgiu a oportunidade... eu filmei e levei pra eles e depois surgiu uma outra oportunidade e a gente encaminhou judicialmente uma saída de campo... a gente conseguiu com três internos. Não foi escolha minha, os internos queriam sair... Não queria reproduzir nenhuma moral sobre quem eu quero que saia ou não, e... saíram 3 pessoas, a gente colou, a Camila foi junto [...] E depois, com essa saída recente, eu consegui levar lá pra dentro.. é uma coisa que está transitando, está saindo de dentro e indo pra fora... E a gente conseguiu fazer um grafite lá dentro... e a gente grafitou o pátio deles... e tá lá, e***

tá lá, vai ficar lá. E isso é bom, é bom... Rasgar e testar os limites, acho que pra mim é isso. Testar e ver que os limites são postos pela gente mesmo, ou por alguma estrutura, por alguma coisa; se tu forçar, ele pode ser rasgado ou alargado. E a oficina tá me proporcionando isso, e também pra eles, porque muda bastante coisa. Eles começam a criar uma relação de confiança, começam a produzir mais, e conversar, se sentir mais a vontade no espaço, e não sei... é isso.

7

Depois que transcrevi – ouvindo umas três vezes para conseguir –, fiquei com a impressão de que as oficinas ali tinham uma marcação de lugar muito forte. Um jogo de dentro e fora (como ela mesmo dizia, levar algo de lá de dentro para fora, levar algo de fora para dentro) que tinham muito marcado uma relação no espaço onde estavam. Era vigilância o tempo todo, era grade o tempo todo, mas ela acontecia apesar de tudo isso, e porque tudo isso estava ali, porque tudo isso existe. Intervir em um lugar, marcar esse lugar. Maneiras de fugir desse lugar, de, por um momento, fazer coisas que o tornem possível. Essa marcação de lugar talvez estivesse ligada ao funcionamento da oficina, à proposta da Michele, à intenção que ela tinha, ao lugar onde ela estava, um presídio, talvez porque ela estivesse ali para causar, rasgar e testar os limites. Quando transcrevi essa fala, fiquei pensando o quanto o que fiz tinha pouco dessa luta, pouco mexia, pouco atacava aquilo que oprime, sempre achei que minha oficina tinha quase nada de crítica, podia trabalhar com ideias, criticar ideias, mas nada desse tipo. Pensei na seriedade que tinha as oficinas da Michele, o quanto ela mexia com as pessoas, o quanto a situação das pessoas com as quais ela trabalhava era limite, delicada, o quanto a oficina dela é importante nisso, e deve ser difícil e importante estar nesse lugar. Isso era dela, da oficina dela. Porém, depois de ouvir algumas vezes, só conseguia pensar: por que pedi a ela para falar de algo que eu já sabia?

8

*Eu comecei com relatos de intervenção na cidade. Arte como ferramenta de luta. Daí eu entrei lá. **Muito louco você pensar em um espaço de reclusão, espaço fechado na cidade e tu falar em intervir na cidade.** E fui me adaptando né, com o rolê, as coisas acontecem no caminhar... MAS TU FEZ AS PRIMEIRAS OFICINAS NA ESCOLA, QUE TAMBÉM É UM ESPAÇO DE RECLUSÃO DE CERTA FORMA. Também outros detentos COM MURO SEM GRADES. Camila - muros invisíveis. MUROS UM POUCO MAIS BAIXOS, DÁ PRA PULAR. *Da pra fugir. Eu já fugia na escola.* EU TAMBÉM, VÁRIAS VEZES. *Uma das coisas de que eu falo bastante na minha dissertação é que o que eu gosto é de espaços informais, trabalhar com educação fora da escola. Porque, quanto eu 'tava na escola eu nunca queria 'ta, queria 'ta na rua. Eu acho que meu aprendizado, minha vida, o que me marcou mais foi na rua.* QUE TEM A VER UM POUCO COM TRABALHAR COM O PESSOAL DAS MORADIAS. *Eu fiz militância social em ocupações urbanas... e lá eu já trabalhava com oficina, mas oficinas com mulheres, que de alguma forma sofriram um pouco de violência. Então a gente trabalhava, problematizava a questão da violência, dependência financeira, violência em suas várias formas... mas isso começou porque eu via agressão lá... e a gente começou a fazer oficina, ver filme... daí foi... tem muita coisa misturada não sei como tu vai fazer tudo isso. **Mas eu sou uma pessoa confusa, e não existe linha cronológica na minha cabeça.** NÃO TÔ PEDINDO LINHA CRONOLOGICA, MICHELE. PORQUE A IDEIA É ONDE A OFICINA ATRAVESSA TUA VIDA. **Nossa, a oficina pra mim é carnal, faz parte de mim [...]****

9

Teve um momento que comecei a acreditar que minha oficina era egoísta. Que a usava de pretexto para falar de mim, do quanto eu pensava nela e em mim ao mesmo tempo, do quanto ela era uma forma de trabalhar coisas que eram minhas (uma preguiça e dificuldade em falar; não ter que explicar nada era uma maneira de, ao mesmo tempo,

deixar ela aberta ao que vinha e de fugir de ter que tomar a palavra para pensar o que eu ainda não havia pensado: para que ela servia mesmo?). Talvez isso tenha a ver com a escola, como ela tolhe algumas coisas na gente por sua estrutura, talvez tenha a ver com astrologia, e isso tenha a ver com a conjunção celeste no momento de vir ao mundo, talvez com criação, com o que vai acontecendo com a gente nessa coisa que é a vida, não sei. A oficina, por um momento, foi um modo de falar de mim. No modo de me portar, no que eu falei, nas minhas intenções, ela tinha a ver mais comigo do que com mapas, Geografia ou percepção. Mesmo tentando falar de outra coisa, de mapa, Geografia ou percepção, eu achava um jeito de me pôr no meio da coisa, achava alguma coisa a ver comigo. Era uma briga constante. Ou eu me fazia desaparecer, e o texto virava um texto de ninguém, sem rosto, sem identidade, ou me colocava ali no meio, e o texto virava quase uma análise, uma biografia. Acho que nunca soube a medida. Tanto é que estou aqui novamente, misturando as coisas.

10

*A intervenção começou como uma **ferramenta de luta**. Eu tenho lambe-lambe, um bem grande. Normalmente eu pego a conjuntura que acontece e faço um lambe. Um foi contra a redução da maioridade penal, fiz um da greve dos professores, o lambe é isso. **Pra mim a cidade é um espaço de disputa** O LAMBE É SEMPRE NO MURO? **Um campo de batalha**. No muro, na placa, qualquer coisa. TU LEMBRA A PRIMERA VEZ QUE TU PICHOU? Nossa faz muitos anos, eu pichei com 13 anos de idade, foi meu primeiro picho. Daí eu escrevi michaloka... a segunda foi alforria... e depois se acabou na vida.*

11

E MICHELE OFICINEIRA? *Como assim, que pergunta abrange?* COMO VOCÊ SE ARTICULA, QUANDO VOCÊ VAI NO HCTP DENOVO? *Eu vou quinta que vem... não, vou amanhã.* COMO É QUE VOCÊ PENSA, VOCÊ CHEGA LÁ COMO, NA SURPRESA OU?

*Não, a gente se reuniu com as pessoas lá de dentro, com o diretor, a psicóloga. NÃO, NÃO, AMANHÃ. COMO VOCÊ SE PREPARA, O QUE VOCÊ VAI FAZER AMANHÃ? Amanhã, na verdade é o Luiz que vai dar a primeira oficina dele no HCTP. Com um jogo Kablan, com vestígios de pedaço de pau. Na verdade, eu vou pra registrar, e a gente está com um projeto, eu e a Camila, de fazer uma oficina de fotografia e fotografar o presídio, pra tentar fazer uma exposição... MAS SE VOCÊ FOSSE AMANHÃ? Eu vou amanhã. NÃO. SE VOCÊ FOSSE FAZER ALGUMA COISA, MICHELE O CENTRO, A PROFESSORA QUE VAI LÁ. Normalmente, eu uso bastante vídeo, pra mim vídeo é uma forma de... melhorar o diálogo, porque de início eles estão um pouco desconfortáveis, normalmente eu uso vídeo como estratégia pra fazer a galera se soltar, ou ter uma **imersão no tema da oficina**. Então eu já passei muitos vídeos sobre lambe-lambe, cola com farinha. MAS VOCÊ NÃO FAZ SÓ LAMBE-LAMBE. Ah. DESCULPA DE INTERROMPER. Daí a gente conversa sobre algum tema que eles acham legal. Depois do vídeo eu começo com alguma poesia, eu tenho trabalhado bastante, **eu trabalho com intervenção basicamente, qualquer tipo de intervenção**, e passo um vídeo de uma galera de São Paulo que trabalha com ocupação da rua através da poesia, poesia de combate, se chama Slam Resistência, e tenho de alguma forma tentado, quando estou sozinha, problematizar o presídio como sistema penal seletivo. Como existe criminalização da pobreza, há uma seletividade penal, pessoas pobres, negras, e periféricas, e é isso que a gente está tentando falar, **não é qualquer um que tá ali dentro porque é seletivo**. Porque eu vou lá dentro e... tem muito mais louco fora, tá ligado? Olha só as ideia que tão rolando aí. Tipo, as pessoas que eu consigo dialogar lá são eles. Já acabou? Tô falando demais, não gosto disso. NÃO GOSTA DE FALAR DEMAIS? Não, eu tenho dificuldade de falar. EU TAMBÉM. O medo, o medo, o silêncio... eu tenho dificuldade de falar em público, de me expressar, se alguém quiser me conhecer um dia, meu deus, vai demorar anos, porque minhas ideias ...*

12

Eu apertava, ela fugia, ia atrás, ela escapava, retomava, ela desandava, cercava, ela saía pela brecha, eu pressionava, ela anunciava o fim. Foi meio assim que nossa conversa aconteceu. Às vezes, eu intervinha no meio da fala dela, puxava ela de volta por uma pergunta nada a ver. Às vezes, parecia que a gente nem falava a mesma língua. Às vezes, eu insistia, reformulava uma pergunta, tentava de outra maneira, para tirar dela o que eu queria saber. Às vezes, ela respondia, outras vezes, não, em outras se revelava, dizia que não gostava de falar. Sei que de uma hora para outra ela descambava, e daí as coisas saíam de uma vez. Talvez fosse falta de experiência minha, não saber entrevistar, não saber conduzir, talvez eu não devesse isso ou aquilo, não sei, talvez vez isso seja dela, mas só ela poderia saber. Sei que nossa conversa foi um vai e vem, dava voltas. E às voltas com o que a gente disse, tive a impressão de que tanto uma conversa quanto uma oficina têm um pouco disso, algo que se gira em volta, se espreita, mas que cada um tem seu modo de contornar.

13

Sou uma pessoa que faz, estou na prática, não sei o que eu quero. Claro que eu almejo uma sociedade, socialismo libertário, sem classes blábláblá... e as coisas vão a passos curtos..

14

Teve um tempo em que eu achava que a oficina era um fazer. Nisso, fui atrás do que a palavra fazer oferecia. Assim encontrei com *poiseis*: fazer alguma coisa, colocar no mundo alguma coisa, criação. Não sei bem como, mas fui lendo e relacionando isso a várias outras coisas. Passei pela criação divina e o primeiro verbo, e relatei isso com a “mão de deus” na *Criação de Adão*, de Michelangelo, e a distância entre o divino e o terreno, e essa relação criador/criatura. Passei da criação à maternidade, e todas as variantes de “dar à luz”, como colocar no

mundo, colocar sob a luz, e a relação disso com a palavra aluno, tudo isso pensando no filme *A excêntrica família de Antônia*, de Marleen Gorris. Forçando, relacionei nascer com dizer, como colocar no mundo, expressar, exprimir, que tem algo de fazer sair de dentro para fora, de experiência, de exposição. Depois voltei, peguei a mão de deus e a aproximei da criação humana. Assim a mão passou a conduzir tudo aquilo. Fui para os tipos de pegada, relacionando a forma que a mão assume (dedos em formato de pinça ou palma em formato de concha) com a ideia de dar forma a alguma coisa, o barro como elemento primordial. Daí passei para as ferramentas como extensão do corpo e da mão, e toda a questão do artífice, do fazer manual, a partir do livro homônimo do Sennet. Nisso, fui olhar o que constitui um ofício, como modo de fazer singular (um modo de fazer, ferramentas, conjunto de palavras, um modo de vida). Em paralelo, rumei com a mão para a quiromancia e o tarô, pensando na questão da leitura mais do que na adivinhação, mas não fui fundo. Com um pouco disso tudo, eu assentei, comecei a pensar a oficina como lugar constituído de vários materiais, como um ninho ou uma toca. E pensei em caracol, em aranha, em formiga, em gaiivota, joão-de-barro, pomba-rola. Quando me dei conta, não sabia o que fazer com tudo aquilo, percebi, não sei bem como, que estava rodando em volta de alguma coisa, às vezes me afastava, às vezes, não. E foi com um pouco disso tudo que eu pensei o que chamei de entrevista-oficina.

15

TÁ, E O ANARQUISMO MICHELE? Ai! Danilo... oficina... é porque na realidade... eu não gosto de falar em público assim, eu me sinto pressionada, e me dá branco, quando eu me sinto pressionada não dá vontade de falar. TÁ PRESSIONADA? ACHO QUE A GENTE DEVIA TER TOMADO UMAS CINCO. Se alguém me bota “agora explica aí o que você entende sobre blablabá”, não, chega, acabou. Silêncio, veio amnesia, branco, nervosismo, tremedeira... até em aula... talvez eu gagueje, mas no andar das coisas eu vou soltando... PORQUE VOCÊ TÁ FAZENDO ALGO QUE VOCÊ GOSTA. *Porque oficina é uma metodologia horizontal, não faço a oficina sozinha, eu me*

reconheço como oficinaira, quem faz a oficina não sou eu, é todo mundo... eu não me sinto na posição de fala... fala, desembucha. Não gosto de falar sobre tudo. Deu, acabou?

16

CAMILA – Eu, ela e a Isabel, a gente saiu um dia e a gente pensou. Nossa como eu me sinto mais respeitada ali dentro do que fora. Porque a assim que a gente saiu do hctp um cara buzinou pra nos soltou uma piadinha... **Se alguém me perguntar, tu sente bem ali dentro? Me sinto bem, mas fora não.**

17

*O que me preocupa também na oficina, de início, é **como que eu vou falar lá de fora para alguém que tá aqui dentro.** Tipo, nossa, que escrota, sou uma estrangeira aqui, sabe, eu tinha medo de como destruir minha autoridade, porque eles enxergam alguém que é de fora como autoridade. Como que eu vou fazer isso, que assuntos que eu vou adotar... sem ser... porque eu sou uma pessoa sangue nos olhos, **como eu vou ser uma pessoa sangue nos olho sem desprezeitar eles de alguma forma,** ou o que eles passam lá dentro, ou todo um trabalho que eles fazem lá dentro, não sei, aquele lugar pra mim não deveria existir. **Estamos ali, estamos ali pra tentar trazer e tentar fazer alguma coisa.***

18

Todas as vezes em que ouvia a entrevista com a Michele, eu ria. Vai ver é por isso que eu achava que, como entrevista, ela tinha sido um desastre, mas possuía tudo que uma conversa tinha, uma conversa de e no bar, e, por isso, como proposta, ela tinha encontrado com aquilo que a oficina encontra, o outro. Ouvi umas três ou quatro vezes. Duas para fazer o tal mapa das entrevistas, uma terceira para transcrever, e mais uma andando de bicicleta. Queria ouvir sem anotar nada, só para ouvir, e pensar em como eu trabalharia o material. Foi a primeira entrevista que ouvi novamente. Pedalei um tanto sem rumo, e conforme ia ouvindo, fui tomando a direção de um muro grafitado onde Michele havia, em uma de suas oficinas, colado, junto com os meninos do

HCTP, os lambes que eles fizeram juntos. Passei lá e tentei achar onde estavam. Fazia quase um ano desde aquele dia da entrevista no bar e que ela havia colado o lambe. Restava dos lambes só uma mancha no muro no meio de tantos grafites. Eu via aquilo e não sabia o que estava fazendo ali, o que fazer com aquilo. Tirei algumas fotos, fiz um pequeno vídeo em que eu, de bicicleta, percorria o muro todo, e o registrava em uma única tomada, ficou bonito. Não sei bem para que fiz aquilo, mas fiz.

ANA GODOY

Quando um porco.... encontra....

1

Não há imagem, somente o som. Havia, através da Ana Preve, combinado uma entrevista via *Skype*²⁰ com Ana Godoy. Era para ser em uma quarta-feira de junho, mas eis que minha filha nasce um dia antes e deixamos para depois. Uns dois meses mais tarde, finalmente conseguimos. Casa vazia, final de tarde, eu e o computador. Tento entrar em contato com a Ana Godoy via internet, tinha esquecido de pegar o contato dela do *Skype*. O nervosismo aumenta. Ana G. era uma referência. Tínhamos lido seus textos, usado o que ela havia escrito para compor nossos trabalhos, meio à revelia, tentado entender a densidade de sua proposta. Quando ainda era texto, Ana, por utilizar vários autores e ideias que estávamos debatendo, autores que eu ainda estava começando a tentar entender, me dava trabalho. A primeira vez que virou de “carne e osso”, foi quando a vi em um evento que fui, na segunda fase da graduação; achei impressionante ela ter estudado pessoalmente os “caras” (os autores), algo muito bobo. Não lembro o que ela falou, não devo ter entendido. Mais para frente, tivemos contato com ela através de uma oficina que veio fazer em Florianópolis (*Escrevendo com a enxada*). Assim tive conhecimento de suas oficinas, de seu contato com o Guilherme, de sua participação na tese da Ana Preve. É mais ou menos por isso que a convidamos, sem saber se ia aceitar, para falar sobre oficinas. Como a conversa se daria via *Skype*, abandonei praticamente todos os objetos. A proposta de selecionar cinco objetos, de colocá-los sobre a mesa, de filmar mãos trabalhando sobre objetos, havia, finalmente, sido completamente arrasada pela circunstância. Sobrou somente o porco, que eu gostaria de mostrar a ela, que era o último apego à proposta de composição com coisas. A música de chamada de vídeo do programa toca. Sem objetos, sem as mãos, sem a filmadora, sem barbante, sem coisas para abrir uma conversa.

²⁰ Software que permite comunicação em vídeo ou voz através da internet.

2

Não sabia como fazê-lo. Ouvi umas três vezes essa entrevista. Comentamos, eu e a Ana Preve, sobre o que ela trazia de novo. Ana ficou de usar nas coisas que andava fazendo, gostou muito. Não sei se por usar seus textos, usar o que ela diz para tentar dizer algumas coisas, não sei se por trazer coisas que eu não havia pensado, ou se foi o modo de trabalhar, eu, quanto tive que transcrever o que ela tinha me falado, não sabia onde dar um corte. Me parecia tudo legal, tudo encaixado, tudo fluía. Tive trabalho para fazer esses cortes, foram meio arbitrários. Pensei em trabalhar em um único bloco, transcrevê-la do início ao fim, sem pausa, sem parágrafo, sem comentário, oito páginas tocadas de uma só vez, lidas em um só tempo, num só folego. Percebi que isso faria sumir algumas coisas, algumas frases, algumas ideias que eu havia gostado e resolvi fazer os blocos de forma que dessem ênfase em cada uma dessas coisas.

3

A primeira vez em que eu dei uma oficina foi o Guilherme quem me convidou, me chamou para ir para Santa Maria. Não tinha a menor ideia do que ia fazer. Ele disse “não quer vir aqui fazer uma oficina?”, daquele jeitinho dele que faz parecer que você vai ali dar uma voltinha. Cheguei lá, e descobri que não ia fazer uma coisa só. E leva a Ana pra lá, Ana faz isso, Ana faz aquilo. Um monte de coisas. Nunca tive as manhas de fazer oficina..., sei que eu fazia um trabalho com a moçada, colegial, de projeto, durava 3 ou 4 meses. E na minha cabeça oficina era uma coisa pequena, jogo rápido. Uma, duas vezes. Daí eu topei. Era a primeira vez que eu saía do meu lugar, de uma coisa que eu tinha inventado que ele curtia. A primeira fala que eu tive que fazer, antes de fazer a oficina, foi pra moçada da licenciatura, era uma aula. Estava agoniada, não sabia como, por onde começar. No caminho pra sala, peguei um pedaço de madeira e levei comigo. Nem lembro mais, acho que era um tronco, uma folha. Sei que eu levei. Coloquei no meio da sala. E eu agarrada naquele troço, pensando: “bom, afundar a gente não afunda”. Estava eu com meu galho e comecei a trabalhar a partir daquele galho, e foi um desastre interno. Enquanto eu fazia, não sabia

muito bem onde eu estava, pra onde a coisa estava indo, qual o passo seguinte. Isso pra mim foi muito marcante. O Guilherme não fez nada pra me salvar. Bem do jeito dele. Você fica sem saber se funciona ou não. O que eu inventei na hora foi “então vamos falar sobre o naufrágio”, porque era a sensação que eu tinha, e fiz o trabalho. Não era uma oficina, mas o funcionamento da coisa era o de uma oficina, na época isso ainda não era claro pra mim.

4

Uma vez inscrevi minha oficina em um evento. Seria a primeira vez em que eu a faria em um lugar, ligado ao ensino de Geografia, que não a Faed, onde eu já a havia feito algumas vezes. Nunca achei que seria aceita, talvez pela proposta, talvez por não confiar tanto nela, mas foi. Tinha feito uma proposta mais organizada, com objetivos bem definidos para que quem fosse avaliar pudesse entender bem o que eu fazia. Nunca tinha feito tal organização, e a encarei como um exercício de pensar e estruturar a minha oficina de forma clara, talvez por receio de não ser compreendido, não sei. No dia em que eu a faria, cheguei um pouco antes para organizar, com a mochila cheia das minhas coisas e um rolo de barbante nas mãos. Amarrei uma das pontas em um local que não atrapalhasse a passagem de ninguém e comecei a andar esticando o barbante. Me meti embaixo de arbusto, passei entre galhos, amarrei algumas árvores pelo tronco, próximo das raízes, subi escadas, passei por um buraco em uma cerca, fiz descer um pequeno barranco, e terminei em um local aberto, onde poderíamos conversar. Não sei quanto tempo demorei, mas sei que havia gasto grande parte do rolo. Na hora da oficina, ninguém apareceu. Eu fiquei meio frustrado com aquilo, mas passou. Sei que resolvi sair de lá e desmontar tudo o que eu tinha feito, mas me imaginei fazendo aquilo, me abaixando e esticando barbante por aí, dei uma boa olhada no que tinha construído, ri e me achei ridículo, e pensei no propósito de tudo aquilo, no fio correndo por vários cantos, nas árvores amarradas, levar as pessoas vendadas, tentar não ensinar nada. Resolvi deixar tudo ali.

5

O Guilherme nunca me propôs algo tranquilo, comum. Ele sempre falava com muita tranquilidade, em fazer coisas em lugares que, quando você escutava, pensava sempre numa praça, ou num lugar gostoso de estar. No presídio é um lugar legal de estar. Qualquer coisa que ele dissesse me fazia ir. Daí fui com ele. A experiência de passar pela revista, porque tinha que passar, já me desconcertou completamente. Então tudo que eu pudesse ter pensando, achado, acreditado, já ficou na porta. Passei da porta. Fui pra dentro da salinha, 2x2 sei lá. Qualquer grande ideia ali ia ficar apertada. E ele daquele jeito. Só ficava ali. Tranquilo. E eu ia no movimento da coisa, percebendo o que estava rolando. Eu estava em uma situação para a qual nada me preparava. E o que fazer?

6

A ideia era trabalhar com invisível. Você entra no presídio e não pode levar nada mesmo. Então trabalhei com cama de gato. Trabalhei com uma linha invisível, montei uma armação invisível que ia passando pra outro ir tirando e montando. De repente, no meio desse processo, essa linha virou outra coisa que eu não sabia o que era. Começou com a minha cama de gato, terminou que a gente estava passando um tijolo de maconha. A ideia era só trabalhar com o invisível, que era só o que eu tinha. Não tinha mais nada. Eu não sabia quem eram as pessoas, não sabia porque estava fazendo aquilo, e a única maneira de sair dessa situação era começar. Começar alguma coisa. Deixar que as próprias pessoas conduzissem aquilo para algum lugar, e observar pra onde aquilo ia, e tentar usar o que vinha.

7

Pra mim essa experiência foi um marco, porque nos projetos que eu desenvolvia, antes, eu tinha um controle muito maior dos materiais e da condução, sabia pra onde ir, tinha os materiais que me permitiam ir pra lá e eu levava todo mundo pra lá. Essa é uma maneira de trabalhar, você conduz: um grupo, ideias... Depois dessa experiência, eu mudei, e comecei a pensar sobre isso, sobre os materiais, a ler coisas, e fui fazer

meu caminho. Fui criando um estilo de fazer próprio, a partir desse trabalho com o Guilherme. Ele dizia que oficina pode ser qualquer coisa, tem oficina de tudo. O que distingue o que cada um faz é um estilo e uma ideia. Foi como eu experimentei.

8

“[...] eu tinha um controle maior dos materiais e da condução, sabia pra onde ir, tinha os materiais que me permitiam ir pra lá e eu levava todo mundo pra lá”. Li isso algumas vezes. Quando Ana começou a falar sobre essa ideia de conduzir, não pude não pensar na minha oficina. Ao ler esse trecho, me vi amarrando barbante, demarcando caminho, conduzindo as pessoas de um ponto a outro. Havia um pouco de improvisado no meio, mas sempre começamos em um lugar e terminávamos em outro que eu havia previsto. Fazia o que eu me permitia fazer sem perder um certo controle, talvez por receio de soltar e perdê-lo por completo, todas as coisas decorrentes disso, ou, pelo controle, assegurar que eu sabia o que estava fazendo, que havia um propósito ali para além de vender, andar descalço e de mãos dadas, “coisa de humanas”, como ouvi algumas vezes, e não pude deixar de achar hilário. Aquilo que disse Ana poderia ser uma definição do que eu fazia. Eu estendia os barbantes, demarcava o caminho, selecionava os materiais, os trechos de leitura, ia na frente para guiar as pessoas, nada muito diferente de preparar e dar uma aula. Demorei um pouco para me liberar disso, mas nunca consegui por completo. Aos poucos, fui deixando as pessoas que me ajudavam na oficina assumirem esse papel, às vezes me fazia sumir ali no meio, outras vezes sumia com parte do grupo, outras ainda não dizia nada ou deixava outros assumirem aquilo que eu tomava para mim, por fim, chegou um ponto tal que já recusava sua autoria: se alguém me perguntava quem é que inventou essa coisa, eu me fazia de desentendido. Já não dizia mais o nome dela, me recusava a falar sobre ela, às vezes até a sabotava. Tudo em vão. Onde quer que eu me escondesse, ela aparecia, a tal “Geografia Experimental do Corpo”.

9

Esse espaço, que é um espaço bastante fictício, chamado oficina, não tem uma delimitação muito clara, ele é um espaço de liberdade, que se amplia pra além das paredes de uma sala de aula. Por menor que fosse o lugar onde eu estivesse, aquilo que eu fazia ali, com as pessoas, não por elas, nem contra elas, com elas, fazia com que aquelas paredes desaparecessem. Eu me diverti muito com aquilo. Quando terminou a oficina no presídio, a gente estava vendo fotos, falando dos filhos, cada um contanto alguma coisa. Tem sempre aquele pentelho que acha “pra que fazer isso”. Nem um pouco diferente de qualquer outro lugar. Então tanto faz onde você está, tanto faz com quem você trabalha, o tamanho da sala, o material que você usa. A partir daí comecei a desenvolver uma coisa, a fazer mais, mais oficina. Muitas, de muitos tipos, em muitos lugares, pra verificar isso.

10

Pouco antes de entrevistar a Ana, estava às voltas com uma ideia que a oficina era um lugar onde se fazia alguma coisa, se fabricava alguma coisa. Com essa ideia, eu fui estudar sobre as oficinas nos seus primórdios, sobre o *homo faber*, sobre sua importância durante o grande período da Idade Média (os ateliês, as guildas, as facções). Muito rapidamente, passei a tentar entender como a sedentarização humana tem a ver com a constituição desse lugar do fazer, do reunir e experimentar coisas, como um movimento de parada. Cheguei, juntando um pouco disso tudo, a uma ideia de que a oficina tinha algo a ver com um ninho ou uma toca. Na linha do que a Ana me disse, pensava que ela era um espaço que se amplia, mas de forma centrífuga, tinha mais a ver com movimentos circulares, em volta de alguma coisa. Assim fiz toda uma elucubração tentando achar as relações entre uma ideia de ninho e de toca com a oficina. Achei que tinham a ver com um ponto de parada em meio a um território constituído por fluxos, por movimentos (de procriação, fuga, alimentação, migração...), lugar da lentidão. Que tinham uma marca de proteção, de deixar algumas coisas para fora. Que tinha algo a ver com a forma, a relação com os usos, hábitos, com o tipo de animal, com o modo de estar dentro (certos animais dão forma aos

seus ninhos com a fricção dos seus corpos nas paredes). Alguns ninhos ou tocas ou oficinas não carecem de teto, nem parede, nem porta, tem uns que tem trama, tem túnel, tem passagem. Daí fiquei pensando: o que faz um ninho, toca ou oficina, ser um ninho, toca ou oficina? O que os constitui? Assim cheguei a crer que todos eram lugares inseridos em outros lugares, espaços criados dentro de outros espaços, que a ampliação da liberdade de que falava a Ana se dava, pois ela, a oficina, estava onde menos podia estar (presídio ou escola), e era ali, no meio daquilo, que ela funcionava, como lugar que tem algo no meio (um tema, um ideia) e materiais distintos que o constituem. E assim fui, às voltas com esse lugar.

11

Uma vez o Guilherme veio [para São Paulo] fazer uma oficina. Foi muito legal, porque o estilo dele é completamente diferente. Ele tem outra maneira de fazer.... Ele não me disse nada. Abriu um espaço, e disse, usa. E a coisa do usa é que é legal. Usa como? Não tem receita, tem uma maneira própria de fazer, que pode funcionar ou não. O Guilherme tem uma maneira própria, eu jamais conseguiria. Eu sei que o que move a gente na oficina é algo que você quer, algo que você quer saber. Que é o que eu chamo de 'verificar alguma coisa'. Essa ideia de fazer pra verificar eu roubei de Deleuze. Porque as oficinas, pra mim, são uma grande viagem. É como pôr a prova alguma coisa que você não sabe. Ver se funciona. Se pego a mesma coisa e levo pra outro lugar como é que funciona, o que vira? O que move é uma quantidade de perguntas que você vai mudando ao longo do caminho. E a ideia de que a oficina tem que acabar, não necessariamente. Você pode suspender ela. A pessoa leva isso pra vida, leva pra onde quiser. Tem alguma coisa que acontece ali, uma experiência qualquer. E eu consigo verificar o que interessa. Então, tem o que eu faço. Tem o material que eu levo e que de repente não funciona, e uma ideia pra aprender isso. Uma ideia e um material simples, você leva e alguma coisa acontece, às vezes não funciona. Então a oficina funciona nesse lugar pra mim: do que se planeja, ela é a dimensão não planeável, do que você calcula, ela é o incalculável, do que você sabe, ela é o que você não sabe. Então ela

ocupa esse lugar obscuro. A oficina acontece numa borda, na borda do que você conhece, do material que você leva, e de uma ideia que você possa ter.

12

Começou a me interessar como reduzir ao mínimo. Para o máximo de liberdade, o mínimo de materiais, pensava eu. O que eu posso fazer com o mínimo? Sempre funciona. Quanto mais coisas levo, mais range esse negócio, quanto menos, mais confusão dá, mais produtivo é. Enquanto a oficina acontece, eu acompanho o que acontece com a ideia e com o material. Então comecei a praticar isso. Pratiquei com a Bã [Ana Maria Preve] no HTCP de Florianópolis. Depois em outros projetos com adolescentes. E continuo até hoje. Tem algumas que eu repito sem nenhuma situação particular. A da ilha por exemplo. Eu faço a qualquer momento, ela sempre é produtiva. Ela é só uma ideia. O material é imaginado, ele não existe concretamente. Eu crio uma situação e dou uma instrução simples, a partir daí eu crio uma cena onde as coisas acontecem, eu interfiro na cena, crio um ambiente e interfiro na ambiência, só falando. E forço a que o material que eles selecionaram, que não é visível, sofra um monte de perturbações. Essa oficina eu fiz com professor de colégio de estado [em Florianópolis]. Depois com pós-graduandos. Depois na escola. Cada vez que faço, ela produz o mesmo problema: como selecionar?. E isso é ótimo. É uma oficina pra produzir problema.

13

Havia um livro que eu queria muito. Soube de sua existência fazendo pesquisas sobre o termo e os usos da oficina na educação. Tinha procurado pela palavra oficina em sites de busca, de compilação de artigos, de banco de dados. Em português, achei-a com diversos nomes: de ensino, pedagógica, como metodologia, psicossocial, de criatividade, aula-oficina, como prática de liberdade, como modalidade, como estratégia, como ferramenta etc. Em espanhol, encontrei seu equivalente, *taller*. Achei pouca coisa do que estava procurando, algo

que tentasse falar da estrutura, do funcionamento, objetivos, usos, que servisse, de modo geral, para falar de qualquer tipo de oficina. Foi começar a procurar em espanhol que encontrei muitos trabalhos nesse sentido. Renovação pedagógica, pedagogia autogestionária, realização de uma *tárea comum*, são alguns modos de pensa-la como *taller*. Mas volto ao livro. Foi a única publicação em português que eu havia achado e que abordava a oficina do modo como eu queria. Encontrei uma amostra dele no *google books*, mas com várias páginas faltando. Li e reli aquilo e a minha vontade de tê-lo completo só aumentava. Achava-o essencial para o trabalho. Assim, procurei nos bancos de dados de várias bibliotecas, e achei o livro em uma, no Rio Grande do Sul. E aí manda e-mail para biblioteca, tenta achar o e-mail das autoras, telefone, qualquer coisa, e vai pedir para pessoas próximas que podem retirá-lo, e nada. Nisso passou quatro, cinco meses, não sei. Já me conformando com não conseguir, decido ir à biblioteca da Udesc ver se era possível pedir emprestado via Biblioteca Universitária. Para minha surpresa, foi por ali que consegui uma cópia digitalizada do livro, por não mais que vinte reais, que eu li, mas nunca usei.

14

A gente diz oficina, e tem o modelão. Uma coisa que as pessoas chamam de oficina, elas fazem, levam materiais, conduzem, chegam a algum lugar, isso é uma maneira. Tem uma outra coisa que o Guilherme chama de oficina que você cria. Cria uma maneira de fazer, uma relação com as coisas, e tudo isso que você faz está em função de uma vontade que você tem. Alguma coisa que você quer ali, quer fazer. Ela está montada em cima da vontade de fazer alguma coisa, e se você não tem isso claro, não consegue fazer, não acontece. Cria-se algo em cima, cria-se um estilo. O meu é tosco. Porque as situações em que eu me vi tendo que fazer oficina me privavam dos materiais [...] E esse passou ser o meu modo de fazer, uma repetição infinita da situação do naufrago, que já era a ideia da minha tese; até hoje eu trabalho em cima da mesma coisa. Aliás, isso era uma coisa que o Guilherme dizia, que a gente sempre tem uma questão, um problema que se reapresenta

de mil maneiras ao longo da vida, e você o explora de muitos lados. A oficina passou a ser uma maneira de fazer isso.

15

Então, eu acho que tem alguma coisa forte nisso que o Guilherme faz, a Ana faz, eu, a minha, você, a sua. Tem alguma coisa que pertence a todos nós, que é ampliar esse espaço de liberdade. As pessoas fazem, se movem pelo que interessa. Se há algo que elas querem, elas vão atrás. Quando não há, elas não se movem. Ninguém pode mover ninguém [...]. Pode ser que o material que você leve desencadeie algo. Mas depois de desencadeado, ninguém controla a oficina. E aí é muito legal ver o que acontece.

16

Acho que a minha oficina central, a da ilha, é pra pensar a condução. Como as pessoas se conduzem? De que maneira elas selecionam as coisas? O que se passa quando as coisas que você selecionou não funcionam? O que você faz? Então eu começava... pedia para as pessoas selecionarem cinco coisas imaginárias²¹. Elas vão para uma ilha: o que levar? Cada um escolhia suas coisas. E então iam pra ilha e pensavam um dia na ilha com as coisas. Nesse ponto você via a ilha virar outra coisa, segundo a maneira que cada um usava o material. E eu deixava as pessoas viverem intensamente o dia, até acreditarem de fato que estavam em uma ilha, cada um com suas cinco coisas. Daí chega a parte que eu adoro, em que eu destruo a ilha inteira. Então eu leio um texto, e o texto faz com que a ilha seja devastada. Tudo é arrastado, exceto duas coisas, e cada um tem que salvar duas das cinco coisas. É um horror. As pessoas têm uma dificuldade grande de selecionar, quando elas chegam nas cinco, se apegam a elas. Se você promove uma destruição geral e sobram duas, elas não sabem o que fazer. Como você vai escolher entre a mãe e a filha, a solidariedade e o cachorro? Daí elas sacam que existe uma hierarquia entre os materiais, ela é moral, e elas não querem mais brincar, porque não querem ter que

²¹ “Coisas” são objetos, pessoas e valores

passar por isso. Daí você fala, é uma brincadeira [...], e eu forço, como um deus força, um deus qualquer, eu forço a seleção. Na hora em que você consegue fazer a redução do material, acontece uma ampliação, como se você sacasse que pode fazer as coisas com a menor quantidade possível, você não precisa de muito, pra nada, nem pra pensar. Muda a condução, o modo como cada um se coloca na relação com os materiais. Esta é a oficina que eu faço de escrita [...], quando você trabalha com o mínimo, consegue ir ampliando, por necessidade, a necessidade é: o que eu preciso pra realizar isso aqui? Daí você consegue ter um critério pra compor alguma coisa, isso pra mim é a condução: alguém se conduzindo na escrita, no texto, na vida.

17

Eu segui anos discutindo a mesma coisa, porque pra mim isso é um problema. Jamais teria feito isso [oficina no presídio] se o Guilherme não tivesse me arrastado naquele jeitinho dele de fazer oficina. E com a Ana, a mesma coisa: arrumei uma mochila, enfiei uns panos e disse “é com isso que eu vou. Tem que dar.” Não podia entrar tesoura, agulha, linha, nada. Não tem problema, tem que dá pra fazer. Tem que dá pra fazer o que as pessoas quiserem fazer, usando isso aqui. Pode ser que não sirva pra nada. O divertido é isso, se não servir, eu vou ‘dançar’. Porque eu não largo, eu não saio fora, eu fico. Fico e tento trabalhar numa ideia, eu não abro mão da minha ideia. Tenho que trabalhar minha ideia com aquilo que cada um põe de material. Ele está trabalhando uma ideia ali. Mas eu ainda tenho a minha que eu quero trabalhar. Se ele recusa o meu material e põem outra coisa, o meu trabalho passa a ser, “e agora, como trabalho minha ideia com esse material?”. O mesmo esforço que ele está fazendo pra se compor, eu estou fazendo também. Então você leva uma coisa, cada um traz uma, de repente a sua dança, as pessoas vão pra lados diferentes... Na oficina com a Bã [HTCP] era fácil de acontecer isso. Alguns meninos estavam tão medicalizados que não conseguiam manusear os tecidos, porque os remédios não deixavam, não conseguiam falar, mas tinham coisas a dizer. Eles estavam ali, eles queriam alguma coisa. Uns estavam indo pra uma direção, outros pra outra, e eu pra minha. Me

senti bem lá, aliás nunca me senti tão bem fazendo o que eu fazia, da maneira como eu fazia, como lá. Pensei, “nossa, achei meu lugar”. Não que é bom estar internado. Mas se tivesse que me pôr em algum lugar seria junto com os loucos, porque faz todo sentido esse modo de trabalhar, que não tem condução, entre essas pessoas. Ele não é esquisito, ele é isso: cada um vai para um lado. E tudo tem a ver. Eles mostravam o tempo inteiro: “Olha Ana, olha Ana”. Como uma coisa maluca x encontra com a z? Pela distância [...], então a ideia, depois da oficina com a Bã, era enlouquecer as pessoas que faziam oficina comigo: desorganizar uma ideia que elas tinham.

18

Aquelas grades desaparecem, tem alguma coisa que você não aprisiona. E por outro lado, do lado de fora, você tem as mesmas grades, o tempo inteiro. E isso é uma recorrência, primeiro com o Gui, depois com a Ban, e eu nunca mais fiz num lugar de contenção. Mas não deixei de trabalhar com essas grades que não dá pra enxergar, é uma coisa que está no trabalho da Bã, e que pra mim é importante. Lá tem outras grades, e essas que você não enxerga são muito piores. Na realidade, eu continuei trabalhando a mesma coisa. Desdobrando ou reprisando, sempre na ideia de que as grades, as paredes estão ali, então como a gente faz pra derrubar isso? Como faz pra passar no mesmo lugar de outra maneira? Com quais materiais, o que eu mantenho? Até onde dá pra ir? Anos fazendo a mesma coisa de muitas maneiras diferentes. E muito ligada no meu material, na minha tese, que era onde estava o meu problema [...], ele não se resolve. O que você consegue são respostas muito parciais, pra certas questões que pertencem ao problema. O meu tem a questão da condução, do material, da distância, que apareceu com força observando o Gui trabalhar na oficina que ele deu, a dos planetas, a distância entre os planetas... Ele ia convertendo essas medidas que podiam caber em um copo d’água, pra mim era coisa de louco [...] quando você via as distâncias passando de um tipo de medida pra outro tipo de medida, tu ficava maluco, porque de repente a distância entre os planetas podia caber num tantinho de água. Depois

fui ver o trabalho de uma artista, ela chama isso de lonjuras. Então fui juntando o fazer de cada um no meu.

19

A oficina é movida por uma questão-problema, se você não tem uma, não tem como fazer. Fazer a oficina é a possibilidade de ir elaborando essa questão. Ela vai se refinando, ganhando dimensões, até a hora em que se esgota. A ideia, penso eu, é que cada um possa ter sua própria questão, pra que aquilo tenha ressonância. Você efetivamente não ensina nada sobre coisa nenhuma. É uma experiência, uma experimentação, cada um vive de uma maneira.

20

Você não ensina nada sobre coisa nenhuma. Essa frase ressoou em mim como uma pergunta: como se faz para nada ensinar? Acho que foi uma das coisas que nunca consegui aceitar por completo. A oficina que eu fazia não ensinava nada, e, por conseguinte, para nada servia., pensava eu. Sempre me perguntei os motivos daquilo tudo. De chegar cedo, se meter em cantos com um barbante, amarrar algumas árvores, levar pessoas vendadas, fazer um mapa de sensações, para que, para que? Claro, havia quase sempre algo que eu queria com aquilo e, intencionalmente, de vez em quando, eu a levava na direção que eu queria que ela fosse. Podia ser reforçando uma fala, só para que a discussão final tivesse um sentido que eu me sentia à vontade para comentar, ou apostando em algum aspecto particular dos mapas, usando um material, as estratégias para isso eram diversas. Mas isso não fazia eu ensinar alguma coisa. Talvez, só nas primeiras vezes em que a fiz tive alguma preocupação em explicar algum conceito, alguma coisa que eu havia lido e que justificava o que eu estava fazendo. Nas outras, eu simplesmente assumia um pouco tal ideia, e a fazia à revelia de ensinar. Teve um tempo em que eu achei isso meio arriscado, achando que a oficina era completamente inútil. Preocupando-me com que os outro iriam pensar, tentava encontrar, no meio daquilo que eu fazia, alguma coisa que pudesse ser ensinada, como uma moral no fim da história. Procurava na forma das coisas (assim a uniformidade de um piso

podotátil, sobre o qual nós passávamos andando, se transformava em analogia para a uniformidade do pensamento, a segurança dada por uma forma preestabelecida), nos textos que eu lia durante (a seleção, às vezes, reforçava algum aspecto), nos mapas que a gente fazia, enfim, qualquer coisa que eu pudesse usar para tentar dar algum sentido ao que eu fazia. Aquilo não poderia ser qualquer coisa, pensava eu. Tinha de haver algum propósito maior que fizesse com que pessoas ficassem vendadas e se submetessem àquilo tudo. Afinal, creio que nunca encontrei o porquê de a gente fazer aquilo que a gente fazia.

VIVIANE

Um porco na mochila e uma ideia que vira outra coisa.

Marquei uma entrevista com a Viviane por indicação do Guilherme Corrêa. Ela havia sido sua orientanda e feito oficinas. A entrevista com ela seria uma maneira de verificar os desdobramentos ocorridos a partir do que ele fazia em Santa Maria, onde da aula na UFSM. Todas as outras entrevistas fiz com pessoas que eu mais ou menos conhecia o trabalho, sabia um pouco das nuances, de onde tiraram tal coisa, já havia lido algo. Da Viviane, só sabia o nome. Marcamos para um final de tarde na UFSC. Cheguei na hora, meio nervoso e esperei por ela. Nessa espera, lembrei que não havia, como as outras, falado sobre trazer objetos, algum material para abrir uma conversa. Lembrei também que havia me esquecido de olhar alguma foto dela para poder reconhecê-la. Por isso, perto da hora marcada, todas que passaram pelo lugar que marcamos foram “Vivianes” em algum momento. Quando chegou, sentamos de frente um para o outro, em uma mesa com tampo de mármore, num local com algumas lanchonetes e cafés. Sobre a mesa coloquei um caderno e um lápis, que não usei em momento algum, e o celular. Havia levado o porco de plástico, mas nem o tirei da mochila. Não havia câmera. Aquela ideia de entrevista já havia virado outra coisa. As perguntas viriam do que rolasse ali. Tudo que eu saberia dela viria do que ela me contasse. Era tudo novo, seu modo de fazer e pensar, para mim, nasceria naquele instante.

1

A primeira impressão é que ela falava com as mãos. Mentira. Fiquei pensando nessa frase logo após me despedir de Viviane. Saí de nossa conversa pensando em como eu escreveria tudo o que ela havia me dito. Essa seria a primeira frase de outras que iam fazer analogia entre gesticular e falar. Poderia, com isso, retomar uma ideia de oficina como fazer manual, que tem a ver com fazer algo com as mãos, que tive em algum momento da pesquisa, mas desisti dessa empreitada. Claro que ela gesticulava com as mãos ao passo que falava, mas a frase faz alusão mesmo ao trabalho que ela exerce como intérprete de libras, e eu queria muito usá-la em algum lugar, pois achei um bom começo. Das poucas

coisas que conseguiria dizer se alguém me perguntasse como foi, poderia tanto dizê-la quando dizer que foi “massa”, ou que era tudo um pouco Manoel de Barros, e só. É certo que haveria muitas coisas a dizer, mas o mais marcante para mim foi como ela mostrou um aspecto da oficina que eu não havia explorado muito, algo para além daquele momento que chamamos oficina, algo que tem a ver com um modo de estar no mundo, de fazer as coisas, de habitar, um modo de ser Viviane, uma “vivianisse”. Poderia chamar de um modo de fazer, um estilo, um eco, pouco importa. Não sei se isso já era dela, se é a oficina que produz, se é alguma coisa entre essas duas. Sei que fiquei com essa impressão, algo que não se consegue formular muito bem, que paira sobretudo o que Viviane me disse, que ressoa disso, e, como som, tem a ver com reverberar, tipo coaxar de sapo. Eu e minhas analogias. Por isso, por não saber bem o que dizer sobre o que ela havia me dito, vou fazê-la conversar com o Manoel de Barros (ente aspas e com fonte Arial) que tem mais sentido. Às vezes, eu me meto ali no meio, meio enxerido, para ver que efeito produz essa conversa.

2

Não lembro exatamente como começou. Eu me lembro do primeiro dia em que a gente se reuniu, eu e umas colegas, queríamos fazer alguma coisa e o Guilherme, que era nosso professor, fez uma pergunta: “o que vocês querem? acho que eu tenho umas ideias”. Daí a gente ficou pensando o que pesquisar, o que fazer. E eu lembro que a gente leu uma reportagem sobre cheiros, todo mundo leu, era um prêmio Nobel. Daí a gente tinha, nesse grupo, estudantes da educação especial, e a gente se reunia no laboratório de química, da graduação, e a gente falava o que estava querendo e as pessoas iam entrando. Quando o projeto começou na escola de surdos, só sobrou eu, uma colega, e dois ou três estudantes, o resto foi saindo. A gente testava antes no laboratório as experiências que íamos fazer. Muitos dos conceitos, a gente não tinha conhecimento. “Como a chama muda de cor?” Mas quando a gente foi pra sala de aula com a ideia do projeto, a gente estruturou uma oficina que era assim: na sala tinha um incenso, e as pessoas começaram a chegar e sentir o cheiro, e eles perguntavam: “que cheiro é esse?”

“nossa um cheiro que está lá longe, como que ele chega aqui”?. A gente perguntava. Daí eles começaram a se interessar. Lembro que no final desse primeiro encontro [...] não tinha uma diferença entre nós e eles. Porque pra gente era também: como que esse cheiro chega aqui? Eu imaginava que eu ia chegar lá e explicar, e não era nada disso. Eu chegava lá e eles faziam muitas questões que a gente não sabia responder. E nossa postura era de ir junto. Lembro que a gente ia chamando as pessoas. Olha só, olha só, olha só. Quando você vê, já foi junto. E a gente chegou no tema cheiro, mas, a partir dali, a gente estava aberto, ia junto, e foi o que aconteceu. Foi pra eletricidade. Como é que a gente chegou nela eu não lembro. Fomos estudar átomo. Lembro de que a gente tinha uma preocupação em tratar os conceitos. Tinha isso dos sinais, isso é o átomo. E tinha esse cuidado em como dizer alguma coisa. Lembro de ficar muito tempo falando sobre átomo sem falar sobre átomo, falando sobre molécula sem falar que era molécula.

3

“Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. Mas faltou dinheiro na hora para a gente alugar um espaço. Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda parte existia gruta, ele disse. E por de logo achamos uma na beira da estrada. Ponho por caso que até foi sorte nossa. Pois que debaixo da gruta passava um rio. O que de melhor houvesse para uma Oficina de Desregular Natureza! Por de logo fizemos o primeiro trabalho. Era o *Besouro de olhar ajoelhado*. Botaríamos esse Besouro no canto mais nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol. De seguida o mesmo lírio pensativo de chão. Pensamos que sendo o lírio um bem da natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome ao trabalho *de Lírio pensativo de Deus*. Ficou sendo. Logo fizemos a *Borboleta beata*. E depois fizemos *Uma ideia de roupa rasgada de bunda*. E *A fivela de prender silêncios*. Depois elaboramos *A canção para a lata defunta*. E ainda a seguir: *O parafuso de veludo*, *O prego que farfalha*, *O alicate cremoso*. E por último

aproveitamos para imitar Picasso com *A moça com o olho no centro da testa*. Picasso desregula a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte.”

4

A gente treinava antes [...]. Mas eu me lembro de ter fascínio pela experiência. “A chama que muda de cor! Que fica laranja”... Às vezes, ao estudar aquilo, a reação que a gente tinha era “uau!”. Foi sempre nossa preocupação manter esse olhar, olhar de criança. “Nossa que legal!” Nossas perguntas eram perguntas de criança. “Pera aí, como fica colorida a bolha de sabão?”. Tinha esse cuidado das perguntas serem daquelas de quem olha pela primeira vez.

5

“Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos”

6

Passa o tempo e você assume uma posição confortável, e o Guilherme puxava a gente de volta. [...] lembro-me de eles quererem, às vezes, que a gente explicasse, assumisse essa posição, e a gente dizia que não sabia, que éramos um grupo. Lembro-me de a gente assumir uma postura de deixá-los um pouco sozinhos, porque se não eles esperavam que a gente oferecesse as respostas. Tinha que camuflar uma situação de não conheço, não sei onde vai dar.

7

As oficinas, naquele momento, tinham uma questão, que era a língua de sinais. E o menino que atuava não sabia libras, o da química. E a gente sabia [...]. A língua não era uma barreira. A gente dava um jeito. Às vezes, mesmo sem saber libras, o colega da química conduzia uma atividade inteira. A gente tinha um interesse comum. [...] Às vezes, eles iam nos ajudando: “Acho que isso é assim, essa palavra é assim”. Lembro que a língua não era uma barreira.

8

Para mim, a língua era uma barreira. Sempre tive essa dificuldade em me expressar. Quanto tinha que pôr no papel minhas coisas, empacava. Quanto tinha que tomar a palavra, eu tremia, suava, dava frio, dor de barriga. Acho que foi um pouco por isso que apostei nessa oficina e não fiz outra coisa senão inventar formas de dizer sobre o que eu fazia com ela. Dificilmente conseguia ser direto. Dava rodeios, inventava toda uma outra forma de contar só para tentar dizer alguma coisa que eu não sabia muito bem o que e como dizer. Mudei as palavras, variei seu tamanho, sua estrutura, uma hora era na forma de escrever um texto, às vezes, no passado, em outras eu simplesmente inventava algo só para apresentar uma ideia. Fiz algumas experiências em vídeo e com som só para tentar apresentar um trabalho. Acho que nunca escapei disso. Tentei apagar minha presença, evitar ao máximo qualquer informação durante a oficina e, no entanto, não fiz outra coisa senão escrever de mim e tentar

dizer dela de muitas maneiras. Acho que isso tudo era parte do esforço de achar nela algum sentido, alguma coisa que valesse a pena ser dita. Chamei essa estratégia de dizer sem dizer. Depois eu vi em algum lugar que isso era uma definição de poesia, fiquei feliz.

9

Eu fiz um estágio na EJA. E essa turma tinha uma característica especial. Eram dois alunos só, um tinha quase 40, e o outro era jovem, e existia um consenso que pra ele não adiantava oferecer nada, porque ele não avançava. E foi muito legal. Ele conversava sozinho, muito. Comecei a observar o que ele dizia, e ele falava coisas que ele ouvia, que diziam pra ele. “Fulano regras da escola, você não pode falar sobre isso”. E ele repetia. “Regras da escola, não pode falar sobre isso”. Comecei a observar e descobri que ele gostava de avião. Quando a gente chamava pra aula, ele dizia: “pera um pouco que eu vou descer do avião”. E lembro-me de uma aula de matemática, era soma, e ele não conseguia. Eu um dia disse pra ele: “agora a gente está no avião, de um lado temos x poltronas, e do outro tanto, quantas poltronas têm?”. Então ele funcionava assim. Naquele ano a gente estudou muito sobre avião.

10

Quando Viviane começou a falar do estágio, eu queria muito que ela voltasse para as oficinas, para o texto, para o Guilherme, até fiz algumas perguntas meio que para direcionar. Mas então ela começou a falar desses dois alunos e, com quase tudo dizendo ao contrário, insistiu neles. Observou, ouviu o que eles falavam e foi junto, sempre junto. Claro que ela tinha coisas do currículo para ensinar, mas, ali, ensinar importava menos que pilotar, gramática só tinha sentido se tivesse turbina no meio, matemática só para contar poltrona, que sentar que nada, o negócio mesmo era levantar voo. Depois que ela falou, eu não conseguia parar de pensar no modo avião de ser do menino.

11

“O dicionário dos meninos registrasse talvez àquele tempo nem do que doze nomes. Posso agora nomear nem do que oito: água, pedras, chão, árvore, passarinhos, rã, sol, borboletas... Não me lembro de outros. Acho que mosca fazia parte. Acho que lata também. (Lata não era substantivo de raiz moda água, sol ou pedras, mas soava para nós como se fosse raiz.) Pelo menos a gente usava lata como se usássemos árvore ou borboletas. Me esquecia da lesma e seus risquinhos de esperma nas tardes do quintal. A gente já sabia que esperma era a própria ressurreição da carne. Os rios eram verbais porque escreviam torto como se fossem as curvas de uma cobra. Lesmas e lacraias também eram substantivos verbais Porque se botavam em movimento. Sei bem que esses nomes fertilizaram a minha linguagem. Eles deram a volta pelos primórdios e serão para sempre o início dos cantos do homem.”

12

Então a oficina te coloca em uma situação de aprendiz também. Não sou eu que construo o conhecimento, é tudo, é a relação. Eu acho que é fundamentalmente isso, aprender junto. Antes de fazer a oficina do texto com o meu marido, há 4 anos eu participo de uma oficina do ritmo. A gente aprende o ritmo da linguagem banto, africana, a gente aprende ritmo a partir do tambor. Não é uma oficina de precursor. A gente aprende sobre ritmo. Eu aprendi nessa oficina que cada um tem um ritmo, aprendi sobre o meu ritmo, aprendendo sobre o ritmo do outro. Só uma oficina é capaz de jogar você pra dentro.

13

Sempre tive essa questão em mente: como eu falo de algo que é do outro, que se passa com outro, o que ele sente ou não, o que ele pensa ou não, quando faço minha oficina? Era impossível mensurar o que daquele momento cada um tirava. Poderia supor, claro, mas sempre foi algo inserto, algo que nunca consegui responder. Às vezes, eu tomava os mapas como base, ou alguma observação ou fala, para compor um tipo de relato, outras vezes eu inventava. Por isso, depois de terminar de

escrever meu trabalho de conclusão de curso sobre a oficina que eu fizera, tentei pensar no sentido de tudo aquilo, em escrever tudo aquilo – sendo que, para mim, já no fim, me contentava em simplesmente fazer – e escrevi algo assim: escrever para quê? Escrever para dizer alguma coisa. Escrever para dar significado. Escrever para tornar existente pela palavra aquilo que era por gesto. Escrever para dizer o que nos acontece. Escrever por escrever, como impulso do pensamento. Escrever para relatar uma prática, para fixar no papel aquilo que não foi dito pela palavra, que está em movimento, deu-se no corpo, teve o corpo como matéria, marcou. Escrever para formar, para dar um fim, completar um trabalho, mostrar competências. Escrever para legitimar, para compartilhar... Escrever como respirar, em um só fôlego. Assim os dedos se movimentam, procuram a tecla que representa a letra, e outra, e mais outra, e a palavra vem à tela antes que a cabeça a pense. E ela é viva. Pois só assim, viva, é que a palavra pode se aproximar da vida, e tentar dizê-la em todo o seu furor. Mas a vida escapa da palavra que pretende aprisioná-la (justificá-la, colocá-la retilínea de margem a margem, espaçada simetricamente, caractere após caractere). Ela é mais rápida que o toque da tecla. Ela, a vida, enseja então outras formas de dizer, pois quando a palavra não dá conta, quando ela não dá conta de dizer da vida, de dizer o que acontece... ela se transforma, ela extravasa a veia do pulso que segue, e aí ela já é outra coisa que não ela, não está mais em relação com a coerência, a coesão... não mais tem a ver com a forma. E assim ela se faz, e assim ela se ressignifica, em sua incompletude.

14

Lembro que, do meu estágio, no meu primeiro dia, teve uma pergunta [...] Um dos meninos, que era mais velho, disse: “eu queria saber escrever o nome da minha mãe, porque meus irmão dão presentes pra minha mãe, eu não sei escrever o nome dela”. E eu me lembro de ficar muita tocada. Ele tem 30 anos, como não sabe escrever o nome da mãe dele? E o outro menino, do avião, falava de avião, falou que ia viajar de

avião com o pai. [...] a gente tinha uma relação muito próxima. [...] eu via as pessoas dizendo pra ele: “regras da escola”. E uma das propostas foi: bom, tem muitas regras, não pode, não pode, não pode, pra gente ter clareza dessa regras, a gente vai organizar uma pesquisa. Quais são essas regras, onde está escrito, em que documento? E a gente foi atrás, e ele chegou na sala e disse: “eles me enganaram! não tinha regra nenhuma”. Ele ficou magoado, se sentiu muito enganado. E a postura dele depois era dizer: “mentira, não tem, eu pesquisei, eu vi. Eu e Viviane pesquisamos e agora eu sei as regras da escola”. Talvez, se fosse outra situação, jamais tivesse olhado para o que ele falava sozinho. Foi observando as conversas dele com ele mesmo que eu consegui desenvolver todo o meu estágio, apesar da insistência do contexto escolar, falando que não adiantava. [...] Uma das atividades era o feijão no algodão [...] Eles eram repetentes, já tinham plantado o feijão no ano passado. Mas plantamos o feijão mesmo assim. E eu me lembro de pedir para eles trazerem sementes, que a gente ia plantar feijão. E aí a gente plantou. E saiu no meio do mato pegando tudo. Desenhando as árvores que não sabíamos o nome, e depois pesquisávamos. E o menino do avião desenhava super bem. Lembro que a gente catalogou várias árvores. Plantamos feijão, várias sementes. Algumas sementes agente raspou no chão, outras, colocamos na água morna e na água gelada. Registramos tudo. Acho que isso repercussão da oficina, do olhar pra esses dois meninos que estavam ali. E as pessoas falando que não adiantava, que eles não queriam nada com nada. Eu fico feliz. [...] esse menino até hoje fala de mim. Já faz tanto tempo.

15

Lembro-me da primeira vez em que a fizemos, a correria, o pote de maria mole onde colocamos a mão cheia de folhas, a manga que todos comeram, o silêncio no final, de escalar árvores para pendurar coisas. Lembro de uma vez que inventamos de fazer barulhos, todo mundo junto, umas 40 pessoas berrando juntas, nem sei para que, e soamos uníssonos. Lembro-me da vez em que fiz descalço e na chuva, de pisar na poça, de deitar na grama. Lembro-me da vez em que fiz em um local

fechado, de amarrar barbante por corredores, pendurar em grades, de dar voltas e voltas por corredores tentando bolar onde ia fazer. Lembro-me dos gritos das meninas da pedagogia, das meninas que ficaram grudadas o tempo todo, da que foi sozinha e passou uns minutos perambulando com a venda. Lembro-me do grito do professor quanto tocou sem querer um incenso aceso. Lembro-me de estar perdido levando quarenta pessoas vendadas pelo campus da Udesc. Lembro-me de não saber dizer muito bem sobre aquilo tudo, e da entrega de algumas pessoas para aquilo, e dos sustos que as pessoas tomavam com o porco. Lembro-me dos fios de barbante que restavam pendurados nas árvores, marrons por causa do tempo. Lembro-me de tentar fotografar os mapas de várias formas. Lembro-me de não querer fazê-la, nunca mais.

16

Eu trabalho como intérprete de libras. Dizem que no trabalho do intérprete você incorpora o autor. Eu sou autora. O jeito daquela pessoa, eu vou pegar e vou ser ela. Muitas vezes dá um conflito enorme. Tem vezes que eu olho para aquilo e penso “mas tá usando os conceitos, usando as palavras e não tá acontecendo nada”. Eu me faço essas perguntas durante a apresentação. Ou não. Ou cara, olha só, olha isso. Acho que é repercussão da oficina, do texto do Guilherme, aquele cuidado com os conceitos, aprender com o outro, se colocar na mesma situação.

17

“Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. Igual como a gente nascesse de quatro olhares ou de quatro orelhas. Um dia tentei desenhar as formas da Manhã sem lápis. Já pensou? Por primeiro havia que humanizar a Manhã. Torná-la biológica. Fazê-la mulher. Antesmente eu tentara coisificar as pessoas e humanizar as coisas. Porém humanizar o tempo! Uma parte do tempo? Era dose. Entretanto eu tentei. Pinteí sem lápis a Manhã de pernas abertas para o Sol. A manhã era mulher e

estava de pernas abertas para o sol. Na ocasião eu aprendera em Vieira (Padre Antônio, 1604, Lisboa) eu aprendera que as imagens pintadas com palavras eram para se ver de ouvir. Então seria o caso de se ouvir a frase pra se enxergar a Manhã de pernas abertas? Estava humanizada essa beleza de tempo. E com os seus passarinhos, e as águas e o Sol a fecundar o trecho. Arrisquei fazer isso com a Manhã, na cega. Depois que meu avô me ensinou que eu pintara a imagem erótica da Manhã. Isso fora.”

18

A primeira foi quanto ela pegou emprestado do menino-avião essa mania de transformar plano de aula em plano de voo, e fez algumas coisas estarem mais próximas das nuvens. A segunda foi imaginá-los entrando no mato para catar semente, saindo com a roupa cheia de picão, esfregando semente no chão, batendo nela, esquentando ela, dando banho de água fria, que era só para ver o que acontecia quando plantava. Na terceira, ela tentava fingir que não sabia o que sabia, fugir dessa mania nossa de ensinar, “transformar em aula qualquer encontro”, para ver se dissolvia a posição de aluno-professor. Na quarta, sair do cheiro e ir pro átomo sem saber como, sem saber bem como se diz, sem deixar a língua impedir que se fale. Foi por essas e outras que eu achei que ela falava um tal dialeto manoeles.

MARIA OLY

Não inventei nada...

Fazia muito tempo eu tinha dito para Ana que queria visitar a tal Maria Oly. Acho que foi mais ou menos na mesma época em que estávamos começando a ler o texto do Guilherme, 2011 ou 2012, não sei. O nome dela estava por toda parte, aparecia recorrente no texto, a Ana falava dela, de como ela era, de como depois de uma aula com a Oly ela praticamente nunca mais foi a mesma. Nesses anos em que trabalhamos juntos, vez ou outra, insistia para nós irmos até a casa dela; Oly mora há mais ou menos uma hora de Florianópolis. Não sei quando essa vontade de conhecê-la surgiu, se era porque eu lia o nome dela em algum lugar, se era porque tinha ouvido falar dela numa conversa etc. Aconteceu que fomos adiando a ida, mas acabou que ela aconteceu, muito em decorrência desse trabalho. Embarcamos nós três, eu, Raoni²² e a Ana. Eu não havia pensando em nada. Nenhuma questão, pergunta, nada que conduzisse a conversa, só queria ouvi-la falar alguma coisa. Cheguei assim, sabendo dela pelo que tinha lido, pelo que me falavam, pelo que eu imaginava dela; e ela era um pouco disso e outra coisa. Não sei se por isso eu emudeci no nosso encontro, fiquei só ouvindo, ouvindo, aquilo que ela tinha para falar. De mim, ela tinha lido, através de uma ou duas entrevistas que eu já havia feito e trabalhado. Conversa na varanda, nós e dois cachorros. Um rio corria ao longe, e, durante a gravação, se ouve o rio sem parar.

1

“Quando a Maria Oly inventou essa coisa”. Não é nenhuma questão de modéstia, é o que é de fato, é preciso compreender bem isso se quiser trabalhar com essa história. Eu acabei aprendendo um pouco dela convivendo com elas [as pessoas do grupo], se quiser aprender vai ter

²² Raoni Borges, que havia feito oficinas comigo, as quais comentei no primeiro capítulo deste trabalho, e orientando da Ana Preve no mestrado em Educação na UDESC.

que entender. Eu não inventei nada, vou explicar como a coisa se deu. A Maria Oly tem um jeito de ser diferenciado, defeito de fábrica, não interessa o que. Então esse jeito de ser diferenciado me levou a trabalhar com as pessoas de forma diferenciada também. Isso pra mim tá num passado distante. Pensa que eu trabalhei com isso na década de 90, e hoje faz 30 anos, sei lá quanto tempo. Claro que volta e meia essas coisas retornam, seja através do Gui²³, que foi meu aluno junto com Ana²⁴, junto com a Ritinha²⁵. Verão passado, o Moca²⁶ veio aqui, mora no Acre. Mas antes de vir, pela internet ele me falou, e foi uma surpresa

²³ Guilherme Carlos Corrêa. Graduado em Química (1992). É mestre em Educação (1998) pela UFSC e doutor em Ciências Sociais-Política pela PUC de São Paulo (2004). Realizou seus estudos de Pós-Doutorado em Educação na PUC do Rio Grande do Sul (2014). É professor associado da UFSM, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, onde atua como professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional.

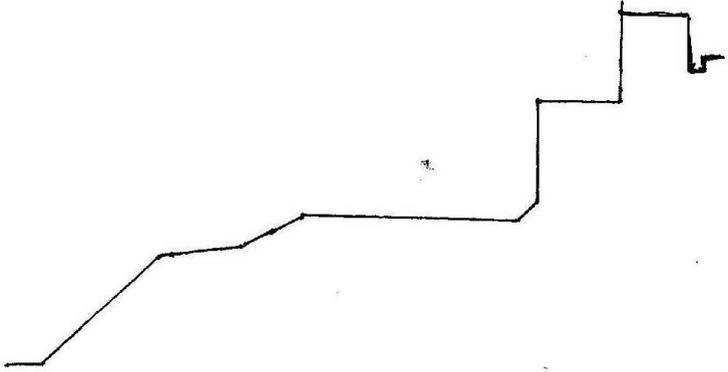
²⁴ Ana Maria H. Preve é graduada em Biologia (1992), mestre em Educação (1997) pela UFSC e doutora em Educação (2010) pela UNICAMP - área de concentração Educação, conhecimento, linguagens e arte. Atualmente é professora adjunta no Curso de Geografia e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa Educação e Comunicação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

²⁵ Rita de Cácia Oenning da Silva é graduada em Química (1991), mestre em Antropologia Social (1998) e doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (2008). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em antropologia visual e da arte, populações de periferias, antropologia da performance, parentesco em camadas populares. Trabalha desde 2005 com produção de filmes etnográficos com populações periféricas e indígenas. Realizou seus estudos de Pós-Doutorado (2012-2013) no PPGAS-UFSC associada ao Núcleo de Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e no Caribe (MUSA), com estágio no Department of Ethnomusicology at UCLA, trabalhando com performances (musicais, narrativas e dança) de crianças Indígenas no Rio Negro.

²⁶ Moacir Haverroth é graduado em Ciências Biológicas (1992), mestre em Antropologia Social pela UFSC (1997) e doutor em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (2004). Atualmente é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Unidade do Acre, na área de plantas medicinais, aromáticas, condimentares e ornamentais.

boa, que ele tá lá trabalhando com índios, trabalhando com pessoal da zona rural no Acre, agricultores. Ele fazia oficinas, continuava fazer oficinas, era o jeito melhor que ele encontrou de trabalhar com as pessoas. Isso foi um negócio legal. Depois ele veio cá com a namorada, os dois filhos, a gente passeou. Então essa coisa volta pra mim, retorna, se mistura comigo de novo, quando alguém aparece, às vezes do nada, como o Moca, e conta das suas coisas. Como essa coisa de oficina foi se modificando, se estruturando, de como ficou na cabeça, na prática, na alma das pessoas com quem a gente conviveu. Não foram quaisquer pessoas. Eu deixo bem claro isso, eu não dava aula, eu procurava gente, é diferente. Sempre procurei na graduação, pois nunca tive expectativa de procurar na pós-graduação, mas na graduação eu tinha, entende?, então eu procurava. Foi nessa procura que eu encontrei algumas poucas pessoas. Não é com qualquer pessoa, não se trata de alguma coisa que você ensina e repassa e os outros saem fazendo. Porque até pode acontecer, mas se saírem fazendo vai dar merda. Então não é qualquer pessoa. Eu tive a sorte de encontrar o Gui, a Ritinha, o Moca, a Ana... Eu tive a sorte de encontrar meia dúzia de pessoas, e essas pessoas continuam fazendo essas coisas. Então eu entro em contato com a oficina assim, conversando com aqueles que trabalharam, 15 anos sei lá, muito tempo, muito tempo. Mesmo trabalhando fora da universidade, mantiveram ainda um contato muito próximo, pelo menos por alguém tempo. Tá, isso é para dizer pra vocês porque eu não inventei nada. As coisas foram acontecendo.

2



Do Nat ao Ndi

Se não me falhe a memória, acho que a primeira forma que pensei em como eu iria falar do grupo e fazer uma relação com o que eu fazia, foi brincar com a palavra núcleo. Iria fazer todo um preâmbulo envolvendo datas e locais. Acontece que, na mesma época, início de 1990, alguns metros de onde tudo isso acontecia, estava eu, bem pequeno, 4 ou 5 anos, não sei, em outro núcleo, Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Ufsc. Nessa brincadeira, faria um jogo entre esses dois momentos, colocaria uma foto minha quando pequeno, escreveria umas memórias num tom poético com uma epígrafe qualquer sobre ser criança, pouco importa. Brincaria com isso de eu estar iniciando um processo de escolarização e o Nat pensando sobre escola. Usaria, talvez, uma lembrança remota que eu tenho, um exercício de alfabetização, a letra “A” escrita de forma tracejada no quadro, de modo que tínhamos que juntar cada tracinho para formá-la inteira. Pegaria isso para falar da memória, de que como ela é composta de vários “tracinhos”, como pequenos fragmentos, o que tem no meio é a gente que inventa, inventa a ligação. Usaria isso para falar do Nat: vários pedaços da história desse grupo, o meio disso, o que não está nos textos, ficaria por ligar ou

inventar. Em algum momento, eu tentaria achar pontos onde essas coisas distintas se tocam. Talvez eu tivesse participado de uma atividade que eles promoviam ou brincado pelos arredores do Centro de Educação, eu teria me deparado com algum deles colando cartazes de um evento de Educação Libertária, ou fazendo uma oficina no pátio, embaixo da árvore. Talvez eu fizesse um mapa, contaria em passos a distância da sala-porão Nat até o portão-entrada do Ndi, não sei. Como era tudo incerto e ao mesmo tempo possível, deixei isso para lá, para preservá-la assim, como ideia que é bonita como potência “*inconcreta*”.

3

Sempre tive, e vou morrer tendo, uma forma diferenciada de ser, de viver e encarar as coisas, as relações com as pessoas; essa forma diferenciada se caracteriza por não caber no meu modo de ser qualquer tipo de hierarquia funcional, acadêmica, intelectual, de qualquer espécie. Essa tentativa de sempre estabelecer relações de igual para igual é que me fez acreditar na capacidade que eles teriam, caso eles não fossem aplastados pelo autoritarismo local, isso é o que permitiu a cada um deles inventar uma coisa. Quando Ana fala da entrevista contigo sobre a primeira vez em que nós nos encontramos, em uma aula de graduação, ela foi dar uma aula de sexualidade, e naturalmente, como era de se esperar, ela repetiu aquelas coisas que poderiam estar em qualquer livro didático do momento. Daí eu estimei, falei pra ela da possibilidade do conceito que ela tinha, que podia ser um pouco mais ampliado, que tinha que botar vida naquelas coisas. Aí ela começou realmente a fazer isso e eu a convidei pra trabalhar comigo, porque eu percebia nela brilho no olho. A gente da idade de vocês, a maior parte, eu considero que morreu e se esqueceu de deitar, e também mais velhos. Muito pouca gente tá viva ainda, a gente convive com zumbis, por isso que hoje eu reduzi, fui forçada a reduzir a minha convivência a muito poucas pessoas. Porque a grande maioria é zumbi, foi isso que aconteceu. A Ana foi uma dessas pessoas que demorou a aceitar trabalhar comigo. Não pense que foi assim, fácil. Ela resistiu quase um ano em trabalhar comigo, e, quando aceitou, como pouquíssimos, ela não se surpreendeu com a situação que eu propunha.

Isso sempre voltava: o que ela quer? Não quero nada, quero ver se sai alguma coisa diferente disso tudo.

4

ANA - Eu lembro que eu cheguei, quando eu decidi mesmo, ela mandou um recado pra Karen²⁷, do nada, eu fui lá: “tá Maria Oly o que tu quer que eu pesquise? O que quer que eu faça?”, Ela olhou pra mim e perguntou: “o que tu quer fazer?”. Eu não conseguia saber o que eu queria fazer, até porque eu estava acostumada, no curso, a alguém me dizer o que eu ia fazer. *MARIA OLY - E sabe por que a maior parte das dissertações de mestrado e teses de doutorado da área de educação e ciências humanas são uma merda? Porque até os 50 anos, e muitas vezes passando deles, as pessoas perguntam para seus mestres, “o que você quer que eu faça?”. E sabe por que perguntam? Porque não tem nada dentro da cabeça. A curiosidade ou a capacidade de definir algum interesse pra pesquisar, pra trabalhar, se envolver, é zero. Zero. Então a pessoa é obrigada a transferir pro outro a determinação dessa necessidade, do que fazer. E ela diz [...], é normal. Há todo um hábito escolar, ao longo da vida, que leva a essa postura, e fora isso, a ausência de interesses, pelo menos para que a pessoa minimamente vincule com aquisição de conhecimento. E se dar conta de que eu não quero nada, eu só quero ver acontecer, é um parto. Mas tem uma hora que acontece. Aí o sujeito, no início, se sente perdido, mas a sensação de estar perdido parece que vai sendo substituída, pouco a pouco, pela sensação de estar livre, de poder fazer aquilo que desejar. Isso não é falta de disciplina, as pessoas que trabalharam comigo naquela época estudaram muito. Elas não estudavam autores, porque assim como elas aprenderam a me considerar uma igual, e em certas circunstâncias com muito menos competências do que um e outro, cada um tem suas*

²⁷ Karen Christine Rechia é licenciada em História (1993), mestre em História (1998) pela UFSC e doutora em Educação (2013) pela Unicamp, na área de concentração Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, com foco na pesquisa sobre imagens e educação. Tem produção e interesse na área de Cinema e suas interfaces com a Educação e o Ensino de História. É professora do Colégio de Aplicação e do Mestrado Profissional de História da UFSC.

competências específicas... quando eles realmente se deram conta de que eu realmente não estava brincando – eu via cada um deles como um igual –, isso possibilitou que, com muita dificuldade, eles fossem se dando conta que a aquela gente que escrevia livros e que eles liam também eram um igual, e isso significava uma mudança radical na forma de entender o autor. Uma coisa é ler-aprender com ele, outra é ler para ver se ele concorda com que eu acho. Muda, muda a tônica. Isso eu acho que é uma das coisas mais difíceis. Enxergar, “o cara é bom, mas ele concorda com essa minha coisa” ou, outra postura, “o cara é bom, eu penso diferente, mas ele é bom, eu vou aprender com ele”. Outra coisa, a postura entre nós de acabar com a hipocrisia. Não ter receio, medo de ler e dizer que não entendeu, que não leu, esse cara não diz coisa com coisa, e não ter medo, receio, de dizer isso. Porque, na maior parte da vida acadêmica, a gente vai vendo que o professor que mandou ler isso ou aquilo não leu isso ou aquilo, e não tomou a postura de dizer que não leu, e falar “vamos ver o que acontece”. Não é assim que as coisas funcionam. No nosso ambiente, a gente podia se sentir à vontade de falar isso. Essa coisa que possibilitou a Ana trabalhar sexualidade da maneira como ela vem trabalhando, e outras coisas que ela vem fazendo. Essa possibilidade que permitiu o Gui se afirmar nos jeitos de pensar e fazer dele, que são especiais e de inteligência rara – uma pessoa que pouquíssimo escreve, mas quando escreve, é dele. É uma ideia para não se jogar fora. Isso é raro, é difícil. E ainda assim, a pessoa saber o quanto vale, o quanto tem potência pra ser, fazer alguma coisa que preste. Porque é detestável, cada dia mais, as pessoas que aparecem com alguma coisa, e não são nada, porra nenhuma, não tem um mínimo de competência para qualquer coisa, cada dia que passa eu sou mais intolerante em relação a isso, um negócio que tá crescendo dentro de mim, até no relacionamento pessoal com quem quer que seja, não consigo mais tolerar abobrinha, não sei, não consigo.... Então falem vocês, que eu estou de goela seca.

5

Deixa eu contar uma coisa. Vira e meche, nesse negócio de ir atrás de materiais que tinham a ver com essa coisa das oficinas, eu me deparava com um ou outro autor. Às vezes, era por uma frase qualquer, por indicação, pelo título de um livro, tanto faz, algo nesse encontro me fazia ir atrás de cada um, pegar meia dúzia de livros na biblioteca, folhear um pouco cada um, para ver se eu encontrava algo que pudesse ser usado. Alguns eu usei por um tempo, outros, fui mais fundo, alguns nem li, e outros ainda, descartei. Juntei umas citações ali, uma porção de conceitos aqui, uns parágrafos, umas frases muito bonitas, uma ideia interessante. Algumas eu usei para pensar, outras para reforçar uma ideia que eu estava esboçando, tinha outras que eu usava quando não tinha mais nada para dizer, quando eu cansava, então copiava um trecho qualquer e escrevia em cima daquilo, e assim ganhava umas duas páginas, outras usava por conveniência ou para mostrar que, como aluno, eu lia alguma coisa, e esses apareciam para “dar corpo teórico ao trabalho”. Fiz isso por muito tempo. Mas tinha um que sempre me perseguia. Era uma dupla sabe? Todo mundo estava lendo, ele aparecia nos escritos, nas falas, nos jeitos, nas pesquisas. O que quer que eu lesse, lá estava algo deles. Aquelas frases que dizem tudo e nada ao mesmo tempo. Era tanta força que às vezes eles conseguiam a proeza de incorporar na gramática da gente meia dúzia de palavras que eu nem sabia que existiam. Em outras, eles apareciam de fato ou como metamorfose de um outro autor ou grupo, que falava outras coisas a partir das coisas que eles falaram. Eu pegava essa fala da fala (às vezes, a fala da fala da fala) para dizer das minhas coisas. Para mim, não sei se por ignorância ou preguiça, eles pouco fizeram sentido. Eu até tentei lê-los, juro, cheguei a dormir com um deles debaixo do travesseiro ou esfregar no corpo, tipo sabonete, só para ver se aquilo entrava. Cheguei até a usar aqui e ali, e assim o trabalho ficou tendo cara de trabalho acadêmico, com receio é certo, porque quanto mais eu achava que os tinha entendido, ZÁZ !, eles escapuliam. Daí fiquei meio que achando que eu não ia alcançar, e decidi eu mesmo tentar dizer das coisas com as minhas próprias palavras, mas acho que, se procurar bem, eles devem estar todos escondidos aqui, ali ou acolá.

6

Isso é a única coisa possível, a única se tu quiseres aprender alguma coisa.... Quebrar as barreiras. Tudo que a instituição faz é merda, literalmente. A instituição avalia o que não é possível avaliar, chama de avaliação e exclui uns e outras. Ela obriga você a ouvir o que não quer ouvir, aquilo dorme, aquilo não faz sentido pra você, aquilo que realmente não tem sentido, aquilo que é produzido para não ter sentido. Ela te manda ler gente que escreveu coisas em tempo deferentes e em lugares diferentes, idiomas diferentes, que não têm nada a ver com a tua possibilidade de incorporação do que quer que seja. Ela te senta num canto e te matem sentado, ou lendo, ou fingindo que lê. Ela te ensina presencial ou à distância. Quer dizer, a instituição escolar é falida, totalmente falida, para quem quer conhecer com vontade. É totalmente eficiente, perfeita, acho que uma das mais perfeitas, para fazer aquilo que ela consegue: gente cínica, hipócrita, vazia. O Tragtenberg chamava de uma coisa que eu gostava muito, “delinquência acadêmica”²⁸. A universidade produz delinquência acadêmica, só. De meu ponto de vista, a única forma de trabalhar é quebrar tudo. Não vou dizer que é fácil. Tem consequências? [...]. Só para ter uma ideia. Eu me aposentei como professora titular, e só isso que eu ganho. Nunca tive cargo administrativo, e nem me convidaram a ter. Nunca tive uma pesquisa financiada, e não é que não tenhamos tentado. Pessoas que trabalham como eu trabalho, dificilmente têm proposta aceita. Eu nunca tive nenhuma. Quando nós viajamos, saía do meu bolso a passagem do pessoal que me acompanhava. Algumas vezes fomos pra Espanha, Cuba, com pessoas que estavam na condição de aluno, e a gente dava um jeito. Então isso tem consequência, você tem saber se tá disposto a arcar com esses prejuízos; eu não me arrependo.

²⁸ TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. *Verve*, São Paulo, n. 2, p. 175-184, 2002. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verve/verveview1.php?id=2>

7

O que era o Nat? Como eu faria para falar dele aqui? Que recortes, que tipo de citações, de materiais? Como eu iria falar de um grupo do qual eu não fiz parte, das circunstâncias, os meios, os acontecimentos, se eu não participei? Do que foi, só senti os efeitos, as variações, as metamorfoses a partir do trabalho com uma pessoa, a Ana, e um tanto com o texto do Gui. Teve uma época em que eu tentei ler as coisas que eles produziram para ver se eu achava o tal Nat por lá. O livrinho branco sobre um evento libertário na UFSC²⁹, o branco e verde da Perspectiva ou o preto com amarelo sobre Educação Libertária³⁰, as dissertações e teses de capa preta³¹ com fonte datilografada, dois ou três livros da Maria Oly³². Isso conduziu os rumos desse trabalho por um tempo. Tudo que eu achava sobre o Nat, guardava em um canto do computador, uma pasta com o nome “coisas do Nat”. Aos poucos, ela foi crescendo, crescendo, e a medida que mais coisas chegavam, mais eu me afastava daquilo que o núcleo produziu, agregando alguns textos que foram referência em alguma época. A fase Paulo Freire, a da educação pela arte, os anarquistas, a pedagogia libertária, e o Foucault. Todos esses materiais eu fui guardando, sem evidentemente lê-los por completo. O importante é que estavam ali, coabitando a mesma pasta, caso eu quisesse usar. Não muito diferente do que faço com livros, discos, copos e peças de bicicleta. Foram todos para pasta. Muitas entradas eu

²⁹ SIEBERT, Raquel Stela de Sá Siebert et al. *Educação libertária: Textos de um seminário*. Rio de Janeiro: Achiamé; Florianópolis: Movimento- Centro de Cultura e AutoFormação, 1996. (Livros livre: 3)

³⁰ Respectivamente Clóvis Nicanor Kassick et al. *Pedagogia Libertária, Perspectiva*, Florianópolis, Ano 15, n. 27

, Janeiro-Junho de 1997 e PEY, Maria Oly. *Pedagogia Libertária: experiências hoje*. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000

³¹ Cf. BELTRAO, 1992; GUERRA, 1996; KASSICK, 1992; PREVE, 1997; SARTORI, 1993; SILVEIRA, 1997.

³² PEY, 1984, 1988.

imaginei para falar do grupo. Através de levantamento de material, relatos, documentos administrativos, registros fotográficos. Pensei em fazer um resumo, um compilado de tudo que eles haviam feito, seria a história do Nat pelo que eles publicaram, mas a tarefa ficou tão absurda que isso não passou de um rascunho. Outra vez foi tentar falar dele recordando alguns trechos em que ele é mencionado em um ou outro texto, iria começar mais ou menos assim:

“Pensar e Viver liberdade, solidariedade e autogestão entre indivíduos e grupos, com vistas a sua autoformação e autonomia, através de uma concepção de conhecimento não disciplinar” (LiberNete, 1994)³³

O NAT surge do desejo de compartilhar uma produção coletiva de saberes, de troca, de convivência pautada na dialogicidade, na quebra de hierarquias e na busca de autoformação, fundamentando uma visão de educação como produção de conhecimento, de saberes e poderes. (SARTORI, 1993, p.128)

este grupo, formou-se no âmbito da pesquisa acadêmica, em tomo da exploração de práticas em educação não restritas e não direcionadas à escolarização: as oficinas do NAT. (CORRÊA, 1998, p. 3)

Grupo que atuou entre final dos anos 80 até os anos 2000 no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC), sob coordenação de Maria Oly Pey, professores universitário e alunos de pós-graduação e graduação, “preocupados em aprofundar estudos relativos aos limites (organização hierárquica das funções, das relações e do conhecimento) impostos pela escolarização, à compreensão de mundo dos que são por ela formados” (KASSICK,2006, p.2).

³³ Boletim publicado pelo Coletivo de Informações das cidades de Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) com a finalidade de divulgar o anarquismo no Brasil. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/27544>

No NAT foram publicados e realizados encontro e debates acadêmicos. Em suas realizações, o NAT “problematizou estudos em torno da dialogicidade, da autogestão, da não-hierarquização dos saberes, de questões contemporâneas da educação e das possibilidades de educação fora do âmbito da escolarização” (CORRÊA e PREVE, 2011)

o Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT/CEDIUFSC) surgiu em 1990, a partir do desejo de um grupo de professores e estudantes preocupados em aprofundar estudos relativos aos limites (organização hierárquica das funções, das relações e do conhecimento) impostos pela escolarização, à compreensão de mundo dos que são por ela formados. (KASSICK, 1997, p.2)

Como não sabia muito o que faria depois disso, recolhi algumas citações e as guardei, para quando pudesse inventar com elas outro começo.

8

Não sei se eu te contei isso (se dirigindo a Ana). Fazia uns dez anos que eu não botava o pé no CED. Eu fui lá no Nat buscar uns trecos, que passou pela minha cabeça que eu queria; a coisa estava lá do mesmo jeito, né. Só que eu passei pelo bar, tinha duas guriazinhas, 20, 22 anos, no balcão, uma delas me olhou, me encarou bem e disse assim pra outra “olha, eu acho que aquela é a professora Maria Oly”, daí a outra olhou, e ela completou, “ela era uma lenda”. Digo, olha, puta que pariu, essa eu nunca tinha ouvido, e realmente é agradável saber que de uma forma eu fui lendária. E uma lenda que eu construí com coisas elementares, muito simples, e absolutamente óbvias para mim. Eu habitava a sala 12, no antigo prédio.... Eu entrava ali às 8h, saia mais ou menos às 8 da noite. Então, como percebia que estava lidando com pessoas que inclusive fome passavam, eu tinha café, bolacha, papel, livros que me foram roubados, ótimo. Hoje eu não tenho mais nenhum, pra dizer a verdade, os livros que tenho não passam de seis, um deles é o Gênesis, do Sebastiao Salgado, o outro é o projeto Terra, que eu já tinha, a tese da Ana, a do Gui, e um Atlas histórico-geográfico. Não

tenho, felizmente, mais nada, nada dentro de casa. Aqueles que eu tinha na sala 12 eram quase 500, roubaram quase tudo, quase tudo. Mas aquela sala fervilhava, entrava gente, aluno, porque colega nem pensar. No início tinha alguns, às vezes algumas pessoas que secretariavam, e eu oferecia café. A gente ria muito, ria muito. As pessoas da universidade, naquela época, hoje não me interessam saber, naquela época as pessoas não riam, as pessoas se consideravam sérias, eu ria, ria muito, e eles riam muito, e faziam barulho, e esse barulho incomodava muita gente. Depois conseguimos um porão, a sala do NAT, daí a gente permanecia lá. Isso vai construindo uma imagem no mínimo diferenciada, que as pessoas não sabem muito bem o que é, pra o que é que vem, mas no mínimo surpreende, e talvez tenha jogado pra essa ideia de lenda. Nunca gostei de reunião de departamento, porque aquilo nunca é o que parece, eu não gosto disso, não sei conviver bem com isso. Eu pedia pra um deles ir, eles ficavam enlouquecidos no início. Muitas vezes pedia ao Guilherme para ir no meu lugar, isso enlouquecia tanto o Guilherme quando os meus pares doutores. O Guilherme era um tisco naquela época. Um gurizinho de 25 talvez, que parecia 16, que falava muito pouco, mas quando falava, dizia. Diferente de muita gente que fala muito e não diz nada. Ou então a gente era convidado para dar um curso da Argentina e na última hora eu não podia ir, e eles foram sozinhos. E foram, fizeram e voltaram. Eles eram gurizada, de não mais que 20 e pouco anos. Era um choque de cultura acadêmica chegar uma gurizada pra trabalhar, formar professores universitários. Essas coisas das quais eu não me arrependo nem um pouquinho, talvez por ter construído essa ideia de lenda, de qualquer forma, me agradou ouvir aquilo.

#9

Li quase tudo que encontrei do que Maria Oly escreveu na época do Nat. Teve um tempo, durante essa pesquisa, que o nome dela conduzia tudo o que eu procurava para me ajudar a escrever. Maria Oly no *google*, Maria Oly em banco de dados, no meio dos textos, era mais fácil achar os trabalhos vinculados ao Nat a partir do nome dela. Na biblioteca, eu pegava aquela seção sobre educação e ia atrás do “O”, e

achava o nome da professora “infame”³⁴ no meio de outros tantos com mais fama. Uma vez eu entrei em um sebo e, meio sem pretensão nenhuma, passei por aqueles livros de educação que um dia já foram de alguma forma a novidade. Eis que na segunda prateleira, de baixo para cima, no meio de tantos títulos, puxo um qualquer, com lombada preta e azul, fino, daqueles de “passar sem ver”, era o *A escola e o discurso pedagógico*³⁵. Acho que por um tempo eu fiquei com o olho acostumado a catar o nome dela pelos cantos, ou com ela presa no olho, tipo cisco, daqueles que incomoda e não sai com sopro.

10

Vou dizer como eu fiz em um concurso pra professor titular no ano de 1993. Foi realmente um escrito coletivo. Naquela época, tinha três grupos. Os velhos, já professores universitários, na base de 45 anos. Um grupo do meio, gente com uma certa idade, e o grupo dos pequenos, que eram o Nat, outro grupo de Blumenau, Brusque, mas o que era mais significativo de tudo isso, sem dúvida, eram as oficinas. Já naquela época, em 93, o Moca estava desenvolvendo um trabalho sobre etnobotânica³⁶ fantástico, o Chico³⁷, com números, etnomatemática, a Ana trabalhando, o Gui estava junto com Che³⁸ com fotografia, a Rita, com papel. Trabalhos que tinham um potencial incrível. Em primeiro

³⁴ “PEY, Maria Oly. Constatações de uma professora infame. In: PEY (2000)

³⁵ PEY; Maria Oly. *A Escola e o Discurso Pedagógico*. São Paulo: Cortez, 1988.

³⁶ HAVERNOTH, Moacir. Oficina de etnobotânica. In: SIEBERT (1996).

³⁷ Francisco Mattos Schreiber com oficina de etnomatemática.

³⁸ Ademilde Silveira Sartori é graduada em Física (1987), mestre em Educação (1993) pela UFSC, e doutora em Ciências da Comunicação (2005) pela USP. É Professora Titular do Departamento de Pedagogia da UDESC, e sócia fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação, coordena o Laboratório de Mídias e Práticas Educativas - LAMPE/FAED/UDESC. Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação e educação, educomunicação, mídia e educação, ecossistemas comunicativos.

lugar, ao trabalhar com as pessoas, a primeira quebra, é as pessoas se darem conta de que não sabem nada sobre aquele assunto. Quando as perguntas que são feitas não remetem a coisas repetitivas de livros, mas ao aqui e agora da coisa funcionando, da coisa sendo trabalhada na mão, do papel sendo feito, da fotografia, do instrumento sendo construído, e aquelas pessoas pensavam que já sabiam leis da física vinculadas a luz, elas já sabiam, mas não sabiam aplicar nada. A primeira coisa é essa, o vazio do conhecimento quando esse conhecimento deixa de ser mentefato e passa a ser artefato, passa ser coisa feita, pensada e feita, feita e pensada, isso é a primeira coisa que acontece, e que eu acho fantástica. A possibilidade que as pessoas têm de se darem conta de que o conhecimento acadêmico é desconhecimento puro, é casca, esqueleto de conhecimento, não é conhecimento. A primeira coisa é ter uma ideia rudimentar do que possa ser conhecimento a respeito de uma determinada coisa, já é um princípio e tanto. Tem gente que nasce, morre, é doutorada e não se dá conta disso. Já é um princípio e tanto. Daí a chance mesmo da coisa ser levada a sério, de aprender; aprender fazendo, discutindo, se relacionando; aprender de uma forma muito integrada, misturada com tudo e com a própria personalidade de quem aprende e/ou ensina, e que naquele momento está como ensinante e aprendente.

11

Como eu valorizava mais as oficinas, comecei a escrever umas coisinhas. Comecei a descrever as oficinas, dizendo que era isso que a gente fazia, isso que eu podia falar. Podia falar de alguma coisa, preferia não falar sobre alguma coisa, mas de alguma coisa, e descrevi. Claro que tinham aqueles que eram mais teóricos. No caso da Irece³⁹, ela recheou o meu trabalho. Eu pedi, “escreve aí algumas coisas de Foucault”, e ela “Oly não vai grudar”. Digo “gruda”. A Neiva⁴⁰

³⁹ Irecê Rego Beltrão, autora do *Corpos Dóceis, Mentos Vazias, Corações Frios*. BELTRÃO, Irecê Rego. *Corpos doces, mentes vazias, corações frios: didática: o discurso científico do disciplinamento*. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

⁴⁰ Neiva Beron Kassik integrante do Nat.

revisou a parte de português, o Elvio⁴¹ imprimiu em uma espécie de livrinho o tal percurso das oficinas do Nat. E tudo isso foi o meu concurso de titular. O meu currículo não é grandes coisas, até porque eu nunca juntei. Pra fazer o concurso de titular, eu tinha que apresentar. Tu sabes como foi juntado o meu currículo? O Gui foi pra Pelotas, minha cidade natal, juntar documentação, não tinha, eu não tenho currículo Lattes, com muito prazer. Eu botei no lixo, a Raquel⁴² tirou. Acontece que eu nunca liguei, nunca. É com muito orgulho que eu digo. Eu dou de cem a zero em qualquer idiota como aqueles doutores que têm na universidade. Eu não tenho currículo lattes, eu sou uma lenda, lenda não tem currículo lattes. Lenda não é coerente. Eu não sou igual aos demais, com muito orgulho.

12

Quem era essa professora que abriu um espaço, moveu muitas coisas, brigou e riu muito dentro de uma universidade, depois sumiu para se entocar em uma casa que fica na curva de uma estrada, na subida, onde não se sabe onde vai dar? Para mim, ela foi apenas um nome por muito tempo, uma lembrança evocada por outros, uma citação em muitos casos. Não era a primeira vez que ela me falava coisas, já havia lido, por conta do trabalho, uma porção de textos que ela escreveu, mas só agora, depois da entrevista, é que eles tinham adquirido a entonação de voz. Meu intento era que, ao conhecê-la, eu entendesse um pouco mais sobre um modo de ser, um modo dela de ser, e ouvisse coisas que não estão nos textos do Nat. Ela, que abriu para que isso tudo fosse acontecendo, e que eu só sabia que tinha saído de um canto do Rio Grande do Sul, que tinha sido orientada no doutorado pelo Paulo Freire, e que depois tinha vindo parar em Florianópolis como professora do Centro de Educação. Outras informações estavam por ali, espalhadas pelos textos do Nat, e na vida de algumas pessoas que, vira e mexe, ela citava os nomes durante a entrevista. Ela não tinha lattes, nem resumo, nem rol de apresentações

⁴¹ Elvio José Bornhausen

⁴², Raquel Stela de Sá Siebert membro do Nat

de trabalho, nem montanhas de livros escritos, nem um milhão de títulos, não tinha publicações em qualquer letra que seja, nada naquela plataforma, que agora, por conta de uma pretensão e uma estrutura acadêmica qualquer, eu me esmerava em alimentar, não tinha nada que eu pudesse usar para fazer um daqueles resumos que se faz geralmente quando alguém importante vai falar algo na academia. Se eu a procurasse ali, ela não estaria. Não tinha nada ali que eu pudesse usar para fazer um bloco sobre a trajetória acadêmica da Maria Oly, tentando dar conta de quem ela é e de sua importância para Educação... Depois da entrevista, já tomando um café, ela falou sobre seu tempo na Unicamp, já com quase 30 e poucos anos, entre 1970 e 80, falou das aulas cheias, as aulas com pessoas que tinham recém-voltado do exílio, desse choque, de um ou outro “causo”. Falava de seu tempo, outro tempo, das coisas que mudaram, das que permaneciam as mesmas, dela como está hoje, mas não gravei. Uma coisa que fiquei pensando, depois de ler algumas vezes, era que ela tinha vivido tudo isso, que suas críticas não se separavam de seu modo de ser. Ela estava ali, imiscuída naquele meio, em suas implicações, desdobramentos, consequências, por isso acho que fiquei com essa impressão, que tinha algo muito pessoal no que ela falava, que toda essa história do Nat estava tão misturada com a sua vida que, ao contar um tanto de uma, outra se revelava um pouco.

13

ANA – eu lembro que na época em que tu fizeste esse documento, tu montaste a mesona no Nat e perguntou “O que tu faz na tua oficina? Como que ela começou, o que é que tu usa?” Pra fazer a descrição e fazer a relação com aqueles três pilares que eram super fortes na oficina, lembra? Quebra das hierarquias dos saberes, das instituições, Liberdade, dialogicidade, saber não disciplinar. MARIA OLY - *Tanto nas reações como na organização do conhecimento, tinha esses pilares. Mas não foi porque o Foucault disse, o Paulo Freire, não foi porque eles disseram, foi porque efetivamente isso a gente estava construindo.* ANA – Porque esses pilares não eram ponto de partida. Então a gente tem esses pilares e agora vamos montar uma oficina considerando esses pilares. Não. Eles foram ponto de chegada, foi onde o trabalho chegou

sozinho. E chega nos autores, “acho que o Foucault da conta disso”, agora nós vamos para ele. Depois foram os anarquistas. Não era eu que concordava com o Foucault, era ele que concordava comigo. Cabia ali. Os autores que eram trabalhados naquele momento eram autores que o próprio trabalho pedia. O metabolismo do trabalho que encaminhava para a educação libertaria, a etnomatemática, literatura. RAONI – Isso daí é bem óbvio também, quanto tu reflete sobre reprodução e criação. Se tu parte do autor, você tá mais preocupado em reproduzir, algum sentimento de reverência, e quando você quer criar aí... MARIA OLY - *Não é que eu considere um ato de criação, esse ato de criação objetivo, não, o objetivo é obter conhecimento, é conhecer, satisfazer o interesse, uma curiosidade. Fundamentalmente, o objetivo conhecer. Não é uma ato de prazer da criação, não, não é isso. É conhecer, satisfazer um interesse específico sobre uma temática, uma questão, pergunta, responder uma pergunta, responder mesmo, com seus próprios artefatos. Daí muda. Um processo que se dá na escola com muita dificuldade, e fora, com mais facilidade. Claro, a escola e a universidade limitam isso, você tem que quebrar muita coisa, mas também fora vai quebrar um monte de coisas.*

14

Eu me lembro de uma oficinazinha que eu fiz uma vez em Brusque com um grupo de professores, da Gicele⁴³ lá. Comecei perguntando pra eles o que sabiam sobre história da educação, da escola. Pra início de conversa, eles não separavam história da educação e história da escola, como era de se esperar. Daí eles foram contando umas coisas sobre educação, como educação não sei aonde. Tá, eu digo, “bom, esse pessoal tá sabendo”. Tinha trazido várias de coisinhas, papelão,

⁴³ Gicele Maria Cervi é graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (1988), mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (1998) e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Atualmente é professora do quadro da Universidade Regional de Blumenau e Professora do Mestrado em Educação - PPGE-FURB. Coordena o Grupo de Pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade

caneta, tesoura, cola, livro, filme. Daí distribuimos quem entende mais de educação de Roma, brasileira... Falei “montem aí um espaço de educação, façam um projeto arquitetônico, de um espaço de educação de Roma, na Idade Média, uma escola pública moderna, privada”. Aí a coisa ficou preta. Para armar o projeto arquitetônico, tinham que fazer uma planta, uma maquete bem montada, eles levaram um dia. Curioso que, diante do não saber, não conseguir fazer o negócio, eles foram buscar livros, tanta coisa. E eu tinha uns filmes que oferecem alguma informação inicial. Eles acabaram fazendo, depois de lágrimas, suor e desespero. E era também uma coisa de “porra! a gente não é capaz de fazer uma coisa dessas? Já que a gente diz que sabe, não é capaz? Nós ensinamos isso, história da educação...” E foi. À medida que as coisas iam acontecendo, a gente ia conversando, discutindo, questionando os porquês de determinada coisa. Cada grupo conseguia chegar a uma aproximação mais ou menos fidedigna. Mas foi legal, fundamentalmente por essa possibilidade de perceber que no momento em que se tem que fazer e viver, se sabe muito pouco, e fazer avançar o conhecimento sobre alguma coisa passa pela experiência, pelo fazer, pelo viver, não tem outra forma. No final das, sei lá uma semana, a gente já conseguia saber mais um pouco sobre a história da escolarização. Como isso foi se modificando, em função do que, o que isso representava atualmente na nossa vida vivida, na imagem que nós tínhamos da escola; depois de ter vivido nela, depois de muito tempo, imagem que a gente tem começava a se refazer de todo um significado de escola. Me parece que ali a gente conseguiu avançar um pouquinho o conhecimento. E as pessoas não esqueceram, porque volta e meia eles falam sobre isso. ANA - Não é que volta e meia a gente fala, é que eu só vivo isso até hoje, não sei começar de outro jeito. [...] “Depois de um certo momento, não tem como voltar” ANA - Eu digo isso na minha entrevista. É impossível voltar atrás.

15

Se eu pudesse voltar atrás, não sei, mudaria tanta coisa, tanta coisa. Muitos caminhos eu poderia tomar para falar dessa entrevista. As críticas, os modos, as quebras, as barreiras, os “pilares da oficina”, a

coisa com a escola. Tudo isso eu poderia tomar para tecer comentários a respeito de como isso aparece nas falas de outros que eu entrevistei, ou como isso se manifesta nesse trabalho. Mas elas não são as minhas críticas, não apareceram no metabolismo desse trabalho, não surgiram do encontro dele com os limites, a estrutura e tudo que o impedia de alguma forma de acontecer. Não que eu não as tenha, mas, para mim, isso se mostrou de um modo diferente. Poderia falar sobre meus incômodos com a estrutura, a forma de organizar e expor o pensamento em forma de escrita, a falta de algo prático, o distanciamento disso com ser professor e dar aulas, a crítica aos professores como se fossem entidades abstratas etc. Isso me incomodava. Claro, isso não é geral, às vezes é velado, às vezes é tratado com tanta naturalidade que parece que há somente isso e nada mais. É assim que se faz uma pesquisa, que se organiza um texto, que se expõe uma argumentação, assim se escreve, assim se pública. Há sempre normas e padrões para manter normas e padrões, mas, apesar disso, esse trabalho foi possível.

16

ANA – Na real, quando a gente lê aquele textão do Gui, não tem como não perguntar quem é a Maria Oly. Daí, quando o Danilo foi estudar isso, chegou uma hora em que ele queria conhecer essa pessoa que abriu esse espaço pra que isso pudesse acontecer. Tem um pouco disso né, Danilo? Que espaço foi esse que se abriu, que fez com que essas pessoas se reunissem e inventassem uma coisa que elas chamam de oficina? Que o tempo inteiro elas fazem questão de dizer, a nossa oficina é a nossa oficina. A oficina não é um termo que a gente cunhou para dizer, para explicar uma questão teórica. Não era isso. Era muito mais que isso. OLY – *A oficina não era uma alegoria, não era método de ensino, uma pratica recreativa, pra nós. Agora, muita gente bonita se utiliza daquilo que a gente, com muita dificuldade, muito esforço, troca, conversa entre nós, briga, desgosto. No meio disso, muita gente tem se valido para fazer uma coisa que não tem nada a ver com aquilo que a gente cuidou tanto, levou muito a sério.* ANA – Abria-se um espaço, criava-se uma coisa diferente... uns ficam só com aquilo e outros sempre iam adiante. A Maria Oly se doava muito. A casa dela era oficina, a sala 12 era

oficina, o Nat era oficina, a vida dela era oficina. A vida da Maria Oly era aquilo, sempre uma oficina.

17

A minha vida foi e continua sendo experimento. Eu tenho uma vida notável. Não tenho interesse nenhum em tecer uma fala sobre minha biografia. Eu estou com 67 anos cronológicos, o que não significa que minha cabeça tenha 67 anos, duvido. Que o meu corpo tenha 67, “duvideodó”. Há algumas discrepâncias físicas acontecendo por causa dos maus tratos eventuais, eu não me sinto com 67 anos. E a minha vida, toda ela, foi experimento, toda ela foi estranha, continua sendo. Eu continuo fazendo oficina com a minha vida. Embora eu esteja aqui aparentemente reclusa, e de certa forma estou, nesse buraco aqui. Calada, mais do que falando, porque eu sempre fui muito de falar, mas, hoje, com exceção dessa situação, hoje mais calada que falante. Acho que também é difícil uma pessoa que não está disposta a fazer da sua vida um experimento, uma oficina em última análise, é difícil saber lidar com isso na hora de trabalhar um aspecto da vida. Você tá trabalhando, você tá fazendo aquilo, tá na busca de um interesse, e a busca que você faz é, tem que ser, uma coisa muito própria, muito particular, inédita. Não é a busca que todo mundo busca, o jeito que todo mundo busca, porque se, na tua própria vida, tu buscares as coisas e as pessoas do jeito que todo mundo busca, acho difícil no trabalho ser diferente. Por exemplo, vocês sempre foram, e eu sempre vi aqueles que realmente entraram fundo; vocês foram diferentes, realmente, na própria vida.

18

Quem consegue dar conta dessas quebras institucionais, de uma maneira ou de outra, não quer dizer que tenha que repetir aquilo que fiz do jeito que eu fiz, não. Cada um quebra a seu modo, e dentro do seu tempo, nas suas circunstâncias. Cada um tem uma forma diferenciada, mas quebra. Não é a minha forma, é sua forma. Quem é capaz de quebrar barreiras institucionais não é um sujeito comum, sujeito de vida comum, é um sujeito que se arrisca, se joga, as pessoas em geral

não se arriscam, não arriscam nada... Que foi Ana, quer usar minha rede?... ANA- Não, não, quero tomar café. MARIA OLY – Tá, então vamos. ANA- Se deixar a Maria Oly vai até a noite. MARIA OLY - Pois é, não me façam perguntas meus caros, eu ocupo o espaço.

#19

Havia ali algo que ecoava, reverbera de um passado, algo que permeava aquela história de oficinas, do grupo, de um núcleo, contada de diferentes formas pelo fazer de cada um, e com a qual se tem contato através do registro escrito imutável, que premasse. Mas também era algo nunca completo, cujo detalhe escapava, que tinha mais relação com aquilo que lhe faltava, o não contado, com sua potência, do que sua possibilidade de elucidação. Por muito tempo o nome de Maria Oly foi algo que pairava vez ou outra em tudo aquilo, aparecia nos textos, nos relatos, nas dedicatórias, nos comentários. Uma lenda, uma personagem, daquelas que mudam quando contadas, daquelas que os detalhes se misturam nas diversas narrativas, e que não se sabe se é real ou se são usadas como mote, fio condutor de diversas histórias. Nada daquilo era verdade, sua potência estava na ficção que aparentava ter, como algo que nunca se deixa capturar, que é e não é. Por um tempo chegou a ser, por mim, tida como sinônimo de um modo de fazer, algo que seria passível de se ensinar. Mas ela estava ali, dizendo que nada ela inventou, que aquilo foi feito a muito custo, a muitas tentativas, muito empenho, muita briga, e principalmente, feito por pessoas, e por isso, encarnados em cada um. Cada um manifestava muito de si no seu fazer, e por isso aquilo, de fazer oficina, agarrava na vida, era inseparável dela. Não era só um modo de fazer, de ensinar, de estar com o outro, era também de viver, de estar no mundo, de se descobrir, de quebrar, de ir ao limite e tencioná-lo (em nós e nas coisas) viver de outro modo, atingir um ponto sem volta. Por isso também era algo que machucava, que era doloroso, custoso, pois a gente sempre está em relação com aquilo, mesmo depois que acaba, muito tempo depois que acaba, isso ainda continua lá, acaba como prática, mas fica no corpo. Mais que um tema a ser trabalho, a oficina coloca muito de nós em jogo, a tal ponto que dela não se deseja mais nada, pois já se dissolveu em nós, e segue

pelo o pulso da veia, vermelho rubro feito sangue.



**DA OFICINA, DO OFÍCIO, DO
OFICINEIRO**

Uma entrevista com ele era praticamente inevitável. Seu texto tinha sido o primeiro texto, e meu primeiro contato material com tudo isso, que deu origem a essas coisas de *oficinar*. Poderia ter escolhido outro caminho, sem dúvida, outros modos de começar, mas teimei no tal *textão* menos por qualquer tipo de reverência (não se trata de gostar ou não, não é um texto de se indicar para qualquer um) e mais por ter tomado dele algo que não sei precisar muito bem em que lugar está, se é algo escrito pontualmente ou algo que emana de todo conjunto, difícil precisar quando a escrita acompanha um processo e o fazer se apresenta aos poucos. Teimei no tal texto e tudo que fiz até então foi girar em torno dele e da palavra oficina. Por isso, uma entrevista com ele seria inevitável. Não o fiz. Os motivos foram diversos: Falta de tempo, desencontros.... Queria ouvir o que ele falaria sobre o que escreveu, queria que comentasse coisas, que não estava nos textos, algo que talvez ele não tenha escrito, algo inédito, sei lá, daria uma encorpada no trabalho e seria um bom final. No meio disso tudo, descobri, porque me falaram, que ele era um cara difícil de encontrar, analógico, de pouca e contundente escrita, quase uma ficção. Já que ele cruzava de uma forma ou de outra todas as pessoas que eu entrevistei, decidi, por sugestão, inventar uma espécie de entrevista, para ajudar a dar um início a esse fim. Para isso, uso deliberadamente alguns trechos de sua fala durante a qualificação desse trabalho, no final de 2016, e alguns trechos do tal texto. Divido esse capítulo seguindo cada uma das três palavras que compõem esse trabalho, três eixos: oficina, ofício e oficineiro.

DA OFICINA

Fazer uma dissertação funcionar como oficina.

Juntar falar de algo e fazer algo; trabalhar essa inseparabilidade; apresentar o funcionamento dela no modo como se estrutura e pensa o trabalho; escrita como oficina; realizar uma oficina na escrita; mostrar desdobramentos da ideia fazendo um desdobramento.

1

Procurei em muitos cantos. No meio das frases, na margem do texto, citado, no *google*, nas prateleiras, dentro, na lombada, na capa ou contracapa de livros, no meio das falas, incrustado nas histórias. Aqui e ali isso aparecia. De muitas maneiras se fazia presente sem estar. Era um texto dentro de uma caixa, um nome, algo que usei para compor, para escrever, alguém que incutiu uma ideia de oficina em algumas pessoas por simplesmente falar sobre seus processos, e sumiu. Era o autor de uma ideia, alguém que fez um convite, alguém que não fez nada para salvar, que não propôs algo comum, que tem um estilo próprio, sofisticado, que diz, que cria, que faz, que arrasta, que é professor, que fez pergunta, que puxava de volta, que foi um tisco, que ia no lugar, que tinha um textão, que levou a sério, que não reproduz a vida, bicho diferenciado, que quebra de marreta, afirmava um jeito de pensar e fazer, que diz que a oficina se desmancha, que tinha alguns textos que alguém usou, e que estava por ali, habitando esse espaço inserto entre tantas coisas.

2

Daí eu penso que, se a tua questão é mostrar os desdobramentos da oficina, que isso é muito importante, e eu tenho muito interesse em ver isso, não tem como tu fazer isso sem ter que apresentar primeiro o que é oficina, né. [...]A pesquisa isso, tu tens que pegar o problema de pesquisa... tem a história desse negócio, e a minha história desse negócio. Pra ti essa história tem uma relação forte com esse meu texto.

É bem verdade, depois muito tempo tentando descobrir minha questão de pesquisa, inventei que queria ver os desdobramentos da oficina a partir de um texto. Por um tempo isso funcionou como mote, e tudo que fiz foi tentar verificar onde isso se encontrava (as entrevistas são um pouco disso). Mas isso era engodo, na verdade isso não era uma questão (com a força vital que uma questão provoca em você). Talvez fosse uma desculpa para não admitir que nunca tive uma questão clara na vida,

nada que pegasse mesmo. Questão não é algo que se possa predeterminar, é algo que é fabricado. Um modo coerente de se começar uma pesquisa seria ter formulado uma questão e, a partir dela, fazer uma justificativa, objetivos, metodologia para alcançar tal ponto ou para fazê-la funcionar, ou para comprová-la, sei lá. Não é esse o caso aqui. Posso dizer que todo esse trabalho foi para achar uma questão, fazer surgir uma questão no processo.

3

Uma hora você diz que a oficina é uma ideia difícil de representar, não é uma ideia. É uma ideia num certo sentido, um pensamento que aparece como ideia, ele mobiliza o corpo, a atmosfera que tá no corpo e as relações, nesse sentido é. Mas tem uma coisa assim, porque a gente escolheu esse nome: oficina. Esse nome absolutamente precário. A gente nunca disse oficina de alguma coisa, esses qualificativos a gente nunca usou. E a gente sabe que a oficina não é uma palavra da qual a gente possa exigir propriedade, ela serve para qualquer coisa. A gente fica aí, nesse plano da oficina que é... Então você não precisa representar isso, só precisa apresentar os funcionamentos das coisas. E aquela dica que eu dei hoje, sobre os pontos que se bifurcam, é que vai permitir você construir um mapa da história dela, da tua oficina e dos mapas da sua oficina.

4

Um pensamento que aparece como ideia, mobiliza o corpo inteiro, toda uma atmosfera, algo que se bifurca. É bem verdade que quando falaste essa frase “oficina não é uma ideia...”, eu fiquei me perguntando onde será que eu tinha dito aquilo? Daí eu fiquei meio nervoso, achando que teria que falar sobre isso, sendo que eu não fazia a menor ideia de onde e porque eu tinha escrito isso aqui. Anotei em um papel repetidas vezes: a oficina não é uma ideia, a oficina não é uma ideia, a oficina não é uma ideia. Tudo que veio depois disso eu nem prestei atenção. Para mim, até aquele momento, a oficina era uma ideia, uma ideia que eu persegui, e

não tinha feito outra coisa até então se não girar em torno de muitas ideias de oficina. Claro, representar não era a palavra. Queria era mostrar isso, essas muitas coisas que a oficina pode ser, que eu encontrei, que eu pensei, ouvi ou li em algum lugar. Ela tem a ver com muitas coisas, pode ser muitas coisas, ter vários usos, várias vertentes ou denominações... Só depois é que eu fui ouvir o resto dessa fala, e, creio, foi meio isso que eu tentei fazer nesse trabalho. Para insistir nisso, vou fazer aqui mais um pouco. Vou partir das minhas anotações, dos meus rabiscos, dos meus garranchos, para tentar pensar aqui esse *plano da oficina que é*.

5

Tinha vindo de um texto dentro de uma caixa, tinha tido muitos nomes atrelados a ela, algo que usei para compor, para escrever, para fazer coisas, encontros. Havia sido muitas coisas, ferramenta, ideia, espaço, intervalo, suspensão, lugar, prática de liberdade, metodologia, renovação pedagógica, de ensino etc. Tinha tido muitos temas, sexualidade, sabão, pão, fotografia, bonecos, o corpo, a experiência, cartografia, futebol, intervenção e papel Tinha ido para muitos lugares, escola, presídio, rua. Ela era isso, estava ali, habitando esse espaço inserto entre tantas coisas.

6

Estava em quase todo lugar. Onde quer que ela aparecesse, eu ia atrás Teve um momento em que não sei se ela me procurava ou se era eu quem a procurava. Foi assim durante esses anos de mestrado: uma procura, e procurei em muitos cantos (em textos, em filmes, em falas, em placas etc.). Só de ver ou ouvir sobre ela, em qualquer circunstância, em qualquer contexto, de qualquer forma, eu registrava de alguma maneira. E isso servia para ela ser fazer presente. Tinha vezes que eu parava o que estava fazendo só porque alguém proferiu a palavra sem querer. Achei tantas por aí quanto foi possível. Daquelas que arrumam coisas (mecânica, de costura), das que são formas variadas de trabalhar em Educação (pedagógica, de ensino, aula-oficina, como modalidade,

como modo, como prática, metodologia, taller etc.), daquelas vinculadas a algo prático ou pronto (workshops, cursos, vivências, formações etc.); qualquer coisa que eu achasse que tinha a ver com o que eu pensava sobre ela, eu recolhia. Como ela aparecia em quase todo canto, para organizar, meu primeiro movimento foi tentar estabelecer semelhanças. A maneira como se pensa, as formas de contar e organizar, os contextos, as referências, as críticas ou discursos. Tudo para saber onde estava metida essa coisa que um grupo fez há mais de 20 anos, e que sobrou não mais que alguns livros e um modo de fazer e de viver que um ou outro teimou em persistir fazendo, pensando, vivendo. Mas agrupar, por mais que tenha me possibilitado ver onde essas coisas se encontram, me fez tentar achar razões de eu insistir em falar de um grupo, e não de outro. De persistir em uma certa “ideia” e não em outra. Claro, isso tinha a ver com o tal texto, com o contato com a Ana, mas tinha ainda outra coisa que me fazia permanecer. Eu podia ter seguido outro rumo, e até pensei nisso muitas vezes, mas insisti, sem saber a razão Assim, fui verificar aquilo que dela se destacava, que diferenciava as oficinas do Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) das demais formas de pensar e fazer. Mas o que elas eram no Nat? Com essa pergunta na cabeça fui atrás de respondê-la através dos textos que eles escreveram. Em alguns, ela é objeto, tema do qual se escreve⁴⁴, em outros ela se faz presente um pouco, mas tem alguns em que isso não tem resposta, em que ela tinha sido tantas coisas, agregado tanto, que qualquer sentença que pretendesse defini-la parecia inacabada e parcial. Se eu pegasse algo do começo, uma frase em que se pretendesse definir o que ela era, 4 ou 5 páginas a frente, ela já era outra coisa. Nesses, ela era fugidia. Nem um “é”, nem um “pode”, sequer um “considerada como”. Acho que o nome era o que menos importava naquilo tudo.

⁴⁴ “Oficina como modalidade Educativa” (PEY, 1997)

~~Oficina~~
~~que~~
Oficina
é o que é
ou o que pode
mas o
que
mobiliza ?

Oficina não é o que é ou o que pode, mas o que mobiliza?
Canto de um caderno, não sei o ano.

7

Indo atrás dela nos textos do Nat, eu poderia dizer que oficina passaria por: Mostra[r] a importância do saber-fazer de cada um na sua experiência educativa (Corrêa, ano, p.42). Modalidade educativa centrada na autoformação (p.5). Práticas em educação não restritas e não direcionadas à escolarização (p.6). Modalidade de trabalho em educação. (p.6). Novos territórios em educação. Circulação de saberes. Uma ferramenta. Abrir oportunidades que os cursos de licenciatura não ofereciam. (p.43). Uma oportunidade para as pessoas dizerem, cada uma, a sua palavra em relação ao que estavam fazendo (p. 44-45); Oportuniza (todavia não garante) a quebra dessas hierarquias e mostra, claramente, como a quebra da hierarquia burocrática e a da hierarquia do conhecimento é simultânea e indissociável. (p. 49); Campo autônomo de pesquisa em educação (p. 49); Não justifica-se senão como satisfação de uma necessidade de quem a propõe (p. 51); Conjunto de ações em educação possíveis fora do âmbito da escolarização, do disciplinamento escolar (p. 59); Estratégias em educação que podem orientar práticas de resistência à ação de alguns dispositivos. (p. 62); Evolui como que para a sua desmaterialização (p. 73); Possibilidade de desprendimento da escola, ou melhor, da escolarização, com seus artifícios, seus jogos de luz e de sombra, suas demarcações de caminhos e de saberes permitidos e seus especialistas condutores das massas (p. 105); Busca de modos de conhecer que não provoquem a negação total do que um indivíduo sabe. Modalidade de trabalho educativo, cunhada no próprio fazer pedagógico. Modalidade enriquecedora do ato educativo. Práticas de educação organizacional autogerida, de democracia direta, de educação dialógica. Práticas vivenciais que desmitificam o conteúdo curricular disciplinar, enquanto trabalho do pensamento. Práticas educacionais que possibilitam repensar a distinção entre ciência e saber, a relação instituído - instituinte, poder-saber e saber-poder (Pey, 1997, p. 49-51). Lugar privilegiado para a produção do novo, para a manifestação da diferença e da singularidade. (Kassick, 1992, p. 194). Modalidade educativa em movimento (Sartori, 1993).

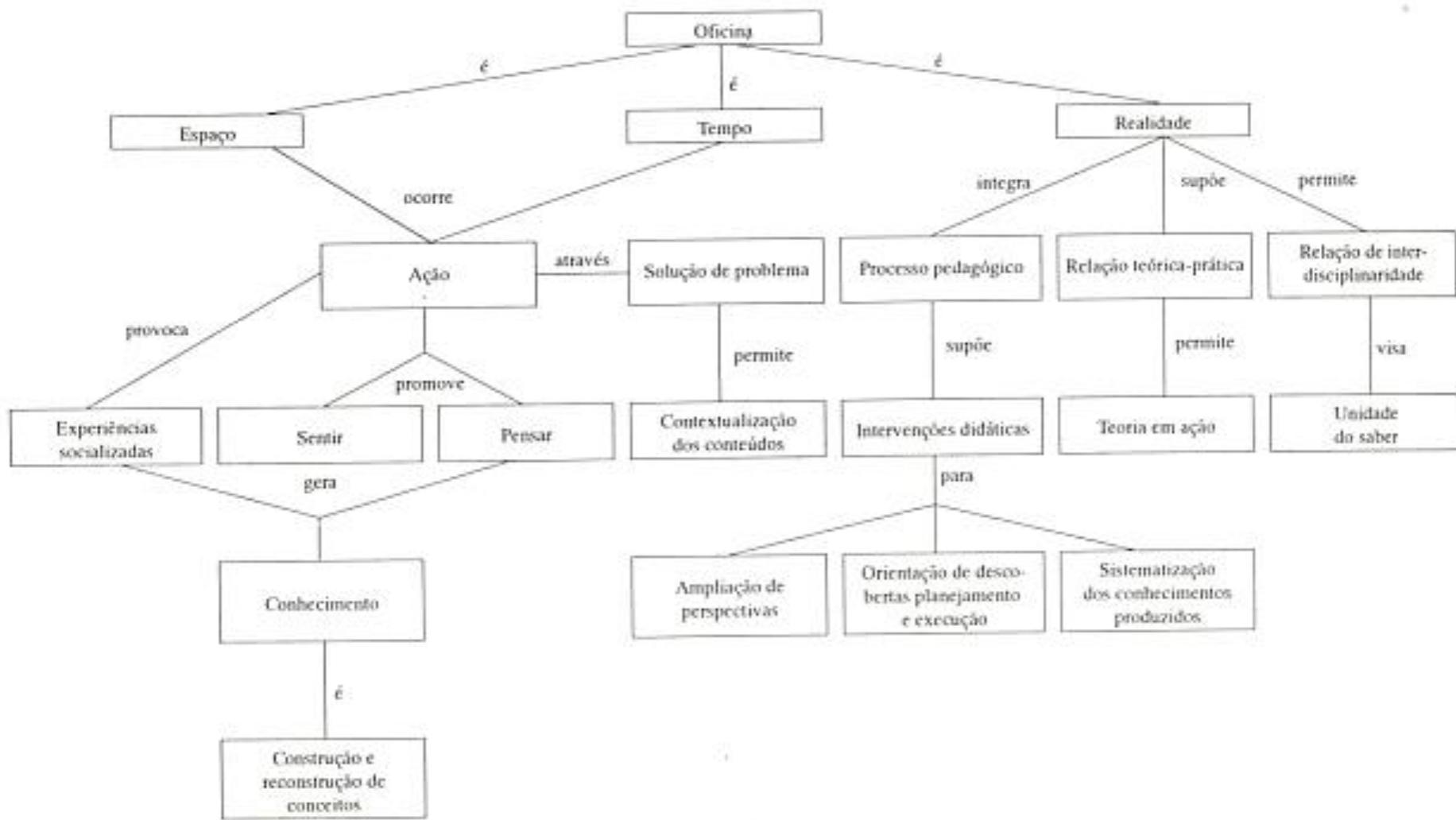
8

Experiência educativa; modalidade educativa; prática em educação; novo território; circulação de saberes; ferramenta; campo autônomo de pesquisa; conjunto de ações, estratégia; lugar privilegiado; um fazer; estratégia de fuga; metodologia horizontal; espaço fictício; grande viagem....Abre possibilidades; oportunidades para dizer; quebra hierarquias; evolui para desmaterialização; possibilidade de desprendimento; modalidade de trabalho educativo; lida com a coisa do inútil; aproxima e limpa o olho; chega a uma textura; ferramenta importante; acontece numa borda; é carnal; cria relações; testa limites; não é um kit; transforma alguém minimamente; justifica bem; propõem exercícios para instigar a falar; chega a uma textura; trabalha com o que não serve mais; tinha um planejamento; bem rígida; não cabia no formato escola; cria aula a partir do que gosta; busca material; se adapta; constrói coletivamente; de grafite; testa limites; tem as manhas de fazer; fazer funcionar como; pode ser qualquer coisa; algo que você quer saber; acontece numa borda; produz problema; tem modelão; um estilo; ninguém controla; vai elaborando uma questão; estrutura uma oficina; tinha uma questão; te coloca em situação de aprendiz; cada um tem seu ritmo; joga para dentro; olha para; coisa pequena; pode ser de tudo; não tem delimitação; no presídio; é algo que você quer; funciona; acontece; produz problema; você que cria; te coloca; repercute; proporciona; imerge; começa; surge; produz; termo; ajuda; adapta; constrói coletivamente; age ou não age; se chega.

9

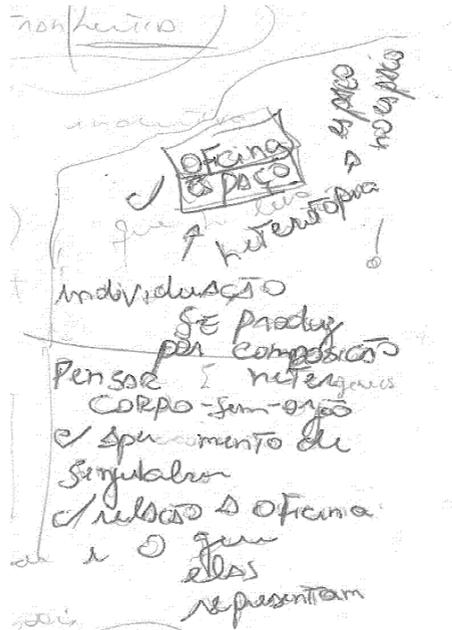
Ander-Egg (1991, p.10) coloca que a oficina é um local onde se trabalha, se elabora algo para ser utilizado (...) “uma forma de ensinar e aprender mediante a realização de algo, que se faz conjuntamente. Um aprender fazendo em grupo”, e que, como modalidade de ação, ela possui alguns princípios (aprender fazendo, metodologia participativa, pedagogia da pergunta, trabalho interdisciplinar, uma tarefa comum, caráter globalizante da prática pedagógica, trabalho grupal, permite integração docência, investigação e prática), e uma forma de

organização que depende da circunstância, do local, do grupo etc. Já Cuberes (1989, p.3) a caracteriza como tempo e espaço para aprendizagem, processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto, que nos aproximam, progressivamente do objeto a conhecer, como forma dinâmica de aprendizado. Vieira (2002) coloca, entre outras coisas, que a oficina se caracteriza como uma realidade que integra três instancias do saber (pensar, agir, sentir), ou ainda, o processo pedagógico, o qual supõem intervenções didáticas; a reflexão teoria-prática permitindo pôr a teoria em ação, a relação de interdisciplinaridade visando a unidade do saber, cujo fio condutor é ação, onde é possível transformar o conhecimento científico em saber de ensino, podendo ser organizada em 3 etapas (contextualização, planificação, reflexão).



Esquema retirado de Viera (2002)

10



Oficina como espaço. Espaço no espaço. Espaço heterotópico. Individualização. Se produz por composição. Pensar. Corpo-sem-órgãos. Anotações de uma aula sobre heterotopia

Isso tinha acontecido repetidas vezes. Quase tudo eu relacionava a oficina. A oficina (a palavra) reverberava na minha cabeça constantemente, de modo que, ao ouvir qualquer coisa que eu minimamente relacionasse a uma forma de pensá-la, em qualquer circunstância, eu anotava em um cantinho, de modo a fazer aproximações (as vezes exageradas é claro). Tinha vezes que eu até substituí uma coisa por outra e ficava imaginando se aquilo, que nada de oficina tinha primeiramente, serviria para falar dela de um outro modo. Fiz Foucault falar sobre ela.

*Todas as culturas formaram oficinas por toda a história;
Oficinas variam em funcionalidade com o passar do tempo e de acordo com a cultura;
Oficinas podem unir múltiplos espaços incompatíveis entre si;
Oficinas podem conectar diferentes períodos;
Oficinas são locais separados da sociedade e com regras limitando a entrada e saída;
Oficinas tem uma função relacionada ao espaço ao redor.*

11



Uma vez eu fiz uma experiência. Era um vídeo para uma disciplina sobre oficina que a Ana Preve deu no mestrado⁴⁵. Acho que o exercício era sobre fazer um vídeo, não mais que três minutos, sobre o apanhado do semestre, que mostrasse um pouco de uma oficina que tínhamos que propor, ou do que fizemos – não me lembro bem, tem que perguntar para ela. Então, eu fiz esse vídeo que mostrava aquilo que, bem humildemente, eu achava que a oficina tinha a ver. Chamei de *Três minutos e onze segundos. Quarenta e cinco vezes.*⁴⁶. Era um plano contínuo. Uma câmera fixa no mesmo nível do chão cinza de cimento que compõe metade do enquadramento, a outra metade se estende até

⁴⁵ “Oficinas: Educação como Prática de Liberdade”, disciplina eletiva ministrado por Ana Maria Preve no Programa de Pós-graduação em Educação FAED-UDESC

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3U3cjWxalXk>

um muro com pisos e alguns vasos, algumas plantas ao fundo. No centro do quadro, surge uma mão que coloca uma colher de madeira. A mão tenta equilibrá-la, dois dedos como uma pinça a seguram, tentam ajeitá-la retilínea e, quando parece estável, ela solta. Por um breve instante, a colher de madeira permanece em equilíbrio, mas por causa do formato, arredondada nas extremidades, ela cai. A mão pega a colher e novamente tenta equilibrá-la, e novamente ela cai, agora para outro lado. E assim mais uma vez, e outra, e mais outra. Três minutos e onze segundos. Quarenta e cinco vezes. Depois que eu assisti o vídeo algumas vezes, fiz uma brincadeira de elencar aquilo que eu achava que dava para pensar sobre oficina e fiz uma lista do “tem a ver com”. Tá incompleta, na verdade ela não tem fim, foi o que eu consegui pensar. Era meio assim:

Tem a ver com fazer alguma coisa. Tem a ver com apresentar alguma coisa. Tem a ver com colocar alguma coisa no meio. Tem a ver com formas, tentar fazer algo com a forma. Tem a ver com trabalhar com as possibilidades da forma. Tem a ver com repetir, teimar, insistir. Tem a ver com certa inutilidade, certa falta de propósito claro. Tem a ver com fazer algo com as mãos, algo manual, com manipular algo. Tem a ver com se aproximar do chão, estar no mesmo nível, olhar desde baixo. Tem a ver com distâncias, proximidades, com coisas pequenas. Tem a ver com coisas que se passam ao mesmo tempo, coisas não previstas. Tem a ver com colocar algo em movimento a partir de um eixo, e não em equilíbrio. Tem a ver com as várias formas ou vários lados para que se cai. Tem a ver com possibilidades. Tem a ver com algumas coisas que fazem ou não sentido depois...

12

05 JUN. 2011

e n' tomolo
o que que ela é

decide o algo que é sempre
fugidia, que não sempre
A se fazer

que o que o alguns e das e
noções que fazer dela o que

06 JUN. 2011

postura política
de fazer funciona

certas coisas, e está obvio

o que elas devem estar

mas também de assumir que
elas se fazem no processo
mas vem antes

Oficina como algo que é sempre fugidia, que
está sempre a se fazer, que opera com
algumas ideias e noções que fazem dela uma
postura político-pedagógica de fazer
funcionar certas coisas, e testar sabendo que
elas darão errado, mas também de assumir
que elas se fazem no processo, não vem antes.

Como máquina de guerra,
como dispositivo, como
intervalo, como suspensão,
como não-lugar, como zona
autônoma temporária (TAZ),
como acontecimento, como
happening, como educação
temática ou por temas, como
formação, como habitat,
como fuga, como modo de
experimentar, de apresentar,
de expor, como encontro,
como distopia, como utopia
... Tantas coisas que
atravessam, esse *plano da
oficina que é*. A oficina
sempre foi essa coisa, ela era
e não era algo. Sempre
fugidia, ela parecia estar mais
no meio disso tudo do que
propriamente ser uma coisa
específica. Não era uma
pergunta a ser respondida, era
algo que eu perseguia, algo
que me perseguia. Não era
um ponto para chegar, mas
um movimento de partir,
sempre partir...

13

Se você perguntar a um peixe o que é o mar, ele dirá: “O mar é isto. O mar é tudo que está ao meu redor. E pronto!”. Mas se você insistir – “Por favor, defina o mar” — então o problema será muito difícil. Tudo o que há de mais belo e sutil na vida pode ser vivenciado, mas dificilmente definido, descrito.

Bhagwan

Fazer uma dissertação funcionar como oficina, escrever como quem faz oficina, pesquisar como quem propõem uma oficina., colocar oficina no centro... Nada disso responde, diretamente, o que era a tal oficina. Rodei, rodei e não respondi. Evitei mesmo formular uma resposta. Não era isso que me movia. A questão era outra. Claro, há diversas definições, formas de fazer, receitas, prescrições... Da para relaciona-la a muitas coisas, inserir tantos conceitos, agregar tantas palavras quanto possível, preencher ela com tudo que se encontra, estabelecer critério para sua definição provisória, fazê-la funcionar para um fim e por aí vai. Pode-se dizer que é um modo de fazer, uma abertura para o que acontece, para o encontro, para as relações que se estabelece, perceber e acompanhar o que acontece quando a gente se coloca a prova quando se tenta chegar ao limite, à quebra, a fuga. Mas não é somente um modo, uma maneira, se não bastasse apenas formular passos, estabelecer o curso e seguir. Mas não há garantias. Ela proporciona muitas coisas, mas não garante que algo funcione. Ela era o próprio meio, sem nome, sem forma, sem definição, onde se está, onde se faz., e por isso se funde com a gente.

Assim, tentei fazer desse trabalho uma forma de mostrar as maneiras, os modos, as rasuras, as engenhocas, os processos, as referências, o

encontro de uma forma de fazer o próprio trabalho de pesquisa funcionar como oficina.

DO OFÍCIO

Apresentar um modo de realizar certo ofício. Criar estratégias de composição; expor os processos que lhe deram forma; experimentar e desenvolver modos, estratégias, práticas, técnicas, ferramentas e uma linguagem (um modo de dizer) pelo e no fazer; educação como prática artesanal; educação como criação; tentar pensar o que faz um educador; Fabricar ou produzir processos artesanais de fazer.

10/3 JUL. 2011

OFICINA

o/po que separa
que singulariza
se relacionado a
divisão de
trabalho

mas sim o/po que junta
que agrega um conjunto
de práticas em torno
04 JUL. 2011 e sobre alguma
coisa
que é comum
que é o material

Conjunto de práticas
relacionadas
de maneira

05 JUL. 2

Práticas
Técnicas
Materiais / material
Ferramentas

Emprego
↳ chome / Ferr-
↳ sabe a forma
↳ sabe o nome
↳ das mãos
↳ das Ferr-
↳ dos objetos
↳ que usa
↳ das Ferramentas
↳ e todo
↳ coisa

Talvez
uma certa
conduta /
ética
em relação
a isso

Relacionado
a
práticas
técnicas
materiais
ferramentas
linguagem

Ofício algo que separa, que singulariza se relacionado a divisão trabalho, mas também algo que junta, que agrega um conjunto de práticas em torno e sobre alguma coisa, que é comum, que é o material. Conjunto de práticas, técnicas, materiais, ferramentas, linguagem (como nomeia, as técnicas, os materiais, os objetos as ferramentas que usa). Talvez uma certa conduta ética em relação a isso. Relação ofício e amadorismo?

14

Quando eu li o título do trabalho eu fiquei vibrando. Essa relação oficina e ofício e oficineiro. No entanto, quando eu fui olhar a coisa do ofício, eu disse não é isso ainda, não interessa tanto aquela coisa do ofício medieval. O que interessa muito mais é o ofício do educador. Separai três personagens sobre os quais a gente pode falar da questão do ofício. Tem o ofício do estudante, do professor, e do educador. Tem o ofício do aluno-professor quando a gente tá nesse registro. Nesse sentido o ofício geralmente é qualificado pelo quanto realiza de tarefa, e ali ele é avaliado. Quando você fala do ofício do estudante-educador, você tá falando de outra coisa, que não é mais o quanto produz tarefa, mas o quanto produz pensamento, movimento de pensamento, em torno de questões vivas. Tá vendo que a palavra ofício funciona muito bem para gente começar a pensar. O que é um ofício? É um saber fazer alguma coisa em determinado campo, dá pra pensar assim.... um ofício é esse modo como a gente usa as ferramentas, mas é um extrato do que a gente faz. A pergunta é, como que a partir do conhecimento do ofício, do saber ofício, eu posso inventar, como eu uso as ferramentas de modo inventivo.... não é questão de novidade, é como vou produzir uma coisa legal, que me satisfaça, que produz afetos bons.

15

Com ofício na cabeça, fui a muitos lugares para saber o que ele era, como falavam dele, em que contextos, como eu poderia aproximá-lo da educação, pensando aquilo que define um professor-educador. Acho que eu já falei isso em outra parte, mas vale repetir aqui. Fui a tanto lugares, juntei tantas pessoas distintas, que às vezes nem concordar concordam, o que importava é que elas falavam de alguma maneira de ofício. Santo ofício, ofício de artesanato, ofício do professor, do mestre, ofício do sociólogo, do historiador, ofício e laboratório, atelier, ofício como prática, ofício medieval, passei por isso e mais um tanto de coisas para descobrir as maneiras como eu poderia usar essa ideia de ofício em algum lugar. Todas me davam pistas, algum trecho em destaque, alguma coisa pra pensar, sempre parciais, não era bem aquilo, faltava algo.

Então, pegando um pouco de cada, eu mesmo fui moldando isso, e cheguei em algo que perpassa esse trabalho: que ofício, aqui, tem a ver com um modo de experimentar e desenvolver, práticas, técnicas e ferramentas para sua realização, uma linguagem que lhe é própria para realizar-se e transmitir-se, singularizando um certo fazer ou aqueles que partilham um fazer característico, que habitam o mundo encarnados nisso. Ofício é um modo de fazer e um modo de vida.

16

Lembrar que esse texto não é sozinho. Se tu olhar para a produção da Ana Prevê tu vai ver que ela produziu desdobramentos incríveis, principalmente em relação ao público da oficina e em relação ao tempo da oficina, mais de 4 anos. A gente sempre foi acusado de fazer alguma coisa muito eventual. A primeira vez em que a gente conseguiu fazer um pouco mais, foi a minha experiência no Stodieck (Colégio Estadual Professor Henrique Stodieck em Florianópolis. Oficina de fotografia no capítulo 2). Agora o que a Ana fez, colocou a prova o conceito, é isso que tem que fazer, ele está sempre à prova. Você tem um conceito, uma dinâmica da oficina. Às vezes a gente pode pensar que aquilo é metodologia, aquilo não é, é uma estratégia. Uma estratégia é: eu, estrategicamente, vou usar essa ferramenta. Pode usar isso para escrever ou para fincar na cabeça de alguém, a estratégia me coloca no centro da ação. E me coloca como utilizador da ferramenta, o fim da ferramenta quem diz sou eu, e a circunstância em que ela é utilizada. A oficina apareceria mais como estratégia. O trabalho do educador é sempre produzir estratégias educacionais. Porque empregar metodologia.... é também, mas eu não me satisfaço.

17

Todas essas ideias vêm de algum lugar. Nada vem do nada ou por acaso. Só fui me dar conta disso quando parei para ver o quanto fui acrescentando coisa para tentar entender como operava uma oficina. Por exemplo, em algum momento eu tive uma ideia que a oficina tinha algo de rodar sobre alguma coisa, circular um tema, uma ideia, tanto faz. E

isso me levou a acrescentar que ela tinha algo de repetir (em parte, pois só o que eu fiz foi repetir minha oficina). Que, por sua vez, fez com que eu tentasse achar onde eu rodava e onde eu repetia. Teve um tempo em que eu achei essa ideia brilhante, que havia vindo do nada, mas a vida é um pouco assim, repetindo hábitos sempre em torno de algo. Habitar uma casa é um pouco isso, achamos lugares para coisas, empilhamos elas num canto, usamos, colocamos fora de seu lugar, depois arrumamos tudo novamente, algumas coisas em prateleiras, outras no armarinho, até que começamos meio de propósito a esquecer-las em outros lugares. E daí um talher no meio dos lápis, uns livros nas gavetas da pia, ao lado daquele conjunto de vasilhas de plástico..

Tu vê, a gente meio que *lança a mão de tudo para dizer algumas coisas*, para fazer funcionar uma ideia. Estratégia. E essa frase nem é minha.

18

Escrever sobre isso. Lavando louça, e as páginas ficam molhadas etc. Os blocos vêm assim. Vem devastando tudo, é um acontecimento, e quando eles vêm, vem com força arrebatadora, é um tsunami.

Quando eles vem, vem com tudo, não importa o que eu esteja fazendo, na hora que eles vem, eu paro tudo para coloca-los no papel. Daí já viu, corre para achar papel, algo com o que escrever, lápis caneta carvão tijolo, tudo que rabisque, escrevesse até no corpo se for preciso, e muitas vezes eu o fiz. Não importa se mão está suja de graxa, cocô ou água. Às vezes era tão rápido que ficava ilegível depois. Às vezes a sujeira ou água molhava, e a mancha no papel fazia barrar uma parte.



Mas sei que quando começavam não paravam mais, uma carreia, uma avalanche. Quando começava eu ia alinhavando, escrevendo, algumas vezes mais devagar do que eu poderia pensar. Às vezes, no meio, eu pensava em outra coisa, catava outro papel, dava esse salto, escrevia nele, depois tentava voltar e esquecia, ficava com dois rascunhos inconclusos. Vieram todos assim, instintivos, não se sabe de onde e nem por quê.

19

Alguns surgiam enquanto eu estendia roupa, tipo esse, outros lavando louça ou andado de bicicleta, ainda havia aqueles que surgiam no meia de uma troca de fralda. Vários se perderam antes que eu anotasse, eu estava fazendo algo e pensava “depois eu escrevo”, mentira, lá se foi. Era algo que com o tempo eu aprendi a conviver. Com o tempo minha cabeça começou a funcionar desse modo, fragmentária, e isso de parar e anotar começou a ser parte da minha rotina. Lava, escreve, troca, estende, escreve, enxuga, escreve... Eu não sei se isso era algo que veio aos poucos, de fora, ou algo que já estava em mim, pouco a pouco, era a única maneira possível, de viver mesmo. Via repetição, blocos, girar em volta em tudo. Tudo dava bloco, dava tema, ensinava rascunho

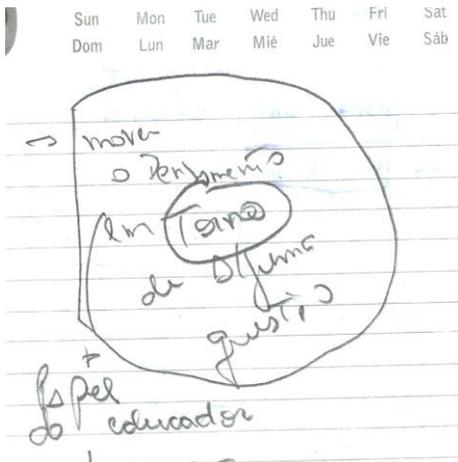
20

Fui meticuloso, cada detalhe era importante. Chegava a pegar as palavras, tentar compor com sinônimos ou antônimos, com os mesmos verbos usados, a mesma entonação, o mesmo tempo. Cada um era pensado assim, estrategicamente. Lapidei um a um, era um trabalho de vai e volta. Cada um foi talhado palavra a palavra. Eu poderia ficar horas olhando para ele e não fazer absolutamente nada. Era sim, cada um poderia demorar o tempo que fosse, uma tarde, uma semana, ou uma vida inteira para acontecer.

21

Quando eu estava perdido comecei uns encontros de acompanhamento de escrita com Ana Godoy (uma das entrevistadas) via internet. Ela que me “botou no eixo”, potencializou algo que já estava em mim numa simples reviravolta no meu modo de fazer. Tinha esse problema de fazer texto contínuo, uma reflexão longa, e o trabalho não avançava. “Faz em blocos” ela disse, “as coisas vêm assim, sem desencadeamento. A gente que cria eles, mas quando elas vêm, elas vêm assim, meio fragmentadas”. Não foi bem isso que ela me falou, mas foi algo assim. Me encontrei nisso, e nunca mais fiz outra coisa que não isso. Só isso era possível. Escrever demanda tempo, tem relação com as circunstâncias, tem a ver com uma parada, que era cada vez mais rara para mim. Desse modo escrever em blocos me possibilitou trabalhar pequenas ideias ao longo dele, sem me preocupar em realmente amarrá-las uma a outra. Daí surgiu essa coisa de fazer blocos.

22



Foi quando Guilherme falou isso em uma ocasião que essas coisas vieram a mim feito imagem. Já havia feito parte dessa dissertação, e quando ele terminou essa frase, tudo fez sentido, tinha feito isso a vida toda e não sabia. Daí surgiu essa coisa de girar em volta.

32.

Optei pela escrita por blocos – quase aforismos. Não afeita a desenvolvimentos, a grandes pensamentos cheios de continuidade. Afeita sim à colagem, a sobreposições e justaposições – alternâncias e entrelaçamento – sigo aqui um modo que pode ressoar a maneira de compor de muita gente. As coisas funcionam como que por encaixe e algumas justaposições. É mais fácil e aparentemente mais livre dispor algumas idéias, tomá-las como centro, dar alguns giros à sua volta; encontrar uma linha de fuga que leve a outra questão, estabelecer um novo cantinho para novos giros. Depois voltar, voltar e voltar muitas vezes, refazendo os cantinhos, retomando os eixos, encontrando novas escapadas. Algumas idéias voltarão mais de uma vez, a cada vez imantadas por um novo ambiente: Justapor... talvez seja apenas o sinal de não saber, ou dificuldade em compor desenvolvimentos. Simplesmente fazer ritornelos.

23

Fiz de tudo com esse trecho do Silvio Ferraz⁴⁷. Copiei diversas vezes, coleí ele pela casa, tatuei ele no corpo, transcrevi ele em muitas línguas, fiz recortes de palavras, tentei escreve-lo de outro modo, fiz alicerce com ele, usei para segurar porta, li em voz alta em todos os cômodos, fiz minha filha aprender de cor, li por horas ininterruptas até que sua repetição produzisse algo monossilábico, alguma coisa como um mantra, não muito pela ideia que carrega mas pelo som que ele fazia. Daí surgiu essa coisa de girar em volta e de fazer blocos.

⁴⁷ Ferraz, Silvio (2004). Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]. Rio: Ed. 7 letras.

O projeto que eu fiz para entrar no mestrado chamava: *Três (ou mais) questões sobre mapas, máquinas e ladainhas: do fazer carto-gráfico, do fazer, e do fazer-se*. Era meio que uma continuação das discussões sobre cartografia e mapeamento que eu queria elaborar mais e que vinham do meu TCC. Iria juntar uma série de coisas, uma ideia de mapa e cartografia a partir de Kastrup (2009)⁴⁸, alguns conceitos de Deleuze e Guattari sobre máquina, *phylum maquinico*⁴⁹, que nunca consegui entender nem desenvolver muito bem, e algo de ladainha⁵⁰ que eu tinha tirado de Ferraz (2005). Juntaria isso tudo e as coisas das oficinas para ver o que dava. Estava na época com essa ideia que eu peguei de um trecho de um texto do Larrosa (2014)⁵¹, em que ele colocava que a pesquisa em educação era tripla, que nos obrigava a repensar a educação, as linguagens e métodos, e a si mesmo como pesquisador. Como eu já tinha pensado em algo assim, queria usar essa coisa dos três

⁴⁸ PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

⁴⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

⁵⁰ E a surpresa é justamente aquele momento em que alguma coisa foge a ladainha, alguma coisa que está dentro da ladainha, algo que até poderia ser previsível, mas que não era. De repente algo uma nota traía a harmonia, desfaz o perfil principal da frase musical, uma sonoridade leva para outro espaço de ressonância. Esse momento não ocorre só vez ou outra. A música [oficina, educação] é feita desses jogos de criar e desfazer lugares (FERRAZ, 2005, pg 37-38, grifo meu).

⁵¹ LARROSA, Jorge. Como entrar no quarto da investigação Vanda: notas sobre a investigação como experiência (tendo como referência três filmes e alguns textos de Pedro Costa) e considerações sobre a investigação como verificação da igualdade (tendo como referência alguns textos de Jacques Rancière). In.: *Encontrar a escola; o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação*. Org. Fabiana Fernandes Ribeiro Martins, Maria Jacinta Vargas Netto, Walter Omar Kohan. 1ª edição – Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ. 2014.

para estruturar a dissertação, que eu tinha dividido em: *O que pode a cartografia escola? Como dizer sem dizer? Como se chega a ser o que se é?* No meio disso, eu já tinha colocado tanto gente para falar de mapas, de cartografia, de educação, de *building* como formação, de pesquisa em educação como dobra em si mesmo, sobre invenção e autopoiese a partir de Maturana. Era tanta a mistura, tinha tanto sobrenome, que o que me restava era preencher as lacunas ali que o trabalho estava pronto. Não sei em que momento eu me cansei disso tudo, e abri mão de algo quase certo, apesar de precário, para me lançar em algo que eu não sabia muito bem o que era e no que iria dar. Claro, eu fiquei com a reverberação disso tudo, um extrato que eu inventei de chamar de *Da oficina, do ofício, do oficineiro*.

7:00 Pensar o que de artesanal há no
 7:30 fazer-educador tendo como modo de
 8:00 Trabalho práticos com oficina?
 8:30
 9:00 É como o fazer de oficinas pode dar
 9:30 pistas para pensar a questão da
 10:00 formação de um educador-oficineiro,
 10:30 assim como a constituição de seu
 11:00 ofício, de seus modos de fazer
 11:30 de pesquisador, de articular
 12:00 Em suma, como ele modula, como
 12:30 compõem, como cria na relação dele
 13:00 com algo que lhe é maior
 13:30 (o conhecimento, a arte, o saber etc.)
 14:00 e pela dobra em si, e no que
 14:30 faz, ele se constitui (Educação como criação)
 15:00
 15:30
 16:00
 16:30
 17:00
 17:30
 18:00
 18:30
 19:00
 19:30
 20:00
 20:30
 21:00

Pensar o que de artesanal há no fazer-educador tendo como, modo de trabalho (será?) práticas com oficina? E como o fazer oficinas pode dar pistas para pensar a questão da formação de um educador-oficineiro, assim como a constituição de seu ofício, de seus modos fazer, pesquisar, de articular, em suma, como ele modula, como compõem, como cria na relação/encontro dele com algo que lhe é maior (conhecimento, área, matéria, saber etc.) e pela dobra em si, e no que faz, ele se constitui (Educação como criação) – Poiesis: Algo onde antes não existia, fazer aparecer. Fabricar ou produzir os processos artesanais do fazer?



Capa da primeira versão do trabalho - montagem com conjunto de anotações

24

Já estava farto. Era tanto papel jogado, misturado com comida, com brinquedo, com coisas de aula, com fios, com coisas de costura, que minha mesa de trabalho parecia uma “praça de guerra”. Era impossível trabalhar ali. Tinha que arrumar toda vez que queria começar a escrever. Tinha sempre algo a fazer antes de sentar e escrever, não era só se sentar e pronto. Depois eu tinha ainda que ficar revirando papel para achar uma anotação, um rabisco que eu tinha feito e iria usar para escrever uma parte. Por vezes eu perdia, esquecia do que se tratava, tinha vezes que eu nem entendia o que estava escrito. Outras eu achava que o papel era meu e não era, algo das aulas, uma lista de compra, um xerox velho, uma conta para pagar. Teve um tempo que por conta disso eu só fiquei catando “oficina” por todo o canto. Onde eu conseguisse identificar a palavra oficina escrita, eu amontava em um canto, os outros eu deixava para depois ver. Acho que foi assim o trabalho inteiro. É bem verdade, tive que “caçar” ela por tantos lugares (bloquinhos, textos, livros, conversas, placas, entrevistas, nas falas dos outros). Isso aconteceu tantas vezes que incorporei isso como ao “método” de girar em torno, e o utilizei para resumir textos, pegar algumas partes que interessava, ver como a oficina funcionava ali, as palavras próximas, os verbos que ela estava atrelada, quando queria entrar em alguma coisa (texto, entrevista etc.) e não sabia como, eu primeiro ia procurar oficina nele para ver o que eu achava. Foram tantas as vezes que fiz isso que, depois de um tempo, só o que conseguia fazer era colocar a oficina no meio e a partir dela ver o que eu encontro.

25

Penso que não fiz outra coisa que não tentar fazer desse trabalho uma forma de mostrar as maneiras, os modos, as ferramentas, os materiais, as rasuras, as engenhocas, as estratégias, criações, os processos, as referências, as técnicas, os encontros de uma forma de realizar certo ofício.

DO OFICINEIRO

Habitar o mundo como oficinairo.

Trabalhar essa linha entre quem escreve e o que se escreve; se expor mediante a escrita; como há vida fora de um trabalho acadêmico; trabalho-vida, escrita-vida; onde escrever, pensar e viver se cruzam; pensar a formação; o que constitui um educador; alargar ideia de pesquisa; mostrar como essa dissertação atravessa minha vida e vice-versa.

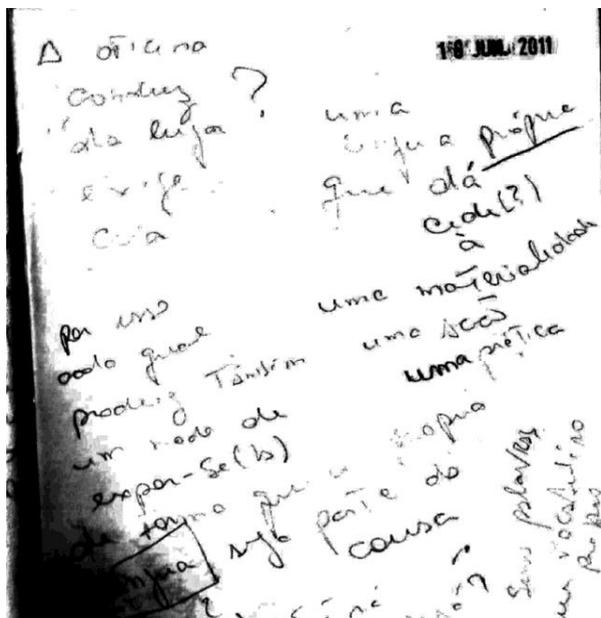
1

Os fios que o oficinairo empresta a essa trama são, no final das contas, ele mesmo, ou seja, o tema e as estratégias que usa são ligados muito mais ao que ele gosta, a algo que tenha importância existencial do que algo que ele "deva" dizer como obrigação contratual. Assim, a eleição do tema de uma oficina estaria mais ligada ao que escolheria como passatempo, ou como premente, inadiável ou ainda como poético, embelezador da sua vida. Tais fios devem sair dele como saem os da aranha, fios que são resultado do que come, da caçada que emprende

diariamente e não adereços que o seu poder de compra permite adquirir no mercado. (p.73)

2

Era tanto bicho que tinha. Insetos, moluscos, caninos, aracnídeos, suínos. Uma fauna tão variada desses seres que a primeira versão desse trabalho, antes da qualificação, parecia mais um ecossistema que uma dissertação, tinha mais a ver com etologia que educação. Alguns faziam teia entre os parágrafos, uns ocupavam um capítulo inteiro como uma toca, tinha aqueles que eu usava, tipo objeto, outros ainda eu tomava emprestado suas características para metaforizar (ou metamorfosear). Tinha um porco que atravessava o trabalho inteiro, que eu usava durante minhas oficinas, e esteve presente em todas as entrevistas; um tópico “*de como um caracol faz sua concha*”, que era para falar da oficina como lugar; um cachorro que aparecia em uma entrevista para falar da atenção que o oficinheiro tem em relação ao seu tema, atenção de corpo inteiro; uma aranha e suas teias para dizer da minha relação com um texto e para pensar a oficina como encontro. A bicharada era tanta que o último capítulo eu chamei de *Para onde corre a bicharada ou afinal para que isso tudo?* Era tudo culpa da aranha escondida no último parágrafo do texto, ou das formigas do quintal da minha casa.



*A oficina conduz, dá lugar, exige, cria?
 Uma materialidade, uma ação, uma prática
 Por isso cada qual produz um modo de expor-se e expô-la,
 da forma a própria língua (?) suas palavras, seu*

Era quase sempre assim. Eu poderia dizer que esse foi o modo como o trabalho foi feito, como eu recolhia o material, as coisas que eu achava que poderiam ter a ver, e que me ajudariam a dizer algo. Encontrei-o sem esperar muito, lendo um livro sugerido como bibliografia de uma disciplina que eu fazia no curso de pós em licenciatura na UFSC. Nem procurava nada e de repente achei, e guardei nos meus bloquinhos de anotação. Era isso, eu ia encontrando coisas que diziam melhor que eu aquilo que eu queria dizer sem sabê-lo.

*Sempre evitei falar de mim,
 falar-me. Quis falar de coisas.
 Mas na seleção dessas coisas*

não haverá um falar de mim?

*Não haverá nesse pudor
de falar-me uma confissão,
uma indireta confissão,
pelo avesso, e sempre impudor?*

*A coisa de que se falar
até onde está pura ou impura?
Ou sempre se impõe, mesmo
impuramente, a quem dela quer falar?*

*Como saber, se há tanta coisa
de que falar ou não falar?
E se o evitá-la, o não falar,
é forma de falar da coisa?*

*Dúvidas apócrifas de Marianne Moore
João Cabral de Melo Neto*

dissertação tinha ao menos 10 páginas em que eu tentava desenvolver isso usando minhas memórias escolares como pano de fundo, dividido em dois: lenga-lenga e olvidar.

4

Sempre tive essa coisa com a palavra, uma cisma visse. Tu vê, elas atravessam todo esse negócio, meus garranchos são ligeiros para não se evaporarem entre a cabeça e o papel. As ideias não grudam por muito tempo na cachola. Das palavras quase sempre elas vinham juntas, eu as anotava, de depois dava um sentido para elas, criva um lugar, um contexto para colocar a tal frase aleatória. Foi meio assim, *da oficina, do ofício, do oficineiro* apareceu num instante qualquer, e depois que apareceu, nunca mais consegui pronunciar elas em separado, elas eram uma coisa só, tipo: “*daoficinadooficiodooficineiro*”. Grudei nisso e tudo que fiz nesse trabalho foi criar lugares para encaixa-las assim., juntas, como algo que não se separa. As vezes essas frases vinham como começo, tipo “sempre tive essa coisa com palavra” ... Se eu fizesse uma lista de começos, daria a ver o esqueleto desse trabalho, cada bloco talhado a muito custo a partir de uma frase que surge.

5

Tens um trabalho bastante exigente, pois a oficina envolve uma reviravolta de perspectiva, que foi muito dolorosa, difícil, trabalhosa, na qual se investiu muito, energia pessoal, muita coisa na época era difícil, mas com muita alegria. Tanto que nunca se parou de fazer isso. A oficina, como ela existe hoje, tem um investimento de força de juventude, no sentido de pessoa disposta a mover pensamento, isso pra mim é um jovem, e não um jovem de idade.

6

Eu tenho essas “manias de velho” desde que me conheço. Sou meio resmungão, falo sozinho, ando meio curvado, sou dado a gostar de palavras como taciturno, sou meio ranzinza. Sou dado a esquecer coisas facilmente, talvez por isso eu anote em qualquer lugar antes que elas se

percam por aí. Desde uma aula, umas ideias, umas frases ou receita e lista de mercado. Não sei se movi alguma coisa. Acho que fiz o que sempre fiz, catei umas coisas ali, roubei outras, outras agrupei num cantinho. Peguei um pouco de cada um que eu encontrei pelo caminho, não importava o que: um trejeito, uma frase, um modo de fazer. Cada vez que algo interessava, isso grudava em mim,, e quando incorporava mesmo, eu já não sabia se era meu ou era do outro. Uma das coisas que me incomodou é que fisicamente me movi pouco, não fiz oficina alguma. Isso sempre foi um certo ranço, “eu não faço o negócio e estou querendo falar sobre ele”. Antes e durante as entrevistas, eu não tinha contato com quase ninguém, a não ser com um monte de papel e uns livros, e umas conversas com amigos que foram ficando mais raras. Foi meio sozinho isso. Escrever é um negócio solitário, a gente quase sempre ouve uns murmúrios quando vai escrevendo, acho que meio que são ecos de quem se lê ou entrevista. Mas é um lugar bom de estar. Escrever era meio que habitar um lugar para esquecer coisas, para fazer algo além da rotina, além de si mesmo, sei lá. Não fazer oficina e falar de oficina sempre me foi difícil de aceitar. Daí eu inventei esses negócios aí, mecanismos para incorporar um modo de fazer (meu modo de fazer e pensar uma oficina) naquilo que eu estava fazendo. Mas isso não veio antes, foi um processo custoso, de pensar, criar, largar, girar, rabiscar e jogar fora tudo. Se movi algo foi dando voltas em alguma coisa. Eu até poderia usar alguma coisa sobre uma certa noção de viagem e citar meia dúzia de palavras para justificar que é possível se mover parado fisicamente, que isso tem algo de pensamento, algo de intensivo, mas não vou não.

7

Nada realmente te prepara para o que virá. Quando eu vi, foi tudo tão rápido, tão diferente do que a gente havia idealizado, que eu esqueci tudo e agi instintivamente. Tinha feito um curso sobre parto e pós-parto, anotado algumas coisas em uns papeizinhos, seria uma cola para quando a hora chegasse. Imagina a cena, você ali, tudo acontecendo, e eu tirando do bolso esses papéis para tentar saber o que fazer. Não sei em que momento do *escurinho*, *apagar a luz*, *melhor são as verticais*, *caminhar*, *colocar no pé e tornozelo*, *coli kids*, eu jogaria isso fora. Se isso não tivesse tão presente hoje, eu nem saberia do que se tratava. É certo que há diversos outros papéizinhos: um sobre massagem, outro com desenhos de como dar banho, outros de como fazer para desafogar, aquele que marcava os minutos das contrações, muitos, muitos outros, cada um em um lugar diferente. Acho que esse foi o dia das aulas de massagem para parto/pós-parto.

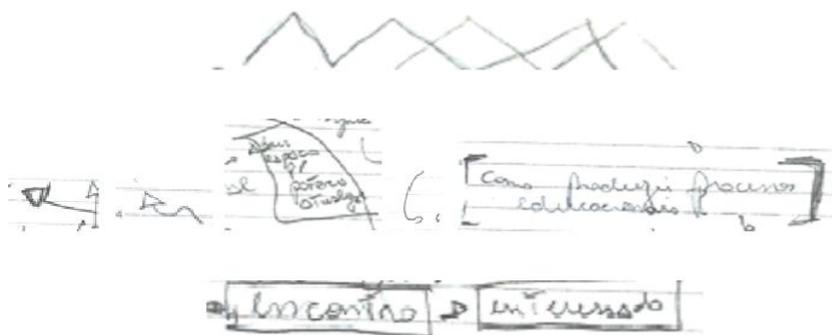
8



9

Nada realmente te prepara para o que virá. Quando eu vi, foi tudo tão rápido, tão diferente do que a gente havia idealizado, que eu esqueci tudo e agi instintivamente. Tinha feito um curso, umas disciplinas, tinha lido tanto, anotado tantas ideias em uns papeizinhos, seria uma cola para quando a hora chegasse. Imagina a cena, eu ali, tudo acontecendo e, na dúvida, tiraria do

bolso esses papéis para tentar saber o que fazer ou dizer. Não sei em que momento do *como produzir processos educacionais, encontro interessado, presença, mover o pensamento, criar condições de convivência*, eu jogaria isso tudo fora. Se isso não tivesse tão presente hoje, eu nem saberia do que se tratava. É certo que há diversos outros papéizinhos: as anotações das entrevistas, sobre ofício, alguns pensamentos a mais, algumas formas de organizar, muitos, muitos outros, cada um em um lugar diferente. Acho que esse foi o dia do encontro com você em uma disciplina com a Ana.



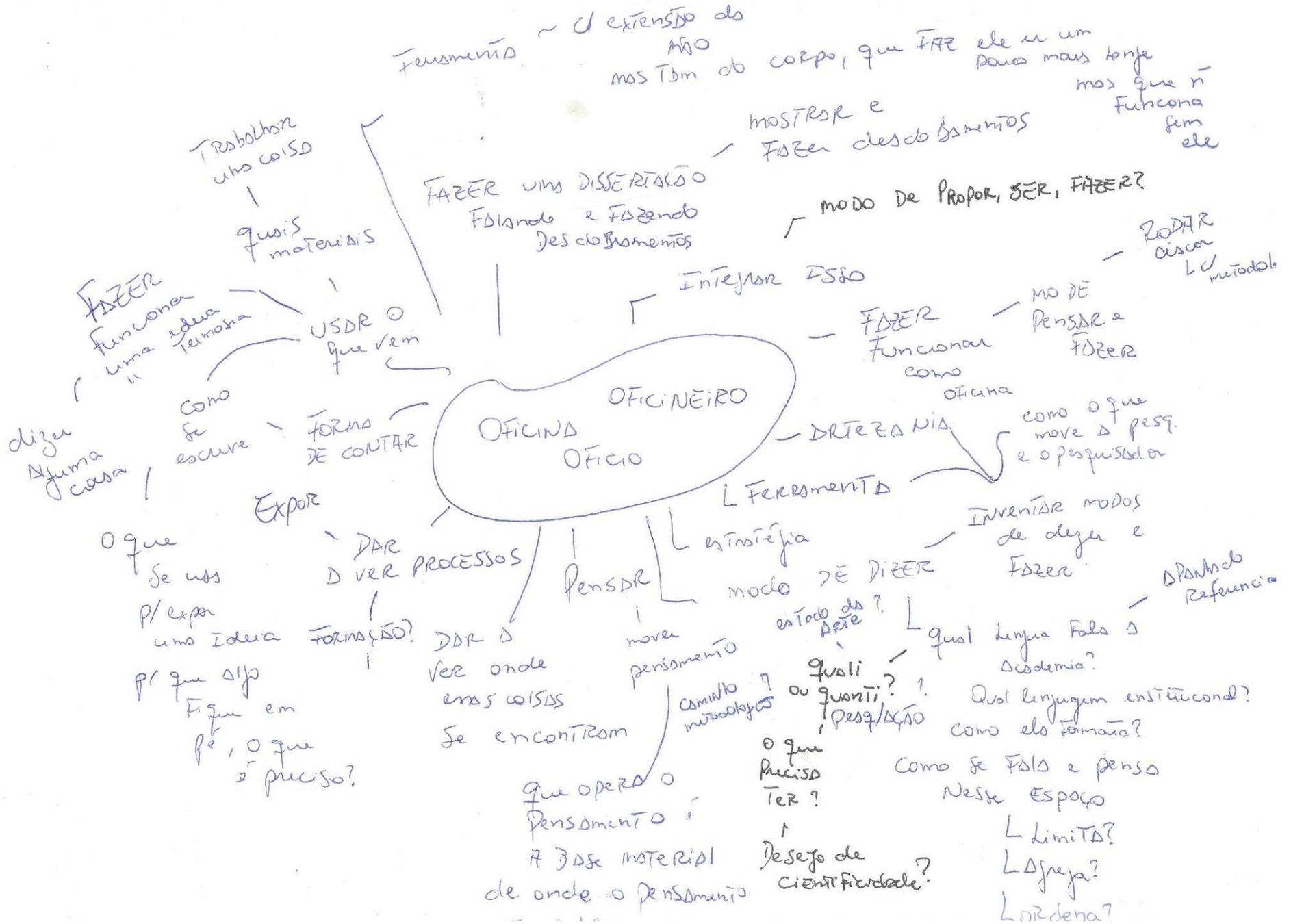
10

A gente tem uma maquinaria escolar, e uma máquina oficina. São imagens que podem te ajudar a pensar. Qual o funcionamento dessa maquinaria escolar, e da máquina oficina? A oficina enquanto máquina, ou então, o dispositivo de educação escolar, e a oficina enquanto dispositivo (aquilo que é feito do dito e do não dito sobre determinada coisa).

11

É certo que a oficina tinha uma relação com a escola, com as limitações por ela impostas, por sua estrutura, pelo que ela é e produz. É certo que eu passei pela escola não querendo estar lá, que os efeitos que ela produziu em mim são devastadores, são pra vida inteira, transformaram meu modo de ser, cujo efeito eu ainda sinto. A escola me atravessa e eu a ela, e aqui, ela continua atravessando, de um modo ou de outro, mesmo imperceptível, dissimulada, mesmo que ela não se apresente como problema a ser pesquisado ou trabalho. Apesar disso, é um lugar em que eu gosto de estar. Aqui, evitei falar dela, de estabelecer relação entre oficina e ela. Durante minhas oficinas, eu quase nunca percebi ela como empecilho, não se apresentou dessa forma. Por isso, ela passa pouco por aqui, prefiro não dizer nada dela, ao invés disso, falei desse processo de compor um trabalho, de cuidar de casa, de embaralhar essa coisa de pai, educador, oficineiro, mestrando, marido.

Assim, não fiz outra coisa que tentar fazer desse trabalho meio de apresentar como ele é atravessado por coisas fora do texto, desde rotina doméstica, criar uma filha, ver cursos pré-natal, até pensamentos, incômodos, questões, situações, coisas que não deram certo, que falham. Coisas que cortam o trabalho inteiro, que influenciam em como se escreve, nas coisas que se aborda, que podem dar bons blocos, que implicam uma na outra, e são um modo de fazer-se oficineiro.



Ele tinha sido inteiro composição, não fiz outra coisa que não orquestrar e arranjar.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi um nome precário em que me segurei desde o começo.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi uma ideia que eu persegui durante dois anos.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi uma ideia em que eu fiquei preso durante dois anos.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi uma teimosia.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi uma forma de eu exercitar uma maneira de fazer rodopiando, orbitando, dando voltas em algo.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi um uma tentativa de exercitar formas de escrever, ler, pesquisar, falar e conhecer.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um incomodo com o desejo de cientificidade que a educação tem por si mesmo, quando isso significa produzir eficiência, paramentos, padrões a se repetir, modelos, dados, conceitos, antes de desejo e a vontade de conhecer.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi uma estratégia, um modo de dizer e fazer, uma ferramenta para compor uma dissertação sobre desdobramentos de um texto, falando e fazendo desdobramentos.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um modo como eu segui fazendo, depois de querer parar.

Da oficina, do ofício, do oficineiro foi um modo que eu que eu usei para poder conversar com outras pessoas sobre algumas coisas comuns que nos atravessam: um texto, oficina, o Guilherme.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma contribuição

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma inserção

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma proposição

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um conglomerado

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um diálogo

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um convite

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma inquietação

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um filho gestado e parido

Da oficina, do ofício, do oficineiro é um produto de reflexão e transformação

Da oficina, do ofício, do oficineiro não é um ponto de chegada

Um dia eu estava estendendo roupa e me ocorreu algo assim: *Da oficina, do ofício, do oficineiro é um modo de fazer, de propor e de ser, era 3 da tarde.*

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma vontade de falar e conhecer de outro modo.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma tentativa de habitar outro mundo mediante a escrita.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é uma tentativa transformar uma pesquisa em tema de pesquisa.

Da oficina, do ofício, do oficineiro é...

BIBLIOGRAFIA

ANDER-EGG, Ezequiel. E! taller una alternativa para la renovació11 pedagógica. Buenos Aires: Magistério, 1991

ARROYO, Miguel G. Officio de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUGSBURGER, Luiz Guilherme. O que pode a amizade? movimentos cartográficos e educação em terras de clausura. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BASTOS, N. A., BUSTOS J. G. E! taller. Revista trabajo social. Chile nu 3, p. 38, 1989.

CARIOBA, Cristiano Binotti Muller. Geografia, futebol e globalização: um olhar sobre o mundo a partir do mundo da bola. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

CARIOBA, Cristiano Binotti Muller. Uma partida de futebol: globalização e ensino de geografia. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

CORRÊA, Guilherme C. (1998). Oficinas: apontando territórios possíveis em educação. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Dezembro.

CORRÊA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. Pedagogia Libertária: experiências hoje. p.119. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

CORRÊA, Guilherme. Educação, comunicação, anarquia. Procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

CUMBERES, Maria Tereza G. El taller de los talleres. Buenos Aires: Estrado 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FERRAZ, Sílvio. Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição] – um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FONSECA, Luiza Nunes. Relato de uma viagem de formação: como é que a gente se torna um geógrafo educador. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. Geografia com plantas medicinais: formas de resistir e (re)inventar existências. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

FREITAS, Michele Martinengui Sidronio de. Educação como invenção: o lambe-lambe e as potencialidades de uma aprendizagem em fuga. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

GUERRA, Maria Luiza Pinto Lemos; PEY, Maria Oly. A oficina os saberes e os sabores do pão como prática educativa: um outro olhar sobre o conhecimento disciplinar escolar /. Florianópolis, 1998. [137] f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

HAUSER, Arnold. História social das artes e da literatura/Arnold Hauser; tradução Álvaro Cabral. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ILLICH Ivan. A convivencialidade. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973 (a).

KASSICK, Clóvis Nicanor et al. Pedagogia Libertária, Perspectiva Ano 15-No. 27, Florianópolis, Janeiro-Junho de 1997

KASSICK, Clovis Nicanor. Os caminhos da ruptura do autoritarismo pedagógico: o estabelecimento de novas relações sociais como possibilidade de novas relações de trabalho. Florianópolis: UFSC/Centro de Educação, 1992. (Dissertação de Mestrado).

LARROSA, Jorge. Como entrar no quarto da investigação Vanda: notas sobre a investigação como experiência (tendo como referência três filmes e alguns textos de Pedro Costa) e considerações sobre a investigação como verificação da igualdade (tendo como referência alguns textos de Jacque Rancière). In.: Encontrar a escola; o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação. Org. Fabiana Fernandes Ribeiro Martins, Maria Jacinta Vargas Netto, Walter Omar Kohan. 1ª edição – Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ. 2014.

MACEDO, Maynine Souto de. O uso de smartphones no ensino de geografia: algumas possibilidades para o ensino médio. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

MATURANA, Humberto A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana/ Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela; trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin; ilustração: Carolina Vial, Eduardo Olivares e Marcelo Maturana Montañez –São Paulo: Palas Athena, 2001

MORIEL Douglas Cabral. Experiências de Educação em Geografia na recuperação de áreas degradadas e/ou abandonadas em espaços escolares através de processos agroecológicos e permacultura. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) -

Universidade do Estado de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

Oficinas de ensino? O que? Como? Elaine Vieira, Léa Volquind – 4 eds. Porto Alegre: EDIPIURGS. 2002.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEY, Maria Oly. Oficina de Alfabetização Técnica: propondo uma modalidade de trabalho educativo. Florianópolis: Movimento - Centro de Cultura e Autoformação, Série Livros Livres no. 1. 1994.

PEY, Maria Oly. Alfabetização Técnica: a Arte de Aprender Ciências e Matemática.

Ijuí: Editora da UNIJUI, 1992.

PEY, Maria Oly. Educação: o olhar de Foucault. Florianópolis: Movimento - Centro de Cultura Autoformação, Série Livros Livres no. 2. 1995.

PEY, Maria Oly. Pedagogia Libertária: experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000

PEY, Maria Oly. A escola e o discurso pedagógico. São Paulo: Cortez, 1988. 159p

PEY, Maria Oly. Oficina como modalidade educativa. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, v.15, n.27, p.35-63, jan./jun. 1997

PEY, Maria Oly. Reflexões sobre a prática docente. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

PINHEIRO, Sandro. Perspectiva da Cartografia Social para a Geografia Escolar. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina,. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme Carlos. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. Revista de Estudos Universitários, v. 37, p. 167-179, 2011.

PREVE. Ana Maria Hoepers. Sexualidade, quem precisa disso? A trajetória de uma oficina. Florianópolis, 1997. Mestrado em Educação da UFSC.

RANCIÈRE, Jaques. O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual/Jaques Rancière: trad. De Lilian do Valle – 3. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

READ, Herbert. A educação pela arte. Lisboa: Livraria Martins Fontes Ltda, 1958.

RIBEIRO, Danilo Stank. Geografia experimental do corpo. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Ana Maria Hoepers Preve.

SÁ, Raquel Stela de. A oficina como ferramenta educativa: do corpo disciplinar ao corpo vibrátil - uma abordagem libertária contemporânea. Florianópolis, 2002. 241 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS2484.pdf>

SARTORI, Ademilde. O desejo de saber fazer a arte de aprender ensinar fazendo.. Dissertação de Mestrado em educação, UFSC, Florianópolis, 1993.

SENNETT, Richard. O artífice, trad. Clovis Marques – 4ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

SIEBERT, Stela de Sá. et al. Educação Libertária: textos de um seminário. Rio de Janeiro: Achiamé; Florianópolis: Movimento-Centro de Cultura e Autofomação,1996.

SILVEIRA, Sônia Maria. O teatro de bonecos como prática educativa: um estudo dos limites e possibilidades nas séries iniciais do Io. Grau, na escola pública. Florianópolis, 1997. Mestrado em educação da UFSC.

TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. Educação & Sociedade, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 76-82, maio 1979

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

